

ZENY DUARTE  
ARMANDO MALHEIRO DA SILVA  
ORGANIZADORES



# OS MÉDICOS E A CULTURA EM PORTUGAL E NA BAHIA

OLHAR(ES) INTROSPECTIVO  
E ANALÍTICO SOBRE O  
“MODO DE SER E DE ESTAR”  
MÉDICO-CULTURAL



# **OS MÉDICOS E A CULTURA EM PORTUGAL E NA BAHIA:**

*Olhar(es) introspectivo e analítico sobre o  
“modo de ser e de estar” médico-cultural*

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

*João Carlos Salles Pires da Silva*

Vice-reitor

*Paulo César Miguez de Oliveira*

Assessor do Reitor

*Paulo Costa Lima*



## EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

*Flávia Goulart Mota Garcia Rosa*

Conselho Editorial

*Alberto Brum Novaes*

*Ângelo Szaniecki Perret Serpa*

*Caiuby Alves da Costa*

*Charbel Niño El Hani*

*Cleise Furtado Mendes*

*Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti*

*Evelina de Carvalho Sá Hoisel*

*José Teixeira Cavalcante Filho*

*Maria Vidal de Negreiros Camargo*

Zeny Duarte  
Armando Malheiro da Silva  
Organizadores

# **OS MÉDICOS E A CULTURA EM PORTUGAL E NA BAHIA**

*Olhar(es) introspectivo e analítico sobre o  
“modo de ser e de estar” médico-cultural*

Salvador  
EDUFBA  
2016

2016, Autores.  
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.  
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e Projeto Gráfico

*Igor Almeida*

Revisão

*Larissa Caroline D. Borges*

Normalização

*Francimar Dias Pereira de Carvalho*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

---

O489 Os médicos e a cultura em Portugal e na Bahia : olhar(es) introspectivo e analítico sobre o “modo de ser e de estar” médico-cultural / Zeny Duarte, Armando Malheiro da Silva, organização ; Robert E. Verhine, prefácio. – Salvador : EDUFBA, 2016.  
224 p.

ISBN 978-85-232-1463-0

1. Ciência da informação. 2. Medicina. 3. Médicos. 4. Vida cultural. 5. Portugal.  
6. Bahia. I. Duarte, Zeny, org. II. Silva, Armando Malheiro da, org. III. Verhine, Robert E., pref. IV.  
Título: Olhar(es) introspectivo e analítico sobre o “modo de ser e de estar” médico-cultural.

CDU: 02:61(469+813.8)

---



Editora afiliada à



Editora da UFBA  
Rua Barão de Jeremoabo  
s/n – Campus de Ondina  
40170-115 – Salvador – Bahia  
Tel.: +55 71 3283-6164  
Fax: +55 71 3283-6160  
www.edufba.ufba.br  
edufba@ufba.br

*Com a morte de cada homem termina um universo cultural específico, mais ou menos rico, mas sempre original e irrepetível. O que o homem deixa quando morre – os seus escritos, os objectos culturais que criou, a memória da sua palavra, dos seus gestos ou do seu sorriso naqueles que com ele viveram, os filhos que gerou – tudo exprime uma realidade que está para além do corpo físico, de um certo corpo físico que esse homem usou para viver o seu limitado tempo pessoal de ser homem.*

Daniel Serrão (2010)  
Viver, envelhecer e morrer com dignidade.



# SUMÁRIO

Prefácio  
*Robert E. Verhine*

11

## PARTE I – AO PRINCÍPIO... UM PROJETO MULTIPLICADO!

“Para memória futura...”  
*Zeny Duarte & Armando Malheiro da Silva*

17

## PARTE II – DEPOIMENTOS

Medicina, Filosofia, Bioética: um percurso pessoal  
*Daniel Serrão*

57

O que me impele a pintar?  
*Jorge Resende Pereira*

67

Júlio Dinis: acerca da biografia de um escritor-médico  
*Carmen Matos Abreu*

69



João Barreira: da Medicina para a História da Arte  
*Catarina Fernandes Barreira*

**81**

Miguel Torga  
*Maria da Assunção Morais Monteiro*

**87**

Trás-os-Montes de Miguel Torga  
*Zeny Duarte*

**91**

Miguel Bombarda: o Edifício da Escola Médico-Cirúrgica de  
Lisboa e o XV Congresso Internacional de Medicina – Lisboa, 1906

*José Luís Dória*

**97**

Pioneirismo e notoriedade de Maria Domitília Hormizinda  
Miranda de Carvalho

*Fernanda Maria Melo Alves*

**123**

Depoimento do dr. Alfredo Ribeiro dos Santos

*Zeny Duarte*

**131**

Rita Lobato Velho: a primeira médica formada pela  
Faculdade de Medicina da Bahia

*Ademir Silva & Teresa Coelho*

**139**

Ronaldo Ribeiro Jacobina entrevista Eliane Elisa de Souza Azevêdo

*Ronaldo Ribeiro Jacobina*

**153**

O reitor Edgard Santos e a projeção internacional da  
Universidade Federal da Bahia

*Roberto Figueira Santos*

**167**

Roberto Figueira Santos: médico e educador  
*Edivaldo Machado Boaventura*

**177**

Juliano Moreira: uma luminosidade baiana no céu intelectual do Brasil  
*Ronaldo Ribeiro Jacobina*

**185**

O jornalista, escritor e “médico prático” Sérgio Cardozo: 1858-1933  
*Ronaldo Ribeiro Jacobina*

**193**

Dom José Silveira: com seu santo e seu fôlego contra o maior  
flagelo dos baianos de seu tempo  
*Ronaldo Ribeiro Jacobina*

**199**

Antônio Carlos Magalhães: o médico que diagnosticou a política  
*Fernando Vita*

**205**

### PARTE III – A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Ponto de chegada  
*Zeny Duarte & Armando Malheiro*

**217**

Sobre os autores e colaboradores

**219**



## PREFÁCIO

---

Robert E. Verhine<sup>1</sup>

O livro *Os médicos e a cultura em Portugal e na Bahia: Olhar(es) introspectivo e analítico sobre o “modo de ser e de estar” médico-cultural*, de autoria dos professores Zeny Duarte e Amando Malheiro da Silva, é uma obra instigante. Aborda um tópico original e altamente relevante, aprofundando a hipótese de que a vida, o pensamento e a obra de médicos que se dedicam à cultura, através do desenvolvimento de atividades artísticas, literárias, filosóficas e políticas, deixam uma herança importante para a sociedade, tanto no Brasil quanto em Portugal.

O conteúdo deste livro é apresentado em três partes, a primeira escrita pelos organizadores tratando da motivação que os levou ao tema, dos aspectos conceituais e filosóficos, a segunda composta de 17 depoimentos que focalizam médicos, tanto do passado quanto do presente, destacados através da sua contribuição cultural e a terceira também escrita pelos organizadores, apresenta o arremate da obra. Dentre os personagens estudados incluem a primeira médica formada em Portugal, pela Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), o primeiro reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a primeira reitora dessa mesma instituição e um médico-político que foi uma das pes-

---

<sup>1</sup> Ex-pró-reitor de ensino de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

soas mais poderosas no Brasil no final do século XX. Os autores dos depoimentos são também pessoas de destaque, incluem médicos, professores e memorialistas, brasileiros e portugueses, que oferecem um conjunto de “olhares introspectivos e analíticos”, conforme assinala o título do livro.

Vale a pena chamar atenção para alguns dos elementos que tornam esta obra excepcional, e especialmente para mim, que atuo como gestor da UFBA e professor de metodologia da pesquisa. O primeiro é que, em uma época onde a internacionalização da universidade brasileira é meta do governo brasileiro, este livro é um verdadeiro produto internacional. O trabalho foi desenvolvido a partir de estágio de pós-doutorado realizado no exterior pela escritora, pesquisadora e atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA, prof<sup>a</sup>. Zeny Duarte. O projeto envolve pesquisadores não apenas de sua universidade, mas também da Universidade do Porto – local onde realizou pós-doutorado sob a supervisão de Armando Malheiro da Silva, com apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Assim, o trabalho fortalece relações interinstitucionais e internacionais, demonstrando a importância de uma política que valoriza a realização de estágios de pós-doutoramento no exterior.

Outro aspecto do livro a ser destacado é o seu foco na multi e na interdisciplinaridade. As duas tendências são exemplificadas nesta obra, pois são consideradas várias áreas disciplinares, relacionadas com a ciência da informação, medicina, a cultura, as artes, a política e a religião, integradas por ações de cunho individual e coletivo, lideradas por personagens historicamente significativos.

Os pesquisadores que participaram deste projeto não são apenas de diferentes instituições e países, mas também de diferentes áreas de conhecimento, tais como, ciência da informação, história, letras, linguística, ciências sociais e humanas, artes, comunicação, ciência da computação, educação e, evidentemente, a medicina. As articulações que a interdisciplinaridade exige são asseguradas pelos autores deste exemplar pela utilização de uma concepção ampla e sofisticada do termo “cultura”, baseada na sociologia e na antropologia, que considera a cultura um conjunto de representações estruturadas e codificadas, de

natureza mental e emocional, que são capazes de serem registradas e divulgadas. Deste modo, a cultura representa a “expressão do belo, estético, lírico, lúdico, filosófico e o social” e contempla atividades associadas com a escrita, a pintura, a música, a ciência, a política, a religião e a gestão de instituições acadêmicas.

Também é notável sobre esta publicação é a realização e o desenvolvimento da pesquisa propriamente dita. O trabalho investigativo partiu do Grupo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Ciência da Informação e Ciência da Saúde (GEPCIS) da UFBA, coordenado pela prof<sup>a</sup>. Zeny Duarte, que se encontra credenciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o qual desenvolve estudos sobre informação e saúde, iniciado na época em que se celebrava o bicentenário da Escola Médico-Cirúrgica, com sede estabelecida em Salvador em 1808, por iniciativa do regente Dom João. A pesquisa considera dimensões quantitativas (o cruzamento de variáveis) e qualitativas (a interpretação densa de entrevistas) e apresenta diferentes modelos de organização informacional. Tal investigação gerou uma grande quantidade de informações e conhecimentos inéditos, suficiente para alimentar uma série de publicações sobre um tema ainda pouco explorado.

Ao revelar o alto nível da pesquisa atualmente desenvolvida nas universidades envolvidas, o livro ressalta o papel da pós-graduação como *loco* para o desenvolvimento de atividades de cunho científico e intelectual. O Programa de Pós-Graduação em Ciência de Informação da Universidade Federal da Bahia, sob a coordenação de prof<sup>a</sup>. Zeny Duarte, possui uma ligação pessoal comigo. Ele foi por mim planejado quando pró-reitor pela primeira vez, na década de 1990. Naquele período, já discutíamos a necessidade de um mestrado na área em foco e, logo, aprovamos, pela Pró-Reitoria de pós-graduação, a implantação do primeiro curso de pós-graduação do Instituto de Ciência da Informação, ainda que *latu sensu*, em Arquivologia, coordenado pela prof<sup>a</sup>. Maria José Rabello de Freitas, inaugurando no Norte e Nordeste tal especialização. A partir desse curso, o Instituto tomou impulso e se desenvolveu, chegando hoje ao Programa de Pós-Graduação com mestrado e doutorado, bem avaliado pela Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Tenho acompanhado seu desenvolvimento e consolidação com muita atenção e fico orgulhoso pelo fato de que, nos tempos de hoje, o mencionado Programa exerce um impacto marcante, não apenas na região, mas também no âmbito nacional e internacional, contribuindo para a consolidação de uma área de conhecimento antigamente fragmentada – Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação e Museologia –, agora unificada e vibrante.

Outro fator que colabora para o valor deste livro é que sua leitura provoca análises comparativas de diversas formas. O conjunto de artigos estabelece comparações entre países, áreas de conhecimento, momentos históricos e diferentes trajetórias profissionais. É interessante comparar, por exemplo, o médico que prioriza seu trabalho médico, vendo suas atividades artísticas como complemento, e os que se dedicam à vida cultural, tendo a profissão (ou o título) de médico como porta de entrada, marca de *status* social e/ou forma de sustentação econômica.

Tais comparações geram algumas perguntas fundamentais. Será que vida cultural impacta positivamente na prática médica e no tratamento do paciente? O médico precisa de sensibilidade, compreensão humana e capacidade de empatia, características de pessoas intimamente envolvidas com a cultura. Porém, ele também precisa dedicar longas horas para sua profissão, constantemente pesquisando e se aperfeiçoando diante da necessidade, cada vez mais evidente, de lidar com novos conhecimentos e tecnologias, por um lado, e com demandas para Mais Médicos, por outro; É possível estabelecer equilíbrio entre essas tendências?; A vida dupla, de atividade médica e de produção cultural, é sustentável no mundo contemporâneo?; O que pode ser feito para assegurar que pessoas como as retratadas neste livro continuem contribuindo para o fortalecimento da medicina e da cultura, simultaneamente?

Assim, pelo exposto acima, eu recomendo a leitura deste livro a todos que se relacionam com as comunidades ligadas a ciência, medicina, informação e cultura ao tempo em que parabeno os autores da obra e os pesquisadores envolvidos pela concretização de um belo trabalho.

PARTE I

# **AO PRINCÍPIO... UM PROJETO MULTIPLICADO!**





## “PARA MEMÓRIA FUTURA...”

---

*Zeny Duarte*

*Armando Malheiro da Silva*

Vem de longe a propensão dos esculápios para as artes, a escrita, a filosofia, a política e outras áreas de atuação para além da ciência. O porquê desse pendor, que faz com que, em determinados momentos de suas vidas, dediquem-se a outros ofícios, é por eles próprios explicado de diversas formas.

Afeitos à realidade dual, vida-morte, pugnam pela conservação daquela e delongamento desta. O resultado do empenho concretizado no contraste vitória/derrota torna-os mais próximos do processo de criação e da tendência à escrita, ao desenho, à pintura e às demais formas de expressão do belo, estético, lírico, lúdico, filosófico, religioso e político-social.

Por outro lado, uma das qualidades esperadas no médico é a paciência. Infelizmente, ela é cada vez menos encontrada nesse profissional, dado o curto espaço de tempo que divide entre uma atividade e outra, em mais de um hospital e em clínicas e em pesquisas. Leve-se, ainda, em conta a necessidade de se estar, cada vez mais, atualizado em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), Investigação e Desenvolvimento (I&D), em residências médicas, em nichos laborato-

riais nacionais e internacionais. Assim, muitos se voltam para outras atividades como exercício ao encontro do justo equilíbrio profissional, da compreensão da alma humana e dos valores do ciclo vital.

Sob a soma de avenidas de expressão de uma parcela significativa de médicos, o presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos (Sopema), Luís Lourenço, na apresentação do *site*: <http://www.sopeam.pt/index.htm>, presta o seguinte depoimento:

Habitados a conviver na profissão com os sentimentos humanos; guerreiros da vida contra a morte; vencedores nuns casos, noutros vencidos, não admira que nos sintamos, na qualidade de escritores e artistas, ora pequenos ‘deuses’, capazes de conceber criaturas que espelhem nossos anseios de vitória contra a Parca, ora mitigadores do sofrimento de outras personagens, que da nossa pena, das nossas tintas ou do nosso cinzel escapam, na hora do inexorável passamento de muitos enfermos. Pacientes ‘confessores’ que somos, infelizmente cada vez menos, dado o espaço que nos ‘roubam’ o frenesi da vida, a carestia de tempo e a tecnologia moderna, sabemos que em grande parte é a nossa palavra amiga, de ansiedade mascarada, às vezes, o melhor remédio para muitos pacientes, que de nós se abeiram. Há quem não conceba esta dualidade, profissão e arte, (a crua realidade e bálsamo que a ameniza), o quê, longe de empobrecer o médico o enriquece, tanto como favorece o paciente. (LOURENÇO, 2008)

Outros, como Daniel Serrão, aprofundam o problema e optam por uma dupla fundamentação: psicossomática e sociocultural, levando a considerar que a propensão cultural independe da profissão ou atividade de quem escreve romances, pinta quadros ou faz fotografia artística e, registra:

Quero afirmar – e sei que corro riscos – que toda a criatividade humana é um produto da biografia do criador. A biografia, como história memorizada de experiência de vida, de cognições perceptivas, bem transformadas em afectos e sentimentos e geradoras de diversas, múltiplas e imprevisíveis ideias abstractas, a biografia modula o criador artístico.

Com esta base entro na análise do tema proposto: muitos médicos são criadores artísticos.

Por quê?

Respondo rapidamente: porque têm experiências de vida singulares.

Escrevendo um dia sobre o ‘médico na cidade insalubre’, afirmei: ‘Entre o *in* e o *out*, entre a pessoa física, mental, social e espiritual, de um lado, e o *out*, que é o tudo o que a envolve, há um conflito constante: a pessoa actua sobre o mundo, o mundo actua sobre a pessoa’.

No caso do médico, o mundo mais próximo são as pessoas que o procuram e se declaram doentes, apresentando-lhe uma narrativa pessoal de vida, que conduz a uma perturbação que se tornou insuportável.

Pode ser micróbio a origem de tal perturbação, mas a intervenção do micróbio acontece numa certa pessoa, que tem um modelo do mundo e nele situa o que consigo acontece que interpreta e valoriza o que sente – que é a acção do tal micróbio – em função de uma história pessoal e que espera que o médico a entenda em toda a sua profundidade.

Não basta ao médico matar e silenciar o micróbio para que a perturbação deixe a pessoa que se lhe confiou. Ele vai ter de entender aquela pessoa, de integrar num contexto social, familiar, profissional, cultural, relacional. [...]

Não me admira nada, portanto, que os médicos sejam escritores realistas, como o Fernando Namora dos *Retalhos da vida de um médico*, que são a prova provada do que afirmo. (SERRÃO, 2009, p. 170)

A relação do médico com a cultura, hoje, com as exigências de especialização científica apresentando-se com tremenda acuidade, não escapou à sensibilidade e perspicácia de João Lobo Antunes, na introdução ao seu livro *Um modo de ser* (2000), compilação oportuna de estudos que refletem o modo pessoal de viver a medicina “inspirado numa filosofia humanista que pretende preservar valores essenciais

da profissão” e abordando temas tão diversos como o ensino da ética, o erro, a alma, a dor, o hospital onde se ensina a comunicação entre médico e doente e os males que afligem essa comunicação. Aí esse insigne médico-escritor foi sutil a lapidar:

Na educação do médico para o nosso tempo, dois condimentos me parecem indispensáveis para o bom sucesso da receita. Um diz ao novo saber médico, com nova biologia, nova química, nova física, toda uma nova ciência, que é preciso constantemente aprender para se poder transmitir. Quanto a isto, limito-me a insistir que é indispensável que, na medida do possível, ela também se pratique entre nós.

O outro tempero é mais difuso, mais difícil de definir, embora se reconheça o seu sabor quando ele entra no cozinhado. É que é outra a medicina quando praticada por médicos cultos. (ANTUNES, 2000, p. 11)

A questão está posta e as respostas alinham-se segundo as conjunturas e as múltiplas perspectivas desta abordagem. Um sociólogo das profissões pode incluir esse tópico da deriva cultural, uma indagação quantitativa através de inquérito, e procurará, a partir dos dados estatísticos obtidos, a teoria interpretativa mais consistente. O psicólogo seguirá o seu caminho explicativo e o neurocientista não poderá ignorar a interação mente-meio. E qual(ais) a(s) resposta(s) da Ciência da Informação para esta questão? A Ciência da Informação é uma das áreas da Ciência Social Aplicada, resultante da dinâmica transdisciplinar dos campos do saber, como são, a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Documentação e a Museologia, surgidas com a modernidade. Pôr a questão dentro desta área do conhecimento foi a consequência natural do modo como nasceu o projeto de estudo pós-doutoral “Os médicos e a cultura em Portugal e na Bahia”.<sup>1</sup> Uma história que pode surpreender os neófitos nestas andanças da pesquisa, mas que reflete

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado realizado pela profa. Zeny Duarte, sob a orientação do prof. Armando Malheiro da Silva, certificado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e com apoio da FCT, Portugal.

um padrão bastante recorrente: nem tudo que se faz em ciência pode ser planejado ao detalhe e há projetos que se desenham sem que sejam previstas suas repercussões e desenvolvimentos!

Tudo começou há uns anos e o tempo está a passar veloz, como sempre. Em uma conversa que tinha como cenário inspirador o rio Douro, a margem de Gaia, um céu azul, uma daquelas manhãs outonais que misturam o melhor das melhores estações – a primavera e o verão –, com pinceladas breves e fortes de aragem fresca e da luminosidade outonal. A conversa aconteceu entre os subscritores deste texto: um vinha para a cidade do Porto, iniciar o pós-doutorado e o outro assumia a tutoria de um processo que não tinha contornos definidos. Havia em cima da mesa, ao ritmo dos goles de café bebidos entre as palavras trocadas na ânsia calma de se buscar o caminho, uma ideia que emanava a partir de um doutoramento feito sobre acervos pessoais de escritores brasileiros e portugueses. Embora centrado na figura e na obra do quase desconhecido baiano, Godofredo Filho (DUARTE, 2005), a idealização deu alguns frutos, algo que continuava com potencialidades: a documentação orgânica acumulada no decurso de uma atividade dedicada às artes, letras e à cultura. Mas só de escritores em geral? Aí apareceu aquela impressão veiculada pelo senso comum de que na galeria dos cultores das letras, em Portugal e no Brasil, pelo menos nestes dois países irmãos, que a quantidade de médicos era impressionante, e em conversa de café, relaxada e solta, era possível enumerar sem grande dificuldade. Tratava-se de um exercício interessante, mas pouco rigoroso sem implicações de causalidade científica. Ambos concordamos que valia a pena destacar os médicos e dar ênfase à sua relação especial ou natural com a cultura. E logo aí, na mesma conversa e no mesmo espaço, foi evocado um argumento que tornava a escolha irrecusável: na década de 1980, vontades isoladas, mas de ferro como a da professora Maria José Rabello Freitas, em pleno reitorado da Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelo professor Luiz Fernando Macedo Costa, tivera início o projeto intitulado de Criação do Memorial de Medicina da Faculdade de Medicina sob a tutela da referida Universidade, período em que a medicina e a sociedade baiana e brasileira viam renascer, do amontoado de docu-

mentos (livros, manuscritos, fotografias, ouriverarias, telas, mobiliários, entre outros bens patrimoniais do imenso arquivo da primeira instituição de ensino médico do Brasil), literalmente dos escombros, o reconhecimento do valor patrimonial e informacional do conjunto documental histórico da medicina da Bahia. Isso só foi possível pela necessidade de inovação e pela visão de futuro, para além da acomodação de atos apenas para cumprir as rotinas profissionais e administrativas, dos professores Luiz Fernando Macedo Costa e Maria José Rabello de Freitas.

Após algumas décadas e, naturalmente, com o afastamento do reitor e professor Macedo Costa e a aposentadoria da professora Maria José Rabello de Freitas, esse mesmo acervo passa por desgaste, pela ausência de política à sua manutenção promovida pelas mudanças administrativas, trocas de reitorados da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e de diretorias da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB).

Em 2004, na gestão do professor José Tavares Neto, o Departamento de Documentação do Instituto de Ciência da Informação é convidado e realizar projeto em parceria com a FMB/UFBA. Assim sendo, foi implementado o projeto Resgate do acervo da Faculdade de Medicina da Bahia: preservação, historicidade e salvaguarda do acervo, inicialmente sob o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), retomando estudos e práticas iniciadas pela criação de um Memorial de Medicina, sob a coordenação da professora Maria José Rabello de Freitas. Em 2006, a prof<sup>a</sup> Zeny Duarte idealiza a criação do GEPCIS, homologado e aprovado pelas congregações do Instituto de Ciência da Informação (ICI) e da FMB. Após formalização, o mencionado Grupo passou a acolher projetos voltados aos estudos acerca da informação e saúde, tendo como foco principal a organização e disseminação dos documentos do arquivo histórico da FMB.

Dentre os trabalhos desenvolvidos pelo referido grupo destaca-se a publicação de um livro com elementos impressionantes da memória da FMB e a imagem forte e inspiradora do majestoso prédio, localizado no Terreiro de Jesus, Centro Histórico de Salvador, Bahia, a pairar como bom sinal para o rumo do novo projeto que era preciso fechar. *Os Médicos e a Cultura em Portugal e no Brasil, Bahia (1808-2014)* ficou,

de imediato, convertido em título de uma trajetória de, pelo menos, três anos para a implementação e, possivelmente, *sine die* a duração do que daí resultasse. O nascimento e bicentenário da instalação, por iniciativa régia de D. João VI, primeiro da Escola Médico-Cirúrgica em 18 de fevereiro de 1808, e depois a sua passagem oficial a Faculdade de Medicina em 3 de outubro de 1832, cabem em um só projeto e legitimam, à guisa de enquadramento, o propósito primordial de coletar e indagar todos os médicos baianos e portugueses, formados em Portugal e na Bahia, que se deixaram encantar pelos apelos sedutores das musas.

Depois dessa decisiva conversa tão amena quanto produtiva, algumas peças do *puzzle* foram encaixadas de modo definitivo. Ficou claro que não seria intenção do projeto de pós-doutoramento visar uma investigação sobre a acidental ou intrínseca propensão dos médicos para as letras, as artes e a filosofia, mas reunir informação abundante passível de múltiplas e sistemáticas leituras. Uma intenção claramente determinada pelo tempo em que foi assumida – um tempo tecnológico intenso e vertiginoso em que somos impelidos pelos “cliques” velozes de dedos frenéticos em teclados vindos de paragens já não assim tão distantes da “ficção científica” –, ou seja, da utopia. Com efeito, identificar, referenciar e incluir listagens ou até quantidades ilimitadas de documentos digitalizados tornou-se inevitável dentro das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e, mais precisamente, na “galáxia internet”, como a designou sugestivamente o sociólogo catalão Manuel Castells (2004). Por isso, o módulo do projeto baseado na constituição de uma base de dados de médicos (escritores e artistas) baianos e portugueses,<sup>2</sup> entre 1808-2014, nasceu infor-

---

<sup>2</sup> Já *on-line* e em expansão temos o *website* ou plataforma digital do SIS Médicos. Ver url: <http://medicoseacultura.webnode.com.br/acervo/>. Acesso em: 8 nov. 2016. Logo na página inicial aparece a pergunta “O que é o SIS Médicos e a Cultura?”. Vale a pena destacar a resposta: “Apresenta informações sobre médicos do Brasil e Portugal que produziram para além da medicina. O SIS Médicos e a Cultura de Portugal e da Bahia, é uma plataforma digital, referencial e bibliográfica para o estudo de personalidades, acervos pessoais, institucionais e culturais”. E pode acrescentar-se, pois são visíveis os logotipos, com a chancela da Fundação para a Ciência e Tecnologia, da Universidade Federal da Bahia e da Universidade do Porto. E se navegarmos pelos pontos de acesso, clicando em “Composição da Base” nos deparamos com o seguinte: “A base de dados é composta por informações coletadas através do projeto de pesquisa: Sistemas



mático, embora esteja em evolução e tenhamos ainda que trabalhar muito para compactá-lo e pô-lo a dar, de todas as formas pertinentes, a informação toda que tem e de que se precisa ou se poderá precisar.

O SiS Médicos e a Cultura nasceu, em ambiente virtual, mas também medularmente acadêmico, na medida em que potencializa um efeito multiplicador de pesquisas multi e interdisciplinares em nível da pós-graduação universitária: em primeira linha na Universidade Federal da Bahia, mas também do outro lado do Atlântico, por força da cooperação luso-brasileira conveniada e cada vez mais enraizada e sólida. Vários “filões” se podem e devem explorar: desde uma abordagem mais quantitativa em que índices comparativos centrados na produção global dos médicos, abarcando todas as suas áreas de interesse, como ela é feita e comunicada, até nos aspectos mais qualitativos, ainda dentro desse tópico da produção global, concernentes às relações entre diversos temas/problemas abordados, tais como, cruzamento de variáveis entre os médicos portugueses e baianos quanto à respectiva produção científica e cultural (literária e artística); estabelecimento de *links* para os acervos bibliográficos, documentais/arquivísticos e museológicos de modo a que se possam investigar e, também, propor modelos de organização informacional mais adequada aos utilizadores; a realização sistemática de entrevistas a médicos vivos e localização/reprodução de documentários que devem ficar associados à “ficha” do médico como fonte informacional a interpelar em múltiplas direções, etc.

Não se esgotam, como é óbvio, nos “filões” apontados as potencialidades de uma plataforma que deve ser exposta, discutida e enriquecida, no seu desenho, arquitetura e performance, no âmbito de um dos efeitos deste projeto verdadeiramente multiplicador. Referimo-nos ao Colóquio Internacional A Medicina na Era da Informação (Medinfor), cuja primeira edição teve lugar em Salvador, Bahia, nos dias 14 a 17

---

e serviços de informação de acervos pessoais: resgate, análise e descrição de produção literária, artística e filosófica de cientistas, a aplicação de questionários e entrevistas são os instrumentos fundamentais deste trabalho. Atualmente fazem parte do SiS Médicos, mais de 1.500 médicos cadastrados entre a Bahia e Portugal”. Navegando pelo *site* encontramos facilmente os limites de um “hipertexto” literalmente em aberto, mas que de forma concertada e voluntarista continuaremos a preencher. Trata-se de uma plataforma digital em interminável construção.

de outubro de 2008, a segunda na cidade do Porto, nos dias 21 a 23 de novembro de 2011, a terceira, nos dias 22 a 25 de julho de 2014. O primeiro, com uma estrutura simples, participação conseguida por convite, válido destacar a presença de especialistas portugueses que possuem interação profícua com uma maioria de brasileiros, proveniente da área médica (setor universitário, hospitalar e privado) e da área informacional (arquivistas, bibliotecários e gestores de informação da saúde),<sup>3</sup> obteve grande repercussão.

A referida base de dados e realização de um Colóquio ambiciosamente pensado para ser amplamente internacional foram concretizações conseguidas com esforço, e que traçaram definitivamente a rota irreversível do projeto. Foram três anos voltados para cumprir-se a localização alternada da iniciativa, depois de Salvador, o II Medinfor teria de ser feito na cidade Porto, em Portugal, e vencidas dificuldades logísticas e de congregação de apoios decisivos, o desiderato foi atingido nos dias 21 a 23 de novembro de 2011.<sup>4</sup> Procurou-se associar com êxito a Faculdade de Medicina e o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, fixando-se com clareza as seções ou eixos temáticos do evento, a saber: a) gestão de informação nos sistemas de saúde; b) do laboratório à sociedade: a info-comunicação científica; c) do teatro anatómico às plataformas digitais; e d) arquivos, bibliotecas, museus e acervos documentais de instituições da saúde e de médicos que possuem a intenção de preservar a memória. A participação no evento foi mista, por convite os *keenote-speakers* de cada uma das secções; além do orador da sessão de abertura; e por *call for papers*, com avaliação cega. O resultado foi animador, ainda que a afluência de comunicantes revelasse ainda desconhecimento da natureza do Colóquio e uma frágil sensibilização do público da área médica. Sabemos que este tipo de realizações exige uma consolidação efetiva e para isso conta bastante a aposta inflexível na continuidade.

O III Medinfor foi realizado em Salvador, no ano da Copa do Mundo, quando o Brasil estava a receber este evento mundial, o que

<sup>3</sup> Ver website do I Colóquio. Url: <<http://www.coloquiomedinfor.ici.ufba.br/inicio.htm>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

<sup>4</sup> Ver website do II Colóquio. Url: <<http://medinfor.med.up.pt/>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

não fragilizou e nem tirou o brilho do Colóquio Internacional, finalizado com o sucesso previsto pela comissão organizadora, crescendo e tornando-se perene. Destaca-se, como aspecto importante, que pouco tempo depois da realização do I Colóquio já estava editado o livro-coletânea sob o título *A medicina na Era da Informação*, com a chancela da Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), com todas as comunicações. Esta ação foi repetida no II Colóquio, na cidade do Porto, Portugal, além de estarem disponíveis na íntegra no respectivo *website* foram editadas em livro-coletânea sob o título *Medicina e informação: Olhares luso-brasileiros*, publicado pela Edições Afrontamento, de Portugal. Este é um compromisso assumido que deverá ser sempre respeitado e que credibiliza bastante o papel científico do Medinfor.

Diante deste livro, baseada em um conjunto significativo de depoimentos de “médicos cultos” ainda vivos e sobre os que já faleceram destacando-se entre os demais, pode formular-se a pergunta: por que e para que foi feito? Convém não esquecer que o projeto multiplicador apresentado nasceu regido pela vida, pensamento obra dos médicos que se dedicaram às artes e letras, pelo que faz sentido explicá-lo, e seus desenvolvimentos, bem como deixar um testemunho breve o mais expressivo desse lastro cultural que a consulta multidirecional do SiS Médicos e a Cultura ajudará a compreender em extensão e profundidade. Depoimentos referentes a intelectuais e figuras da cultura, baianos e portugueses, sem uma seleção específica e planejada, mas reunidos para predispor favoravelmente médicos e não médicos a uma iniciativa que merece ser tomada a sério e de forma sistemática.

## CULTURA

Incluímos o termo no título do projeto desde a primeira hora, aceitando, implicitamente, a carga iluminista e dual (antinômica) do conceito (cultura *versus* natureza), e até uma carga ainda mais simplista gerida em nível do senso comum e que tem a ver com a associação restrita e redutora da cultura ao exercício da escrita literária, das artes e dos espetáculos (teatro, cinema e música erudita e popular).

Embora tenhamos consciência de que na “Era da Informação” ou da “Era Digital”, em que estamos imersos, é possível e, certamente, inevitável repensar tudo através de um confronto conceitual profícuo. Esse intuito é, aliás, aflorado de forma muito direcionada em um dos capítulos do livro *A Informação*. (SILVA, 2006, p. 15-41)

Pretende-se, então, discutir se entre cultura e informação há uma absoluta sinonímia ou se é possível estabelecer uma linha de diferenciação semântica, discussão que faz todo o sentido no âmbito da Ciência da Informação, podendo não fazer tanto ou até nenhum sentido para a Sociologia e a Antropologia. Para estas Ciências Sociais e humanas a cultura é um conceito central, embora não tenha que ser unânime o seu significado.

Partindo da definição de cultura elaborada por Edgar Morin, o autor do livro citado, traçou uma trajetória conceitual que nos conduz a uma clarificação. Segundo Morin (2002, p. 159):

A cultura é a emergência fundamental própria da sociedade humana. Cada cultura concentra em si um duplo capital: por um lado, um capital cognitivo e técnico (práticas, saberes, saber-fazer, regras); por outro, um capital mitológico e ritual (crenças, normas, proibições, valores). É um capital de memória e de organização, como é o património genético para o indivíduo. A cultura dispõe, como o património genético, de uma linguagem própria (mas muito mais diversificada), que permite a rememoração e comunicação, a transmissão deste capital de indivíduo para indivíduo e de geração em geração.

O património hereditário dos indivíduos está gravado no código genético; o património cultural herdado está gravado, em primeiro lugar na memória dos indivíduos (cultura oral), depois escrito na lei, no direito, nos textos sagrados, na literatura e nas artes. Adquirida em cada geração, a cultura é continuamente regenerada. Constitui o equivalente a um Genos sociológico, ou seja, a um engrama-programa, que garante a regeneração permanente da complexidade social.

Uma definição ajustada ao trilha sociológico e antropológico, mas também em conformidade com as bases do pensamento complexo. Partindo dela, Silva, reequacionou-a à luz de uma outra definição que vem sendo estratégica e basilar para a Ciência da Informação trans e interdisciplinar, desenvolvida e ensinada na Universidade do Porto:

[...] conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos, símbolos e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direccional. (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 37)

Confrontando-as, foi possível traçar uma linha de aproximação e de diferenciação:

Temos, assim, que o património é uma emanção prática da ideia de cultura, tal como esta se desenvolve no século XIX, e neste sentido regressamos à cultura a fim de reformularmos, por nossa conta e risco, a definição proposta por Edgar Morin: há um capital cognitivo, mitológico e ritual (saberes, crenças, normas, proibições, valores) e um capital técnico (saber-fazer, práticas, regras). As materializações culturais (objectos e costumes) decorrem deste segundo, enquanto o primeiro absorve o conceito estrito de cultura (letras, artes e ciência), aceite pela generalidade das ‘escolas’ e teorias e problematizada em ensaios de fôlego, e absorve, também, o da informação, devido a uma óbvia similitude semântica. (SILVA, 2006, p. 38)

O objeto de estudo da Ciência da Informação aparece englobado pela concepção mais restrita ou cognitivo-mitológico-ritual de cultura, e esta leitura levou a considerar três planos de tensão/simbiose entre a ciência da informação e a cultura.

Em um primeiro plano avulta, no tempo em que estamos, um tempo de extraordinária vertigem tecnológica, o desafio da complexidade caracterizado por Morin através da “fórmula” programática e urgente da religação dos saberes – mais ainda pela adequação aos

“objetos” naturais e culturais. (MORIN, 2002, p. 22) Em um segundo plano, impõe-se a questão de saber por que modo ou como a Ciência da Informação estudando, compreendendo, explicando e operando sobre a informação, definida nos termos expostos, contribui para o estudo e para o enriquecimento do conceito de cultura sem fraturas, divisórias clássicas (erudita *versus* popular) ou grupais (sócio-profissionais e técnicas), ou seja, promove a religação epistemológica dos saberes e das práticas. (SILVA, 2006, p. 39-40) E, por fim, em um terceiro plano insinua-se uma reflexão ainda muito incipiente, mas sem dúvida fecunda e promissora, sobre os resultados ilimitados da Ciência da Informação, obtidos dentro do quadro de uma cientificidade ajustada aos problemas e aos limites epistêmicos das Ciências Sociais e Humanas. (SILVA, 2006, p. 40)

Uma reflexão que pode seguir em diversas direções, que queremos apenas deixar aqui rapidamente apontada e que, sem dúvida, encontra em Zigmunt Bauman, inventor do conceito “Modernidade Líquida” e sociólogo assaz fecundo e original, nomeadamente nos seus *Ensaio sobre o conceito de cultura*, uma proposta inovadora que consiste em alinhar os fenômenos e manifestações culturais no campo da práxis, isto é, na atividade livre, universal e autocriativa através da qual os homens transformam o mundo em que vivem:

A cultura – ensina Bauman – é um inimigo natural da alienação. Como sinónimo de existência especificamente humana, ela é um audacioso movimento do homem no sentido de se libertar do domínio da necessidade e conquistar a liberdade para criar. (BAUMAN, 2012)

A proposta conceituadora de Bauman favorece, mais que a definição de Morin, a justaposição cultura e informação, conferindo um substrato eminentemente cultural à “Era da Informação” em que estamos e em que assistimos, ao processo sinuoso e rápido de interpenetração profunda e extensa do tecnológico com todos os níveis do humano e do social.

## UM VISLUMBRE IMPRESSIONISTA

No dia 26 de fevereiro de 2007, o jornal diário (gratuito) *Metro* fez alusão ao que levaria os médicos a trocar a bata pela caneta:

São colecionadores de histórias humanas. Lidam de perto com a vida, e com os casos que podem inspirar obras literárias. ‘Sempre escrevi. E quando me aposentei, passei a ter mais tempo para me dedicar a esta arte’, conta ao *Metro* Joaquim Serra, que lançou este fim-de-semana *As palavras sensuais da nossa ausência* [...] O autor diz que começou ‘como se costuma começar: a escrever poesia’. (LAMY, 2007, p. 4)

O mencionado texto enfoca a opção do médico pela busca do ludismo e da criatividade, com uma clara ideia da fuga ao estresse cotidiano da profissão e o desejo de suplantar a dura realidade vivenciada em consultórios e hospitais. Na sequência, Lamy transcreve palavras do médico e escritor Carlos Vieira Reis:

Estes profissionais são talvez a classe profissional há mais tempo em stress. [...] Os escritores médicos são arrastados cada vez mais para a escrita, pela inquietação, pelas dúvidas e pelo que dizem ser o buraco negro do futuro e o acelerar imparável dos media sobre a literatura. (LAMY, 2007, p. 4)

A literatura representa, portanto, a opção de expressão artística preferida da maioria dos médicos, seguida de outras artes e da produção filosófica. Há muitos casos em que as expressões se misturam, representadas pela diversidade da tipologia e suporte documental encontrados em seus acervos pessoais. E podemos por trazer já à colação Abel Salazar, reconhecido cientista, pensador, artista fecundo e provocador de novas ideias no âmbito social, em um tempo conturbado por que passava Portugal.

Com perfil de homem múltiplo, observe-se, por exemplo, Abel de Lima Salazar, pintor, escultor e professor universitário. Ele foi médico e cientista de renome internacional, também pedagogo, prosador, crí-

tico, filósofo, criador e divulgador de doutrinas e ideias progressistas, sendo vítima da ditadura e do ditador paradoxalmente homónimo! Era o filho mais velho de Adolfo Barroso Pereira Salazar e Adelaide da Luz Silva Lima Salazar. Seu pai foi, em Guimarães, secretário e bibliotecário da Sociedade Martins Sarmento, professor de francês na Escola Industrial Francisco da Holanda e escrevia para a *Revista de Guimarães*. A eliminação da disciplina de francês dos currículos escolares em Guimarães parece ter sido a causa principal da sua vinda para o Porto.

Completo naquela cidade a escola primária e parte do liceu até 1903, altura em que ingressou no Liceu Central do Porto, em S. Bento da Vitória, onde concluiu a 7ª classe de ciências. Ali, com um pequeno grupo de companheiros, publicou em um jornal escolar republicano chamado *O Arquivo*, já refletindo tanto o interesse pelos novos ideais políticos, quanto as suas precoces aptidões para a arte, através de caricaturas de estudantes e de professores.

Em 1909 ingressou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e em 1915 concluiu o curso de medicina, tendo apresentado a tese inaugural *Ensaio de psicologia filosófica*, classificada com 20 valores. Nesse ano, participou da Exposição dos Humoristas e Modernistas, no Porto. Em 1918, com apenas 30 anos de idade, foi nomeado professor catedrático de histologia e embriologia. Fundou então e dirigiu o Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina do Porto, um modesto centro de estudos, onde, apesar da falta de recursos financeiros, conseguiu realizar uma série de notáveis trabalhos de investigação. Sua obra é marcante, embora ele fosse pintor em *part-time*. É considerado precursor do movimento neorrealista.

Opositor convicto do regime de Salazar,<sup>5</sup> em 1932 iniciou uma ativa campanha de educação da mocidade sob a égide de várias associações

---

<sup>5</sup> António de Oliveira Salazar nasceu em 1889, em Santa Comba Dão. A sua educação foi fortemente marcada pelo catolicismo, chegando a frequentar o seminário. Estudou na Universidade de Coimbra, onde foi docente de Economia Política. Na 1ª República, iniciou carreira como político como deputado católico do Parlamento Republicano. O sucesso obtido na pasta das finanças tornou-o, em 1932, chefe de governo. Em 1933, formou o Estado Novo, regime semelhante ao fascismo de Benito Mussolini. As graves perturbações verificadas nos anos 20 e 30 nos países da Europa Ocidental levaram Salazar a adoptar medidas repressivas contra os que



estudantis republicanas e antisalazaristas. Em 1935 foi demitido de todos os seus cargos e passou a dedicar mais tempo à pintura.

Em um dos inumeráveis portais direccionados à apresentação de biografias de figuras da cultura portuguesa, rico espaço de estudos utilizado para este trabalho, pode ler-se a respeito do resgate da memória de Abel Salazar, dizendo:

A par de uma orientação pedagógica inovadora no contexto da época, entendia a actividade docente como uma investigação colectiva e a si próprio como um companheiro de trabalho, privilegiando o confronto de ideias, dando liberdade aos alunos de aparecerem nas horas em que mais lhes conviessem, lançando a ideia de os alunos designarem representantes para fazer parte do júri de exames. Como investigador, empreendeu uma série de pesquisas tendentes a definir e esclarecer a estrutura e evolução do ovário, criando o célebre método de coloração tano-férrico, de análise microscópica, que lhe abre caminhos no meio científico (Método Tano-Férrico de Salazar). Entre 1919 e 1925, o seu trabalho tornou-se internacionalmente conhecido e publicado em várias revistas científicas internacionais. Participou de numerosos congressos no estrangeiro. Fundou com Athias e Celestino da Costa, os Arquivos Portugueses de Ciências Biológicas, dos quais foi um dos directores. Em 1921, casou-se com Zélia de Barros, de quem não teve filhos. Ao fim de 10 anos de trabalho profícuo em condições adversas, como proclamou sistematicamente, sofreu um esgotamento e interrompeu a sua actividade durante quatro anos para se tratar. De regresso à Faculdade em 1931, cheio de projectos, encontrou o seu gabinete desmantelado. Em 1935, foi afastado da sua cátedra e do seu laboratório, sem mesmo poder frequentar a biblioteca, nem ausentar-se do País, nos termos da Portaria de 5 de junho, em que foram expulsos também outros professores universitários, como Aurélio Quintanilha, Manuel Rodrigues Lapa, Sílvio Lima e Norton de Matos. (FERNANDES, ©2016)

---

ousavam discordar da orientação do Estado Novo. O declínio do império salazarista acelerou-se a partir de 1961, a par do surto de emigração e de um crescimento capitalista de difícil controlo. É afastado do governo em 1968 por motivo de doença. Acabaria por falecer em Lisboa, a 27 de julho de 1970. (C.I.T.I, 2009)

Atualmente, no cenário das letras e das artes, citamos o médico José António de Melo Gomes, com uma produção mesclada entre o exercício da profissão, a literatura e das artes plásticas. Além de seguir uma carreira médica com distintivos, ocupações de cargos em instituições da classe, ministra cursos na área das artes e expõe trabalhos artísticos com reconhecimento público. No seu traço plástico impressionante e original, apresenta trabalhos alinhando o seu conhecimento científico com a produção artística. A partir de uma série de desenhos sobre Pierre-Auguste Renoir, publicou o livro *Ensaio de linhas e cores sobre um pintor reumatóide*. Nessa instigante obra, podemos observar quanto a sua experiência de especialista em reumatologia interfere em sua arte:

a técnica que José António utilizou permite a realização de grandes contrastes entre a figura/fundo e recortes profundos obtendo-se uma leitura muito nítida da representação. Recorrendo basicamente à tinta-da-china, utilizou também carvão, sanguínea, guache, ecolines e tinta granítica sobre o papel, e nalguns casos a técnica da aguada. Os desenhos falam por si, e representam o modo como o desenhador com um olhar cúmplice – simultaneamente especialista clínico em reumatologia – imagina ter sido o percurso sofrido e difícil de Renoir a partir do momento em que teve a primeira grande crise aos cinquenta e sete anos de idade até ficar completamente inválido por volta de 1912, tendo de se confiar a uma cadeira de rodas. (TAVARES, 2004, p. 7)

Em sua obra, Melo Gomes dá-nos conta dos conflitos da vida de Renoir, reinterpreta-o através de um conjunto de retratos e representações iniciados com o jovem Renoir, o pintor aos 40 anos, e depois quando a doença o atinge definitivamente.

Também contemporâneo, Daniel Sampaio, é médico psiquiatra e escritor, que, nas horas vagas, ainda faz rádio e televisão. É um dos introdutores em Portugal da terapia familiar, trabalhando com famílias e jovens em risco. O processo de criação através da escrita fez dele uma figura mediática. No *Jornal Público*, esse mesmo médico e escritor declara que:

Quando era adolescente escrevia num jornal, o Diário de Lisboa Juvenil. Pensava que um dia seria jornalista ou escritor, e que as pessoas de sessenta anos eram velhíssimas e correriam grande perigo de ser atropeladas. Fiz muitas coisas na vida: tenho três filhos, escrevi 22 livros, plantei só uma árvore, uma cerejeira na Escola Secundária Daniel Sampaio (de que sou patrono). Incurções na política foram poucas, mas sempre apoiei o meu irmão, que foi dez anos Presidente da República. Hoje sou sexagenário e tenho outros planos: escrever mais livros (espero que muita gente leia o novo, Labirinto de mágoas, sobre o casamento); ensinar cada vez melhor na Faculdade de Medicina de Lisboa (onde sou catedrático de Psiquiatria); estar bem com a família e os amigos, com tempo para brincar com os sete netos; e continuar a ler e a ouvir música clássica. (SAMPAIO, c2016)

Transcorridos 106 anos de nascimento de Miguel Torga, tão conhecido em Portugal quanto no Brasil, ele é, para as gerações do modernismo e do pós-modernismo, um dos mais importantes ícones da literatura portuguesa. Além de médico empenhado no seu ofício, na parede de um edifício onde tinha consultório no Largo da Portagem, em Coimbra, está bem visível a placa com os dizeres: “Adolfo Rocha – Médico Especialista – Ouvidos, Nariz, Garganta”, e é imortal das letras lusitanas. Justificação de sobra para que tivéssemos acompanhado as várias iniciativas de homenagem no centenário do escritor, como a inauguração da sua Casa-Museu em Coimbra, iniciativa promotora da abertura de seu arquivo pessoal aos investigadores e interessados nos estudos torguianos.

Participando dessa celebração, a Sopeam, sob a presidência do dr. Luís Esperança Ferreira Lourenço, organizou as Jornadas de Outono de 2007 em Trás-os-Montes, região onde está a cidade natal do escritor. Nele, a ligação à terra é muito forte, seus textos adquirem sentido alargado quando lidos depois de se conhecerem os locais que os inspiraram, melhor dizendo, a “transmontanidade” do autor.

Com o intuito de reviver as memórias desse médico-escritor, um grupo de médicos dessa Sociedade, com familiares e amigos convidados, entre os quais nos encontrávamos, instalou-se no Solar de Canavarros Hotel, construção do século XVII, em Sabrosa, em um ambiente de

confraternização e tertúlia em sua homenagem. Essa vila, que integra a região do Alto Douro Vinhateiro, declarada Património Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), com as vinhas características em socolcos a proporcionar vistas deslumbrantes e ímpares, fica a 25km de Vila Real, capital da região, e a 5km de São Martinho de Anta, terra natal de Adolfo Correia da Rocha, conhecido pelo alterónimo Miguel Torga.

Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro, professora doutora da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal, especialista da obra de Miguel Torga, tendo defendido tese de doutorado sobre esse famoso médico-escritor diz:

a escolha que ele fez de outro nome não se deve à busca de um pseudónimo e, sim, ao desejo de encontrar o 'eu mítico'. Para nós, esse alterónimo é um verdadeiro jogo de pertença montado por uma abstração ficcional que preside às relações entre o espaço do eu e o espaço literário. (MONTEIRO, 1998, p. 27)

A estudiosa da vida e obra de Torga acrescenta que a produção desse insigne médico e literato

é multifacetada e responde a expectativas e interesses de uma gama variada de pessoas. O leitor que com ela contacta, pertencente a qualquer faixa etária ou situando-se num espaço, dentro ou fora de Portugal, encontrará sempre na obra torguiana textos com os quais poderá sentir-se identificado, tal a variedade de referências, de temáticas focadas, a defesa de valores, a remissão para determinados espaços ou tempos e tantos outros aspectos proporcionadores de interesse para o público em geral. Se, por um lado, existem textos acessíveis à leitura por parte de um público infantil, oriundo de um meio rural ou não, como sucede com o conto 'Jesus', da antologia *Bichos* (no qual, com singeleza e alguma poesia, se apresenta o nascimento de um novo ser, o carinho e ternura que acompanham esse mesmo nascimento), por outro, existem outros contos como 'Nero', da mesma antologia, que fazem ponderar seriamente nos problemas da velhice, no abandono, na decadência, na degradação física e conseqüente situação psicológica e afectiva do indivíduo que atinge esse estado biológico. (MONTEIRO, 1998, p. 11)

O médico-escritor registrou no *Diário XIII*, que “Investigar é o mais paciente recurso que o homem tem de não se render ao absurdo. A este absurdo de vir e de partir com a mesma sem-razão dos sonhos”. (TORGA, 1983) No portal de sua Casa-Museu, inaugurada em agosto de 2007, em Coimbra, lê-se a sua própria descrição do significado desse nome:

Torga é uma planta transmontana, urze campestre, cor de vinho, com as raízes muito agarradas e duras, metidas entre as rochas. Assim como eu sou duro e tenho raízes em rochas duras, rígidas, Miguel Torga é um nome ibérico, característico da nossa península. Pesou também na escolha do pseudónimo a influência de dois grandes escritores espanhóis: Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno. (CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, 2007)

Um dos destaques das jornadas foi conhecer a sua espacialidade: a casa onde nasceu; a capela Senhora da Azinheira, no monte de São Domingos, uma das passagens do caminho de Santiago de Compostela, com vista para um verdadeiro “oceano megalítico”, por ele assim caracterizado; o mundo infantil torguiano; sua escola primária em cuja sala de aula assistimos à palestra da professora Maria da Assunção Anes Morais sobre *Tradições transmontanas no Diário de Miguel Torga*, sentados em carteiras miúdas feitas para os miúdos (crianças) da região; e o “Campo-Santo” ou cemitério onde estão sepultos os corpos dele e da esposa, a lusista belga prof<sup>a</sup>. Andréa Crabbé Rocha. Nesse especial contexto percebemos o seu rico conhecimento sobre o mundo rural transposto ao mundo das letras.

Andando pelas ruas de sua aldeia, convivemos com vizinhos, a eira comunitária, reunimo-nos em frente a sua pequena e singela casa de paredes brancas, portas e janelas azuis, onde ouvimos os depoimentos do Padre Avelino, um nonagenário que manteve laços fortes de amizade com Miguel Torga e recordou-nos momentos fortes vividos em sua companhia. Destacou a grandeza de sua alma, sua convicção de “ateu crente” e seus dois espaços: físico (o meio ambiente) e social (as pessoas). Relatou-nos também o que lhe ficou na lembrança dos sabores e dissabores na vida profissional e literária de Torga, quando de suas confidências ao padre amigo.

## EPISTEME DA PESQUISA

No levantamento bibliográfico efetuado, encontramos o estudo de Botelho (1991), no qual se podem conhecer nomes de médicos na toponímia de Lisboa. Entre outros, destacam-se nele o nome de Adelaide Cabete, mulher destemida e empreendedora, defensora dos oprimidos e, sobretudo, do feminismo. Ela,

começou a estudar depois de casada, tendo feito exame de instrução primária aos 23 anos e concluído o curso de Medicina aos 33 na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (1900), com a tese de licenciatura *A protecção às mulheres grávidas pobres*. Foi médica de grande prestígio e professora de Higiene no Instituto Feminino de Odivelas. Defensora das ideias republicanas. [...] Escreveu diversos trabalhos como publicista e defensora do feminismo em Portugal, tendo dirigido a revista *Alma Feminina*. (BOTELHO, 1991, p. 11)

A escassez de nomes femininos no curso de medicina na Bahia espelhava a realidade em Portugal, onde era inexpressiva a presença da mulher nos ambientes das faculdades, especialmente em áreas consideradas masculinas, como essa. A discriminação era notória e a inserção da mulher nas academias era de difícil condução. No entanto, a presença dela nas primeiras turmas dos cursos de medicina em Portugal foi assinalada por nomes de peso para a sociedade e a cultura. Nesse caso, citamos Adelaide Cabete e Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho. Embora com ideais contrários, essas insígnias mulheres marcaram e dinamizaram os campos médico, sociopolítico, cultural, literário, artístico e filosófico. Domitila foi a primeira mulher a entrar no curso de medicina da Universidade de Coimbra.

Adelaide, tanto quanto Domitila, foi escritora e presença reconhecida no meio literário e social e a mais importante feminista portuguesa no início do século XX. Republicana convicta, médica obstetra, ginecologista, professora, membro da maçonaria e humanista, foi pioneira na reivindicação dos direitos das mulheres. Durante mais de 20 anos, presidiu ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Reivindicou para elas, o direito a um mês de descanso antes do parto.

Em 1912 reivindicou também o voto feminino. E, em 1933, foi a primeira e única mulher a votar a Constituição Portuguesa, em Luanda, onde viveu. Para ela, o motor do mundo sempre foi a solidariedade. Benemérita, defendeu as mulheres grávidas, os pobres, as crianças, as prostitutas e os indígenas em Angola. (NOGUEIRA, 2007)

Em muitos países foi, também, no princípio do século XX que as mulheres deixaram de confiar na eficácia do sexto sentido. Nos tempos em que Adelaide Cabete era jovem – nascida em Elvas, em 1867 – as mulheres começavam a rebelar-se contra a vida de peúgas e tachos a que eram votadas. Com uma tenacidade insuperável, iniciou os estudos em 1886, com o exame de instrução primária elementar, e concluiu com a formatura em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1900.

Outros nomes relevantes de médicos da cultura ainda não foram reconhecidos no cenário das pesquisas. No ensejo de conhecer um episódio de alienação de um importante acervo bibliográfico, temos como exemplo, ainda em leituras nos jornais gratuitos circulados em Portugal, no *RTP Notícias* (2007), estava registrado um leilão, que tratava, mais precisamente, da hasta pública de um riquíssimo acervo de livros do médico Ribeiro dos Santos. Lia-se:

Uma das mais importantes bibliotecas particulares do Porto, com cerca de 3.500 obras, pertencentes ao médico Ribeiro dos Santos, vai a leilão a partir de quarta-feira na junta da Freguesia do Bonfim.

‘A biblioteca de Ribeiro dos Santos constitui um raro e precioso acervo de livros, jornais e revistas, altamente representativos do século XX português, obviamente orientado numa perspectiva republicana, socialista e laica’, escreve Mário Soares, no prefácio do catálogo da colecção a que a Lusa teve hoje acesso.

Amigos desde os tempos do Movimento de Unidade Democrática (MUD), há mais de 60 anos, Mário Soares refere-se à colecção como ‘uma valiosíssima biblioteca rica em revistas e obras literárias e histórico-políticas.’

No prefácio, Mário Soares considera também que ‘o destino das grandes bibliotecas é dispersarem-se, mais tarde ou mais cedo. [...]’.

Contactado pela Lusa, Alfredo Ribeiro dos Santos, disse que ‘a degradação da vista é o factor principal apontado para a dolorosa decisão de vender os livros’. (LIVROS..., 2007)

Essa é, sem dúvida, uma forma de fragmentação de biblioteca pessoal de grande relevância e interesse tanto para a sociedade quanto para as academias.

No dia 12 de maio de 2008, tivemos um agradabilíssimo encontro com o dr. Ribeiro dos Santos, em sua morada, na rua da Constituição, n.º 1433, na cidade do Porto, em Portugal, durante duas horas ininterruptas, nas quais colhemos dados interessantíssimos e enriquecedores sobre esculápios famosos nas letras e humanidades lusitanas. Além de médico, foi bibliófilo, memorialista e escritor de muita produção. Destaca-se como um dos maiores especialistas na obra de Jaime Cortesão.

Em seu livro *Perfil de Jaime Cortesão*,<sup>6</sup> Ribeiro dos Santos (1985, p. 3) retrata o mestre Cortesão de maneira apaixonante e realista. Conforme se observa no trecho a seguir:

---

<sup>6</sup> Jaime Zuzarte Cortesão nasceu em 29 de abril de 1884 em Ançã, concelho de Cantanhede, Portugal. Concluiu o curso de medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e nessa cidade manifestou-se pela primeira vez numa acção política de envergadura, ao participar da greve académica de 1907 contra a ditadura de João Franco. Foi médico ligado à história e à política, ficando muito conhecido a partir da tese *A arte e a medicina*, em 1910, uma defesa de Antero de Quental contra o estudo nosológico que Sousa Martins dele fizera no *In memoriam*. Em 20 de outubro de 1940, foi banido para o Brasil. Se alguma tragédia pessoal tem algum lado positivo, o caso de Cortesão é exemplar, pois, tendo sido obrigado a um exílio odioso, ele contribuiu mais do que ninguém, mais que qualquer teórico acordo cultural, para o estreitamento de relações entre Portugal e Brasil. Em 12 de fevereiro de 1944 foi contratado pelo Ministério das Relações Exteriores para trabalhar na Mapoteca e Serviço de Documentação do Itamarati, tendo ainda passado a ministrar no Instituto Rio Branco (que então se formava) um curso sobre *História da cartografia política do Brasil* destinado aos diplomatas brasileiros. Em 1946 passou a trabalhar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. De 1952 a 1957, pôde de novo visitar todos os anos Portugal com um passaporte diplomático brasileiro, até que regressou definitivamente à pátria, em 1957. (GARCIA, 1987)



Depois de ter estudado grego e de ter sentido várias solicitações, como a da carreira de artista plástico, Cortesão escolhe a medicina, por ser a actividade profissional mais próxima da vida humana, com um mais profundo conhecimento dos problemas psicológicos e das influências sociais. Considerando que a ciência falha quando, por um torpe positivismo, cai num dogmatismo estreito e pretende, orgulhosamente, avaliar a arte e a filosofia que é a própria Vida, em toda a sua universalidade e expansão criadora, Jaime Cortesão faz uma vibrante exaltação da poesia e afirma: 'Eu sou Poeta! Para ele, ser Poeta é confessar a Eternidade, é ter o instinto do Divino, é viver na Beleza imortal, é arder, volatizar-se, diluir-se num cósmico Amor'. E termina: 'Não sou a carne, sou a essência; não sou o lábio, sou o grito; não sou a lenha, sou o fogo; não sou a sede, sou a fonte. Sim, eu não tenho forma, sou a Vida'.

Ao discorrer em torno das memórias desse ilustre médico, republicano e escritor, o dr. Ribeiro dos Santos trouxe à colação outra figura de proa, o filósofo, político, educador e médico, Leonardo Coimbra. Lembrou que ele era agnóstico, mas converteu-se ao cristianismo no Natal de 1935. Por ironia do destino, em 2 de janeiro de 1936, sofreu um acidente de carro em viagem a Penafiel, vindo a falecer.

Quando da implantação do Estado Novo, em 1933, Ribeiro dos Santos era aluno do Liceu Rodrigues de Freitas. Recebeu aí, forte influência do dito Leonardo Coimbra. Confessou-nos outro grande incentivo que o levou a optar pela medicina: a de seu professor Afonso Guimarães.

O seu ex-líbris *Vida, Liberdade e Cultura*, que reproduz estátua de mulher, em grafite, é de autoria de Abel Salazar, outro que o influenciou na busca pela carreira médica. Foi o primeiro anestesista do Porto, especialização realizada na Inglaterra e em Lisboa. Foi colaborador da revista *Nova Renascença*, além disto, foi um dos fundadores de *A Águia*, periódico que deu origem à revista *Renascença Portuguesa*. Para dar ênfase ao convívio que teve com intelectuais brasileiros, falou-nos muito bem de Murilo Mendes e do luso-brasileiro Agostinho da Silva. Entre outras obras memoráveis, escreveu *Jaime Cortesão: Um dos grandes de Portugal*, edição esgotada. Sua preciosa coleção de livros entrou em um *website* para leilão, ficando fragmentado um dos mais

significativos acervos documentais pertencentes a um grande nome da medicina e das humanidades. Nada que não tenha acontecido inúmeras vezes e que continue acontecendo sem que o Estado, em seus diferentes níveis, possa intervir.

Há legislação aprovada para evitar que as bibliotecas e arquivos pessoais e familiares sejam fragmentados e dispersos, mas o que cada vez parece faltar é dinheiro e capacidade de evitar que tal aconteça. Trata-se de uma inevitabilidade para a qual as tecnologias de informação e comunicação em generalização ampla, intensiva e rápida parecem apontar uma solução interessante: pode-se reconstituir, virtualmente, o que se fragmentou e o que se dispersou por vários cantos do mundo, desde que se localizem e identifiquem as suas partes, além disto, os arquivos devem encontrar-se referenciados e digitalizados na “galáxia internet”, formando-se o todo, deste modo é possível reconstituindo-se o sentido orgânico original.

Em busca de resultados mais concretos, vale a pena trazer a recente contribuição da filha do saudoso Torga, tecida com a carga afetiva e temática de quem tem sua vida ligada à saga de um médico-escritor e de uma professora de literatura. Clara Crabbé Rocha concebeu e concretizou, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, o projeto de uma antologia a que deu o prosaico título *A Caneta que escreve e a que prescreve: Doença e medicina na literatura portuguesa*. (ROCHA, 2011, p. 12) No prefácio, Emílio Rui Vilar explica a ideia e a obra prontamente acolhida:

A condição humana, a origem e o termo da vida, a doença e a dor, o sofrimento físico e moral, a procura da plenitude e do equilíbrio e bem-estar, que se chama saúde, são, a par das profissões e dos locais do quotidiano clínico, temas que permanentemente atraíram e suscitaram a criação literária.

A ideia de organizar esta antologia surgiu como um feliz reflexo da conferência que a Professora Clara Crabbé Rocha pronunciou no âmbito do Fórum Gulbenkian Saúde ‘Medicina e outras Artes’, em 2006, com o título *Medicina e Literatura*, a realização da antologia implicou um exaustivo trabalho de investigação, em que a Professora Clara Crabbé Rocha teve a colaboração da Dr<sup>a</sup> Teresa

Jorge Ferreira, percorrendo um arco temporal que vai do século XIII até à actualidade, abrangendo praticamente todos os géneros literários (poesia lírica, romance, conto, teatro, autobiografia, diário) e os mais diversos modos ou registos, desde o mais sério, pungente ou trágico até ao mais circunstancial, lúdico, anedótico ou mesmo satírico. Tudo conduzindo a uma surpreendentemente rica e estimulante variedade de autores, épocas, temas e estilos.

Das palavras introdutórias do administrador da entidade patrocinadora deduz-se facilmente que o foco incidia em isolar no caudal extenso da literatura portuguesa trechos sobre doenças, doentes e práticas clínicas narradas por canetas que escreviam, e não necessariamente prescreviam. Há, assim, um grupo específico de escritores-médicos no *corpus* literário coligido. E curiosamente, como seria, aliás, expectável, a antologia inicia-se com uns textos de Pedro Hispano (1210-1277) “Coisas que fazem bem aos olhos”, “Coisas que fazem mal aos olhos”, “Coisas que fazem bem ao coração” e “Coisas que fazem mal ao coração”. (ROCHA, 2011, p. 19-21)

Vem depois, umas páginas à frente, o médico, filósofo e matemático Francisco Sanches (1550-1622), batizado em Braga e falecido em França para onde foi estudar aos doze anos, com um extrato do comentário ao livro de Aristóteles *Da Longevidade e Brevidade da Vida* – Obra filosófica. (ROCHA, 2011, p. 60-62) E ainda, António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), médico e intelectual consagrado, autor de várias obras, de entre as quais *Método par aprender a estudar medicina* (1763) de onde foram retirados os extratos da antologia – Obras (ROCHA, 2011, p. 69-71); Júlio Dinis (1839-1871) com um extrato de *As Pupilas do Senhor Reitor* (ROCHA, 2011, p. 102-106); Francisco Teixeira de Queirós (1848-1919) com um extrato de *A Caridade em Lisboa: Comedia burguesa* (ROCHA, 2011, p. 118-118); José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911) com extrato de *Contos* (ROCHA, 2011, p.130-133); Manuel Laranjeira (1877-1912) com uma carta a Unamuno de *Cartas* (ROCHA, 2011, p. 150-155); Jaime Zuzarte Cortesão (1884-1960) com excerto de *Memórias da Grande Guerra* (ROCHA, 2011, p. 156-158); João de Araújo Correia (1899-1965) com “Doentes difíceis” de *O Mestre de Nós Todos (Antologia)*

(ROCHA, 2011, p. 179-181); Miguel Torga (1907-1995) com algumas anotações de *Diário* (ROCHA, 2011, p. 199-203); Fernando Namora (1919-1989) com excerto de *Retalhos da Vida de um Médico* (ROCHA, 2011, p. 218-222); Bernardo Santareno (1920-1980) da peça *O Judeu* (ROCHA, 2011, p. 231-234); e, por fim, António Lobo Antunes (1942) com dois excertos, um de *Memória de Elefante* e outro de *Livro de Crónicas*. (ROCHA, 2011, p. 319-324)

O número de escritores e poetas médicos inseridos na antologia de Clara Rocha é diminuto, se tivermos em conta os 129 autores escolhidos, mas trata-se de uma presença que faz jus ao título da obra. Ou dito de outro modo: o título escolhido refere-se a esse punhado de esculápios imersos em letras e reaparecem alguns mais adiante por direito próprio e pleno. Uma poetisa e não médica destaca-se aqui os versos que espelham, com sublime genealidade, a humaníssima função clínica que pode conferir ao médico, a capacidade de se tocar profundamente com a essência da vida e a experiência radical da morte, fazendo dele um escritor, um poeta ou um artista:

Sofia de Melo Breyner Andersen

O hospital e a praia  
 E eu caminhei no hospital  
 Onde o branco é desolado e sujo  
 Onde o branco é a cor que fica onde não há cor  
 E onde a luz é cinza [...]  
 Porém no hospital eu vi o rosto  
 Que não é pinheiral nem é rochedo  
 E vi a luz como cinza na parede  
 E vi a dor absurda e desmedida  
 (ROCHA, 2011, p. 224-225)

## PALAVRAS DE GRATIDÃO

O que é a gratidão, senão o que podemos chamar de reconhecimento diante de tantas pessoas que nos acolheram nesta passagem e nas paragens em terras lusas. Foi quando realizamos o pós-doutorado na Universidade do Porto, em Portugal, com bolsa da FCT, e não poderia ter sido de outro modo, com o apoio de pessoas que contribuíram em nossas pesquisas sobre médicos que produziram para além da ciência e seus acervos documentais e produções, em Portugal.

Aqui fica o registro de nossa profunda gratidão, especialmente aos que nos receberam em instituições, universidades, arquivos, bibliotecas, museus, teatros, hospitais, centros culturais, em suas próprias residências, e demais espaços por onde fomos adentrando e conhecendo o mundo interior de médicos espetaculares, doadores de legado extraordinário, através de múltiplas produções artísticas, literárias, políticas, religiosas e socioculturais.

Evitamos relacionar nomes de todos aqueles que tão bem nos receberam, em Portugal, porque poderíamos cair no erro fatal de não citar alguns deles. Mas, entre o imenso universo acadêmico, científico e artístico-cultural, de nossas andanças e escavações, tenho de deixar, ao menos um nome, o eleito para representar todos os demais colaboradores deste desiderato – a pesquisa sobre a rede de médicos a nos representar, enquanto homens e mulheres de saberes interculturalmente, mesclados, cientificamente, com suas especializações, possuidores de cognição, altamente embebida de desejo amplo do conhecer a alma humana, desde como latejam suas vísceras e as dores do corpo e da vida, até o prazer de letrar e se deleitar em versos e prosas, em encantos e cantos, em solos e danças, em sons e fé, em rebrerar posições políticas e transformar a sociedade, a partir de suas realizações, místicas, muitas vezes, e em outras, pragmáticas. Enfim! Este nome é o da bibliotecária Maria do Céu Batista de Carvalho Sampaio, nascida em Vila Real, Portugal, tem o curso de análises clínicas e graduação em Filosofia e em Ciências Documentais. Durante grande parte de sua carreira dedicou-se à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, desde 01 de fevereiro de 1973. Exerceu funções de bibliote-

cária e direção no Serviço de Documentação e Iconografia, desde 21 de outubro de 1998, atualmente encontra-se aposentada, deixando um grande legado as ciências documentais do seu país. Assim sendo, destaco a importância desta profissional que me abriu caminhos em Portugal durante a pesquisa em arquivos, bibliotecas, museus, casas-museus, e proporcionou o meu encontro pessoal com os personagens neste livro e incluídos na plataforma digital do SiS Médicos e a Cultura em Portugal e Bahia.

Na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, sob a direção de Maria do Céu de Carvalho, encontramos dados informações, em documentos do acervo, livros, dicionários, fotografias, revistas, periódicos e demais itens documentais relacionados com nomes da Medicina e da cultura. Assim, solicitamos à bibliotecária que nos concedesse um breve histórico da Biblioteca citada, prontamente aceito este nosso convite, aqui acrescentado, com nosso agradecimento à autora:

#### *HISTÓRIA DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO PORTO*

*Remonta ao ano de 1825, altura da criação das régias escolas de cirurgia de Lisboa e Porto, a funcionar respectivamente no Hospital de São José e no Hospital de Santo António no ângulo nascente-sul (alvará de D. João VI, de 25 de junho).*

*O regulamento da escola criava uma biblioteca a cargo do porteiro das aulas. Porém, como a verba atribuída à sua gestão era irrisória, os seus primeiros professores decidiram comprar livros para a biblioteca com a décima do seu parco ordenado. Assim, quando, em 1836, a Real Escola de Cirurgia do Porto passou a Escola Médico-Cirúrgica, contava a biblioteca 221 volumes. O regulamento da escola médica criava então uma biblioteca que deveria conter 'uma coleção, a mais completa possível de livros, estampas e jornais de Medicina e Ciências acessórias, preferindo-se possuir aquelas edições, que por mais modernas, ou por outras considerações se tornem mais importantes'. Por isso, o conselho escolar destinaria todos os anos uma quantia dos fundos que tivesse à sua disposição para compra de livros, estampas e jornais.*

*A biblioteca foi enriquecendo o seu fundo bibliográfico por meio de compras e de ofertas. Mas o que lhe deu grande impulso foi a incorporação de cerca de 2000 volumes que pertenciam às livrarias dos conventos de Coimbra e Porto, extintos pelo governo liberal. Foram então doados livros que tinham por objecto a medicina, cirurgia, história natural, física, química e outras ciências afins.*

*Ao longo dos anos, a escola ia catalogando os seus livros. Em 1839 estava organizado um 'inventário da livraria', que seria, no entender do Prof. Pires de Lima, um manuscrito encarnado com folhas, algumas das quais já desaparecidas em 1910.*

*É curioso notar que, em 1868, o Prof. Gomes Coelho (Júlio Dinis), então bibliotecário por ser lente-secretário, segundo o regulamento da escola, pediu autorização para regulamentar os serviços da biblioteca no sentido de evitar o extravio de livros, pois, retirados facilmente pelos leitores, 'nem sempre voltavam com a mesma facilidade [...]'. Apesar de alguns extravios, o número de volumes foi aumentando, concorrendo também algumas ofertas valiosas, como as das irmãs do Prof. Assis (158 volumes de teses de Paris), as do Prof. Carlos Lopes, e sobretudo, as do Prof. Gouveia Osório (1887), que muito enriqueceram a colecção dos clássicos médicos portugueses.*

*No decorrer dos tempos, muitos outros legados deram entrada na biblioteca a par das obras adquiridas, ou por requisição directa dos professores ou por intermédio de uma comissão especial constituída por três professores. Essa comissão durou uns anos, passando-se depois ao regime de requisição.*

*Ao longo dos tempos, os professores da escola sempre se bateram pelo crescimento das colecções da biblioteca, pela sua conservação e inventariação. Quando a Escola Médico-Cirúrgica abandonou as instalações exíguas do Hospital de Santo António e se mudou para a cerca do Carmo em 1885 (hoje Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar), a biblioteca possuía já cerca de 8 mil volumes. Aqui, nestas instalações, dispunha de uma dependência perfeita, que, com o correr dos tempos, se tornou igualmente insuficiente. Quando, em 1907, o Prof. Pires de Lima foi nomeado bibliotecário, contava a biblioteca 10.500 volumes. E o seu catálogo publicado em 1910 referia já 12.277 volumes.*

*Em 1925, tinha 25.000 volumes. Durante 40 anos (1907-1947), o Prof. Pires de Lima exerceu devotadamente as suas funções de bibliotecário e triplicou o número de volumes.*

*Para além dos legados citados no Anuário da Faculdade de Medicina do Porto (1919-1927), página 387, são de realçar, por mais significativos, os dos professores doutores Pires de Lima, Hernâni Monteiro, Rocha Pereira, os dos doutores Paulino Ferreira e Arlindo Monteiro e as ofertas dos Serviços Culturais da Embaixada de França, do Instituto Britânico, dos consulados alemão e americano e de várias instituições culturais, de laboratórios, bem como as publicações que entraram durante os anos de 1940 a 1968, por permuta com os arquivos de trabalhos da Faculdade de Medicina do Porto. Contava então a biblioteca 47.820 volumes.*

*Em 1951, foi publicado o catálogo das obras dos séculos XV, XVI, XVII, elaborado pela doutora Maria Elisa Lumiar Ramos, bibliotecária de então.*

*A partir da década de 1970, as ofertas das instituições referidas foram diminuindo progressivamente, o que veio a afectar o crescimento do nosso acervo bibliográfico. Em 1978, a biblioteca tinha 56 mil volumes; em 1988, 61.068; em 1997, 66.665; em 2008, 84.210.*

*Esporadicamente recebemos algumas publicações da OMS, dos Laboratórios Bial, da Fundação Eng. António de Almeida, bem como alguns livros oferecidos por autores médicos. Há a salientar, em 1992, a doação do Prof. Silva Pinto: 32 livros do século XVIII, 14 do século XIX e 15 do século XX.*

*Presentemente as aquisições da biblioteca traduzem-se nas actualizações essenciais para as áreas curriculares do Curso de Mestrado Integrado em Medicina da FMUP e na compra de publicações recomendadas pelos regentes das respectivas áreas curriculares.*

*Aos poucos, os nossos periódicos, com a colaboração da reitoria, têm vindo a ser disponibilizados em formato online. Participamos do Consórcio da Rede da UP, beneficiando da sua biblioteca virtual.*

*Quando a Escola Médico-Cirúrgica passou a Faculdade de Medicina em 1911, ainda se encontrava na cerca do Carmo, permanecendo nesse local até à inauguração do Hospital de S. João, em 24 de junho de 1959.*



*Dotada de estatuto de hospital universitário, a Faculdade de Medicina detém instalações próprias para ensino clínico, reservando uma área para a biblioteca, que fica distribuída pelos pisos 06 e 02. (SAMPAIO, 2007)*

Este texto é um elemento representativo para este livro, e nos remete ao que tão bem conhecemos de trajetórias das bibliotecas de faculdades de medicina do Brasil, pelo motivo claro das influências do ensino superior português implacadas no âmbito acadêmico brasileiro, sobretudo, no que se refere à formação das primeiras faculdades de Medicina.

Ainda na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, tivemos a oportunidade de conhecer e passar meses em uma das instituições informacionais que possui destaque no cenário das memórias médicas de Portugal: o Museu de História da Medicina Maximiano Lemos. Segundo informes no portal desse Museu (©2006-2007):

Datam de 1836 as primeiras aulas de História da Medicina leccionadas por Francisco de Assis e Sousa Vaz (1797-1870) - na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. O programa desta área de formação compreendia dezassete lições que apresentavam de forma pedagógica e pioneira a História Geral da Medicina e inseria-se na sétima cadeira, leccionada no quinto ano médico. Com escassos períodos de interrupção o ensino da História da Medicina prosseguiu na Escola Médica do Porto associada à Patologia Geral, Anatomia Patológica, Medicina Legal e Deontologia Profissional, adquirindo autonomia no tempo de Maximiano Augusto de Oliveira Lemos (1860-1923), Luís José de Pina Guimarães (1901-1972), Maria Olívia Pires Firmino Rúber de Meneses (1932-1990) e Amélia Assunção Beira de Ricon Ferraz (n.º 1961). Conhecem-se a maioria dos programas seleccionados pelos professores da Escola para o ensino desta temática. Foram infindáveis os esforços do corpo docente da Escola Médica do Porto na demonstração da utilidade de um curso regular de História da Medicina, aceitando a sobrecarga temporal e temática, redigindo uma contínua série de trabalhos de investigação e o programa da disciplina, adquirindo obras médicas nacionais e estrangeiras para recheio de uma biblioteca especializada e organizando um Museu - o Museu de História da

Medicina Maximiano Lemos (1933) – sede do ensino da disciplina de História da Medicina, centro de investigação médico-histórica e importante arquivo de património médico nacional.

Foi neste Museu, o qual consideramos vivo, em eterno crescimento, movimento e mutação que encontramos fontes inestimáveis informações sobre diversos médicos que produziram conhecimento para além da ciência, deixando o seu legado para sociedade portuguesa e o mundo. Agradecemos aos funcionários que nos acolheram e disponibilizaram apoio, sem hesitação, sempre centrados e competentes, no real e humanizado significado que estabelecem na primazia do espaço do Museu, deixamos nossos agradecimentos.

O Museu possui livros publicados escritos por médicos e diversas produções escritas sobre algumas personalidades da área médica. Em meios a tantas preciosas obras, a primeira analisada foi o livro *Homenagem ao Professor Doctor Luís de Pina: 60º Aniversário do Museu de História da Medicina*, com a apresentação de Amélia Ricon Ferraz (UNIVERSIDADE DO PORTO, 1998), obtivemos informações imprescindíveis para esta pesquisa, no capítulo que trata da história do ensino médico, a exemplo, destaca-se um poema do médico Luís José de Pina Guimarães:

Saudade!  
 Fatal aroma de uma flor que o adeus murchou.  
 Cinza de lenha que ardeu,  
 Réstea de um sol que acabou...  
 (UNIVERSIDADE DO PORTO, 1998, p. 24)

Este português de Lisboa foi escritor, humanista e importante pela sua contribuição deixada na cultural local, e destaca-se, sobretudo, pelo registro da memória de indivíduos que representaram a intelectualidade de sua época, como exemplo, citamos o livro *Ricardo Jorge e Ribeiro Sanches: dois homens, duas épocas*, publicado em 1941.

O Museu possui uma vasta relação alfabética sobre obras publicadas pelo Luís Pina, que abarca as ciências médicas e políticas, bem

como, temas relativos à literatura portuguesa. A maioria de sua obra científica e literária pode ser encontrada no Museu por doação do próprio titular, na sala Luís Pina.

Outra obra analisada em nossas idas e vindas ao Museu foi o *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto* (1907). Trata-se de uma publicação que apresenta textos sobre a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, contendo, nela, o artigo “Notícia histórica da Escola Medico-cirurgica do Porto”, escrito por Maximiano Lemos. Em seguida, pode-se encontrar uma publicação relacionada todos os professores da Escola, incluindo Maximiano Lemos, contendo uma breve biografia de cada docente, como foi nomeado e qual a cadeira que lecionava. A seguir, somente a título de pequena ilustração, segue uma, de outras tantas relações de nomes de médicos professores da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, resgatadas em documentos do acervo do Museu, com produção literária para além da medicina, a saber: Joaquim Alberto Pires de Lima, Abel de Lima Salazar, António de Almeida Garrett, José de Andrade Gramaxo, Hernâni Bastos Monteiro, Pedro Augusto Dias, Joaquim Guilherme Gomes Coelho, José Augusto Vieira, Leite de Vasconcelos, Manuel Monterroso, Campos Monteiro.

Nesse ambiente, onde brota a diversidade de saberes de homens da ciência, até mesmo, por muitos desconhecidos, tivemos a chance de folhear obras memoráveis como a *Gazeta Médica do Porto*, a *Gazeta dos Hospitais do Porto*, a publicação da Sociedade de Medicina e Cirurgia e o *Anuário dos Progressos da Medicina em Portugal*, entre outras publicações, que nos apresentam o conhecimento e proliferam as inquietações próprias de quem busca novas informações em pesquisa.

Para complementar informações acerca dos nomes de médicos resgatados na pesquisa de pós-doutorado em Portugal e na Bahia, será, proximamente inaugurada a plataforma digital SiS Médicos e a Cultura em Portugal e na Bahia, base implementada como resultado dos estudos realizados em ambas localidades.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, J. L. *Um modo de ser: ensaios*. 11. ed. Lisboa: Circulo de leitores, 2000.
- BAUMAN, Z. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOTELHO, L. S. *Médicos na toponímia de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1991.
- CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA. *Miguel Torga*. Casa-Museu Miguel Torga. Coimbra, [2007]. Disponível em: <<http://www.cm-coimbra.pt/cmmtorga/mtorga.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2009.
- CASTELLS, M. *A Galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- C.I.T.I. *António de Oliveira Salazar*. Lisboa, [20--?]. Disponível em: <[http://www.citi.pt/cultura/politica/25\\_de\\_abril/salazar.html](http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/salazar.html)>. Acesso em: 5 fev. 2009.
- DUARTE, Z. L. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: Instituto de Ciência da Informação, 2005.
- FERNANDES, M. L. G. *Abel Salazar: figuras da cultura portuguesa*. Lisboa, © 2016. Disponível em: <[http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/abel-salazar.html#.Vtg-r\\_krLIU](http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/abel-salazar.html#.Vtg-r_krLIU)>. Acesso em: 5 fev. 2009.
- GARCIA, J. M. *O essencial sobre Jaime Cortesão*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.
- LAMY, S. Livros com letra de médico. *Metro*, Lisboa, p. 4, 26 fev. 2007.
- LIVROS, jornais e revistas raríssimas de Alfredo Ribeiro dos Santos em leilão no Porto. *RTP Notícias*, Lisboa, 02 out. 2007. Cultura. Disponível em: <[http://www.rtp.pt/noticias/cultura/livros-jornais-e-revistas-rarissimas-de-alfredo-ribeiro-dos-santos-em-leilao-no-porto\\_n162758](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/livros-jornais-e-revistas-rarissimas-de-alfredo-ribeiro-dos-santos-em-leilao-no-porto_n162758)>. Acesso em: out. 2007.
- LOURENÇO, L. E. F. Apresentação da Sopeam. *Sopeam*, Lisboa, [20--?]. Disponível em: <<http://www.sopeam.pt/index.htm>>. Acesso em: 10 out. 2008.
- MONTEIRO, M. A. M. *O conto no diário de Miguel Torga*. Vila Real: UTAD, 1998.

- MORIN, E. Introdução às jornadas temáticas. In: MORIN, E. *A religião dos saberes: o desafio do século 21*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.
- NOGUEIRA, V. Adelaide Cabette: luta pelos seus direitos: uma feminista de vanguarda. *Kanti\_O\_XimPI*, 2007. Disponível em: <[http://www2.fc.ul.pt/agenda\\_fcul/marco/marco5.html](http://www2.fc.ul.pt/agenda_fcul/marco/marco5.html)>. Acesso em: 5 fev. 2009.
- ROCHA, C. C. *A Caneta que escreve e a que prescreve: doença e medicina na literatura portuguesa*. Lisboa: Babel. c 2011.
- SAMPAIO, D. [Apresentação] Daniel Sampaio. *Público*, Lisboa, c 2016. Disponível em: <<http://www.publico.pt/autor/daniel-sampaio>>. Acesso em: 5 abr. 2013.
- SAMPAIO, M. do C. *História da biblioteca da faculdade de medicina da Universidade do Porto*. Lisboa, 2007. Não publicado.
- SANTOS, A. R. dos. *Perfil de Jaime Cortesão*. Póvoa do Varzim: Tipografia Camões, 1985. (Separata do número 17, Nova Renascença).
- SERRA, J. Entrevista. *Jornal metro*. Porto, 2 out. 2007.
- SERRÃO, D. O médico e a medicina na criação literária, histórica, artística e na produção filosófica e cultural: panorama português nos tempos modernos. In: DUARTE, Z.; FARIAS, L. *A Medicina na era da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- SILVA, A. M. da. *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.
- SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F. *Das “ciências” documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Afrontamento, 2002.
- TAVARES, C. de A. Onde outrora houvera luz. In: GOMES, J. A. M. *Pierre-Auguste Renoir: ensaio de linhas e cores sobre um pintor reumatóide*. Lisboa: Criações digitais, 2004.
- TORGA, M. *Diário XIII*. Coimbra: Editora Coimbra, 1983.
- UNIVERSIDADE DO PORTO. FACULDADE DE MEDICINA. MUSEU DE HISTORIA DA MEDICINA MAXIMIANO LEMOS. *Historia do museu*. Lisboa, ©2005-2006. Disponível em: <<http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php>>. Acesso em: out. 2008.

UNIVERSIDADE DO PORTO. FACULDADE DE MEDICINA. MUSEU DE HISTORIA MAXIMIANO LEMOS. *Homenagem ao Professor Luís de Pina: 60º aniversário do museu de história da medicina*. Porto: Fundação Eng. Antonio de Almeida, 1998.



PARTE II

---

# DEPOIMENTOS





## MEDICINA, FILOSOFIA, BIOÉTICA um percurso pessoal

---

*Daniel Serrão*<sup>1</sup>

Ser médico foi para mim uma irresistível vocação; sem familiares que cultivassem o exercício desta ciência, que também é uma arte, senti um apelo muito forte aos meus 16 anos, quando os estudos de biologia passaram a despertar o meu interesse por abordar a natureza do corpo humano em confronto com o de outros animais. Em meados da década 1940, integrei o corpo de estudantes do Liceu de Aveiro que tinha excelentes professores, sendo o de Biologia, autor do livro usado em todos os outros Liceus. Ao contrário de alguns colegas, não fui estudar Medicina para fugir a matemática, porque tive 19 valores (de 20 possíveis) no exame final desta disciplina. O interesse pela área médica deve-se pelo interesse em poder trabalhar com o corpo dos seres humanos.

A frequência da Faculdade de Medicina do Porto foi determinante na consolidação da vocação de ser médico, e com o conhecimento ali adquirido, tive consciência que o homem não é apenas o seu corpo. O ensino da Psiquiatria era, na época, muito elementar na Faculdade,

---

<sup>1</sup> Este texto foi fixado por Carlos Costa Gomes e Walter Osswald a partir de uma gravação, pelo que se preservou alguma oralidade do discurso.

sem um professor que conhecesse as doutrinas modernas da Escola de Viena e a psicopatologia de Karl Jaspers não era falada, por desconhecimento; por este motivo, o ensino de Psiquiatria era muito incipiente.

Iniciei, então, ainda durante o curso de Medicina, um estudo pessoal do componente não-corporal dos humanos, com todos os inconvenientes e prejuízos de um percurso autodidático leituras desordenadas, sentido crítico fraco, reverência pelos “mestres”. Li Karl Jaspers, li Freud e Jung, depois Bergson, Gabriel Marcel, J. P. Sartre – o existencialismo estava na moda –, e também li Heidegger. Li Marx, em um *digest* em francês do *Das Kapital*, e Max Weber que me abriu a via da sociologia. Merleau-Ponty foi uma revelação e tenho, anotações, hoje já amarelecidas, em seu livro *La Structure du Comportement*, edição de 1949, adquirido em março de 1952 como presente a mim mesmo por ter completado 24 anos. Logo após o término do curso de Medicina em 1951, fui incorporado no curso de Oficiais Milicianos Médicos. A alegria da descoberta da fenomenologia e a dificuldade intelectual em compreender o pensamento de Merleau-Ponty foram um excelente contraponto à monotonia do treino militar que sempre considerei ridículo.

Pouco tempo depois, encontrei o Max Scheler em *El Puesto del hombre en el Cosmos e Ética*, decidi que utilizaria a minha preparação filosófica para ser médico psiquiatra. A leitura das obras do psiquiatra espanhol J. J. Lopez Ibor consolidou a minha decisão para seguir esta carreira.

Tão seguro da minha competência, aceitei dar uma aula em um Curso Livre de Psicologia Médica, criado pelo prof. Luís de Pina, no âmbito do Centro de Estudos Humanísticos, no qual era Presidente e grande animador. No texto dessa aula, que foi publicado dois anos depois, na revista *Imprensa Médica*, encontra-se escrito: “Dedico e dirijo estas notas especialmente àquele punhado de alunos que comigo viveram e pensaram no passado ano lectivo, as ideias de Psicologia filosófica que servem de base e ponto de partida às considerações que vão seguir-se.”

De fato eu tinha criado, em 1953, um curso livre que chamei abusivamente de Psicologia Filosófica. O curso era aberto aos estudantes e professores de qualquer faculdade, e integrava a instituição autónoma Circum Escolar, designada como Centro Universitário do

Porto. A referida instituição foi extinta depois da Revolução de Abril de 1974, por supostas ligações à polícia política, que nunca foram comprovadas. O que, na realidade, ocasionou o fim do meu sonho de ser psiquiatra e modernizar o ensino desta área na Faculdade de Medicina do Porto. Sem meios financeiros bastantes para sair do país para fazer uma preparação que me possibilitasse um doutoramento em Psiquiatria, tive de aceitar “descer do espírito para o corpo” e fui ensinar e investigar a Anatomia Patológica, talvez a área da Medicina mais afastada da Psiquiatria. No corpo morto não se manifestam nem espírito e nem alma, se preferirem, como escreveu o muito invulgar poeta brasileiro, Mário Quintana, “a alma é essa coisa que nos pergunta se a alma existe” e o corpo morto já não pode perguntar.

Contudo, mesmo dissecando um corpo e estudando-o em partes, nunca consegui abstrair o pensamento sobre a pessoa que usava aquele “receptáculo” ou da pessoa a quem a “peça” fora retirada e que estava a sofrer na enfermaria.

Depois da primeira aula do curso de Psicologia Filosófica acima referido, em que os textos e a bibliografia estudada revelavam as minhas leituras e preocupações nos anos 1950, proferi numerosas conferências e publiquei muitos trabalhos, em diversas revistas de cultura sobre os mais variados temas, seguindo os pressupostos do que hoje pode ser entendido como “filosofia” da Medicina. Fundei e dirigi, durante vários anos, o jornal do Centro Universitário, no qual escrevi artigos de opinião sobre temas culturais e relacionados com a vida da universidade. Neste período, recorde uma publicação minha que fazia uma crítica a Agustina Bessa Luís a respeito do romance *Os Incuráveis*, que suscitou na autora o interesse em conhecer o “desconhecido” crítico literário.

Tivemos esse encontro por intermédio de um amigo comum e foi um *flop* total: nem a autora, e nem eu fomos capazes de ir além do chá e *scones* que este amigo comum nos serviu, em sua casa. Não houve nenhuma palavra de nenhum de nós sobre o livro ou sobre a crítica.

Nos anos 1970 dirigi a publicação de um jornal que era editado a cada dois meses, intitulado *Praça Nova*; este nome deve-se a uma referência a Praça a qual se pode encontrar a estátua de D. Pedro IV,

o rei português que foi Imperador ao Brasil. O jornal caiu no conceito do domínio público e foi recuperado pelo Círculo Almeida Garrett, uma instituição político-cultural. Publicaram-se apenas 17 números, de 1962 a 1965, e acabou devido a sua carência financeira, pois não aceitava o incentivo do Estado que envolveria a publicização das propagandas com as decisões do governo. Em meu nome e com vários pseudónimos, assinei neste jornal vários artigos de análise política e de crítica literária. Destaco apenas um, publicado em 7 de dezembro de 1962, sobre os heterónimos de Fernando Pessoa, intitulado de “Elementos para uma patografia de Fernando Pessoa”, assinado por M. J. Valadares. Fica aqui revelado, e é pela primeira vez que o faço, que M.J. Valadares, que assina este e outros artigos no jornal *Praça Nova*, é um dos meus pseudónimos. Este artigo vem referenciado na bibliografia, do livro do autor Jacinto Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, na 2.<sup>a</sup> edição que é de 1963.

Centenas de artigos e numerosas conferências constituem um acervo que, exuberantemente, documenta a minha incursão pelo terreno da crítica literária, tendo por base fundamento filosófico, terreno que farei apenas duas referências.

Tendo sido eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa, na classe de ciências, decidi que apresentaria comunicações de índole científica e trabalhos que melhor caberiam a um académico da classe de letras. Assim, em janeiro de 1990, apresentei uma comunicação intitulada de “A imagem do mundo em Agustina Bessa Luís: Ensaio do fenómeno da criação literária a propósito de uma obra exemplar”. Terminando a apresentação com o seguinte pensamento:

Fecho o ensaio e sei que muito ficou por transmitir. Acode-me à memória – e logo à pena – um verso de poeta do nosso tempo, ‘rasguei o vento ao meio e nele plantei uma rosa’. Foi o que fiz ao analisar a obra de Agustina é como rasgar o vento ao meio; e interpretá-la é plantar aí, nesse vento impossivelmente rasgado, a Rosa do mistério indecifrado.

A utilização da letra maiúscula da palavra “Rosa” é uma alusão ao rosa cristianismo e à sua ligação ao mistério de Deus. Em julho

de 1993 apresentei outra comunicação, intitulada de “A poesia de António Gedeão e a geração (ou invenção?!) da palavra”. Rómulo de Carvalho, que era o nome verdadeiro do poeta António Gedeão, foi assistir à minha apresentação e suscitou uma discussão devida à sustentabilidade dos meus argumentos contra a postura chomskyana, que acreditava que a poesia é uma simbolização de segundo grau. Ao fim, fiz a seguinte afirmação: “A poesia é uma neolinguagem, não sujeita às regras da sintaxe, nem à ditadura do discurso lógico-formal, e que vive da invenção de palavras com sentido próprio, sendo certo que a relação entre palavra e sentido só o poeta a conhece.” A nós, pobres leitores, desterrados desse universo pessoal e secreto, cabe-nos decifrar nas palavras, no ritmo e no som, o sentido oculto desse exograma complexo que é todo o autêntico poema.

Cada poema de António Gedeão é, assim, um desafio à inteligência e à sensibilidade dos leitores. Por muitos anos e para muitas gerações a sua obra poética vai permanecer, hierática e serena, à disposição de quem a possa sentir e entender. Assim, dei um primeiro passo, incerto e tímido.

Não é sem temor que um homem das ciências se aventura no terreno das letras como se quisesse recordar, pela inversa, o grande salto qualitativo da cultura mimética e mítico oral para a cultura exterior simbólica; como se quisesse recuar até às origens da consciência humana pré-verbal. Aos poetas é dada, misteriosamente, a chave deste percurso secreto. Mas nós, como aprenderemos a segui-los?

Levantadas as questões ligadas à hermenêutica do discurso poético, os colegas de Letras que foram assistir, atraídos pelo título, fizeram várias intervenções no final. De Rómulo de Carvalho/António Gedeão, não houvera uma palavra. Mais tarde, recebi do referido autor um cartão de agradecimento. Imagino que os poetas e outros criadores artísticos não apreciam ser (psic)analisados e reagem mal. Fernando Pessoa devolveu com humor a Gaspar Simões as interpretações freudianas que ele tinha feito de alguns dos seus poemas, mas acabou por lhe dizer que “até com a verdade, meu caro Gaspar Simões, há que haver diplomacia”.

Outra área que tenho desenvolvido fora do domínio específico da Medicina é a Bioética. Tanto na perspectiva global de Van Potter, cujo pensamento introduzi em Portugal, como no sentido mais restrito de ética de cuidados de saúde. Criei, na Faculdade de Medicina, o ensino de Bioética e Ética Médica de forma autónoma, e um mestrado nesta mesma área, ambos pioneiros em Portugal. Neste serviço, que dirigi até à jubilação em 1998 por força da lei do limite de idade, realizou-se o primeiro doutoramento em Ética Médica.

A problemática da Bioética aparece em vários textos escritos por mim, sendo tema de numerosas conferências em Portugal, Espanha e Brasil. Destaco, aqui, dois dos meus trabalhos: o primeiro foi publicado na *Revista Colóquio Ciências* da Fundação Calouste Gulbenkian intitulado de “Bioética – a aventura de uma utopia saudável”, o segundo encontra-se em um livro que concede homenagem a Miguel Baptista Pereira, professor catedrático de filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra, na altura da sua jubilação, e tem por título “Archeobiologia e Bioética: um encontro não conflituoso”. O referido trabalho é um ensaio de 30 páginas em que apresento a teoria da filosofia biológica e inclui a variável de tempo na reflexão sobre o desenvolvimento humano e animal, considerando que a lógica da Biologia é uma archeológica. A esta teoria chamo não anti-darwiniana, mas supra-darwiniana, explico-lhes em seguida o porquê.

Este tema é tratado, por mim, em um livro publicado pelo Instituto de Investigaciones Económicas y Sociales Francisco de Vitória, intitulado *Procesos de Autoorganización*, que contém o texto de minha autoria intitulado “O Tempo e as Emergências Biológicas”, escrito muito denso e sintético que termina assim:

No estado actual da investigação das neuro-ciências não pode responder-se afirmativamente à pergunta se a actividade psíquica, específica do homem, simbolizadora e abstracta, pode ser considerada uma emergência do cérebro humano. O pensamento abstracto e simbolizador e a auto-identificação, bem como toda a criação cultural exterior simbólica, necessitam do cérebro para que aconteçam, mas não são uma emergência directa do cérebro. A autonomia da pessoa, a categoria lógica e a categoria ética do pensamento

humano, não são produto material da actividade eléctrica e química das redes de conexão das células cerebrais. (SERRÃO, 2003)

Como corolário da minha atividade em bioética fui convidado, a título pessoal, para integrar, em dois mandatos, o recém-constituído International Bioethics Committee da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), tendo participado, ativamente, na preparação do seu primeiro documento, a Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos, de 1997.

Desde 1984 que represento o governo português no Comité Director de Bioética do Conselho da Europa; fui eleito por duas vezes para o Bureau Directivo e escolhido pelo Plenário para presidir ao grupo de trabalho responsável pela preparação do protocolo sobre a protecção do embrião e do feto humanos. Estive presente em todas as reuniões de discussão e aprovação final da Convenção dos Direitos do Homem e da Biomedicina, conhecida como Convenção de Oviedo, que é o único tratado internacional na área da bioética, e já está em vigor em Portugal, após ratificação pela Assembleia da República e promulgação pelo Presidente da República.

Em Portugal, além de ser membro desde a sua criação, em 1990, do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, fui fundador do Centro de Estudos de Bioética, de cuja direcção sou Vogal. Este Centro de Estudos edita a *Revista Portuguesa de Bioética* que sucedeu aos Cadernos de Bioética. Tanto nos Cadernos como na Revista tenho publicado numerosos artigos versando temas de Bioética e Ética Médica.

Outro campo ao qual tenho dedicado particular atenção é o da reforma da organização e do financiamento do sistema estatal de prestação de cuidados de saúde. De 1996 até 1998 presidi ao Conselho de Reflexão sobre a Saúde, que preparou para o governo o *Livro Branco*, com recomendações para uma reforma estrutural na área da saúde. Sobre este tema publiquei, antes e depois da apresentação do *Livro Branco*, numerosos artigos, alguns na imprensa, com o objetivo de desenvolver um amplo debate nacional sobre a temática em questão. Entre estes escritos saliento o Prefácio de um livro sobre prioridades em saúde intitulado *A questão essencial*, no qual eu reflito e desen-



volvo um pensamento sobre os fundamentos teóricos de um sistema justo de financiamento dos serviços públicos de saúde.

No livro *O futuro da saúde em Portugal*, editado para comemorar os 25 anos da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares, publiquei o texto intitulado “Saúde – reformar é preciso” no qual apresento os sete objectivos que, na minha perspectiva, deviam orientar uma reforma do sistema de saúde português, enfatizando o papel que outros Ministérios, para além do da saúde, têm que desempenhar para que a reforma tenha sucesso e se traduza em ganhos para a população portuguesa.

Para terminar esta visão panorâmica do que tem sido a minha actividade fora do campo estrito da Medicina, presidi algum tempo à Associação dos Médicos Católicos, revista em cuja *Ação Médica* publiquei muitos artigos de pendor deontológico e ético, na linha do Personalismo Cristão. Talvez por esta actividade, tive a honra de ter sido escolhido pelo Papa João Paulo II para membro efectivo da Academia Pontifícia para a Vida, por ele criada pelo *Motu Proprio Vitae Mysteriorum*, em fevereiro de 1994. Nela, tenho apresentado comunicações que estão publicadas nas Actas das Assembleias Plenárias anuais.

Dediquei-me alguns anos ao estudo dos potenciais benefícios do uso moderado de vinho tinto às refeições e ajudei a fundar e desenvolver uma Liga dos Amigos do Vinho e Nutrição (Lasvin) que teve grande actividade na divulgação, entre o público mais jovem, dos benefícios do vinho e dos malefícios do álcool, através da realização de congressos nacionais e internacionais sobre este tema. A Lasvin, editou a tradução portuguesa da brochura canadiana da *Educ'Alcohol* com o título “Esteja preparado para falar sobre álcool com os seus filhos” e teve ampla difusão entre os professores do ensino secundário e associações de pais.

Escrevi no Posfácio do meu *curriculum vitae* para o concurso a professor catedrático, em 1971, que a minha memória é, decididamente, antiautobiográfica. Para corrigir a minha memória será útil ir ao *website*: <http://www.danielserrao.com> e consultar a bibliografia do livro *Bioética e Antropologia* de António Carneiro Torres Lima, edição

da Gráfica de Coimbra, de 2004, onde é citada grande parte dos meus trabalhos não médicos, até fins de 2003.

Na publicação *Fragmentos de uma história da medicina: imagens médicas*, editado por Manuel Valente Alves e publicado pela Porto Editora em 2001, na cidade do Porto, capital europeia da cultura, escrevi a convite um texto intitulado “Reflexos”. Nele, o leitor curioso encontrará a história cifrada da minha viagem pela cultura não-médica.

Claro que fora da Medicina e da Anatomia Patológica sou um amante. Se o muito que escrevi em temas filosóficos e de Bioética tem algum valor só o futuro o dirá. Mas, até então estarei, tranquilamente, morto.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M.V. (Coord.). *Fragmentos de uma história da Medicina*. In: ALVES, M. V. *Imagens Médicas*. Porto: Porto Editora, 2001.

LIMA, A. C. *Bioética e Antropologia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.

PONTY, M. M. *La structure du comportement*. 6. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

PORTUGAL. Conselho de Reflexão sobre a saúde. Resolução n.º 13, de 24 de Janeiro 1996. Reflexão sobre a saúde: recomendações para uma reforma estrutural. *Resolução do Conselho de Ministros*, Lisboa, 1998.

SCHELER, M. *El puesto del hombre en el cosmo*. 5. ed. Madrid: Losada, 1964.

SCHELER, M. *Ética: nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina, 1948. 1. v.

SERRÃO, D. A Poesia de António Gedeão e a geração (ou invenção) da palavra. *Nova Renascença*, Porto, v. 15, n. 56, 1995.

SERRÃO, D. Bioética: a aventura de uma utopia saudável. *Revista Colóquio Ciências*, Lisboa, v. 18, 1996.

SERRÃO, D. Archeo-biologia e bioética: um encontro não conflituoso. *Diálogo e tempo: homenagem a Miguel Batista*, Porto, 2000.

SERRÃO, D. O tempo e as emergências biológicas. URQUIA, R. R. de; VASQUEZ, F. J.; MUNOZ, F. F. (Coord.). *Procesos de autoorganizacion*. Madrid: Instituto de Investigaciones Económicas y Sociales Francisco de Vitória, 2003.

SERRÃO, D. Saúde: reformar é preciso. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO HOSPITALAR. *O futuro da saúde em Portugal*. Lisboa, 2006.

SERRÃO, D. D. *A imagem do Mundo em Agustina Bessa Luís: ensaio de interpretação do fenómeno da criação literária a propósito de uma obra exemplar*. Lisboa: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, 1990. Não Publicado.

VALADARES, M. J. Elementos para uma patografia de Fernando Pessoa. *Jornal de Cultura: praça nova*, Lisboa, dez. 1962. n. 7.

## O QUE ME IMPELE A PINTAR?

---

*Jorge Resende Pereira*

Não vou dizer que pinto, porque esta atividade é uma fuga à “monotonia” da minha profissão de médico, é uma escapatória ao *stress* do dia a dia, é a pintura que me proporciona o relaxe fundamental para atenuar as contrariedades e adversidades com que todos os dias nos deparamos no exercício do nosso ofício e até da nossa vida.

Não pinto para fugir de nada, pinto porque gosto de pintar, de desenhar, de criar, de engendrar um cenário e fixar um momento, uma cena, de idealizar um palco onde se movem personagens, integradas em um ambiente de tons, sombras e brilhos, personagens que interagem e refletem um estado de alma, como figuras que harmoniosamente se movem no proscênio, durante um ato de ópera, expressando liricamente as suas alegrias e as suas mágoas, os seus amores e os seus ódios, as suas confianças e os seus ciúmes. A pintura, ela própria, refletindo um estado de espírito do seu autor, em um determinado instante, em um momento preciso, com um *pathos* que constantemente se busca, em um jogo de cores e formas.

O desenho e a pintura fazem parte da minha existência, desde os primeiros tempos. Foram-me transmitidos por meu pai, que também pintava – estudou pintura em Paris –, embora não tivesse se dedicado à

arte pelas dificuldades inerentes a toda atividade artística na primeira metade do século passado, já que neste país, não permitiam a sobrevivência do artista, quanto mais possibilitar a este profissional sustentar sua família e educar seus filhos.

A arte e a cultura fizeram parte do meu convívio familiar, o meu pai era filho, neto e bisneto de músicos, meu bisavô, Miguel Ângelo Pereira foi um distinto compositor português do século XIX. Minha mãe era filha de um pintor e cenógrafo. Assim, pintar é para mim como respirar, transporto comigo os genes que me impelem a pintar.

Talvez este exercício tivesse se realizado com maior plenitude, não como médico, mas como uma atividade artística, meu sonho foi a Arquitetura, sobretudo a partir do momento em que, em miúdo, um iluminado professor de Canto Coral, do colégio que então eu frequentava, disse a meus pais que eu “não tinha ouvido para a música, tinha calo no ouvido!”.

Uns anos mais tarde, aos meus 14 anos de idade, minha mãe que me aconselhou a enveredar pela Medicina, dissuadindo-me de optar pela Arquitetura, pois afirmava que era uma profissão pouco rentável – e era, de fato –, naquela altura estávamos nos anos 70, e no nosso país, a maioria dos edifícios eram projetados por empreiteiros e desenhadores. Licenciei-me em Medicina, mas por isso não deixei de ouvir música, de ler, de comer, de respirar e de pintar.

Pintaria de qualquer maneira, se fosse médico, se fosse astronauta, se fosse pescador. Pintaria de qualquer maneira, até mesmo se eu fosse um pintor.

## JÚLIO DINIS

### acerca da biografia de um escritor-médico

---

*Carmen Matos Abreu*

O escritor português Júlio Dinis, pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, nasceu na cidade do Porto, em Portugal, em 14 de novembro de 1939, e faleceu na mesma cidade em 12 de setembro de 1871, com 32 anos incompletos. Médico de profissão, desde cedo, porém, Júlio Dinis revelou talento para a escrita literária, e os seus textos rapidamente receberam um confortável acolhimento nas letras de meados do século XIX português, entusiasmo potenciado à transferência dos romances para o palco, também para o cinema, e ainda para múltiplas traduções em outras línguas.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho foi um dos oito filhos de José Joaquim Gomes Coelho, natural de Ovar e médico no Hospital da Ordem de São Francisco, no Porto, e de Ana Constança Potter Pereira Lopes,<sup>1</sup> também do Porto. Por via paterna, foi neto de José Gomes Coelho e de Rosa Rodrigues Pepulim, ambos de Ovar, e por via mater-

---

<sup>1</sup> Segundo Liberto Cruz, paira uma enorme incerteza quanto à correcção do nome da mãe de Júlio Dinis. Segundo este investigador, “A certidão de nascimento diz apenas: Anna filha legítima de António Pereira Lopes e de sua mulher Maria Potter. Na certidão de casamento aparece como Ana Pereira Lopes. Em contrapartida, tanto na certidão de óbito como na certidão do falecido escritor, está registada como Ana Constança Gomes. [...]”, para além de demais diver-

na, de António Pereira Lopes, do Porto, e de Maria Potter Pereira, de Lisboa. Os bisavôs foram Francisco Gomes Coelho e Ana de Oliveira por linhagem paterna, e o inglês Thomas Potter, natural de Londres, e Mary Potter, de nacionalidade irlandesa, estes por linhagem materna.

A sua educação foi eclética. Num ambiente familiar miscigenado pelas culturas inglesa e irlandesa, Júlio Dinis cresceu na assimilação do cruzamento destas variantes culturais, de resto, circunstância que os seus textos revelam manifestamente. Este escritor conhecia de perto as tonalidades sociais e formais do lar britânico. E disto mesmo nos dá conta o romance *Uma Família Inglesa*, não apenas por alguns lances de descrição detalhada da decoração do interior da casa, e até dos jardins, como pelo caráter das relações comportamentais protagonizadas pelo *pater familias* Mr. Whitestone. Por outro lado, o núcleo familiar de Júlio Dinis estava socialmente inserido no grupo de ingleses que proliferavam na cidade, na época movidos por interesses económicos essencialmente em torno da comercialização de vinhos do Porto, envolvimento que se tornava extensível ao facto de este agregado da sociedade inglesa procurar o pai do escritor sempre que necessitava de cuidados médicos.

O percurso académico de Júlio Dinis foi feito na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde em 1861 se licenciou em Medicina, após ter já frequentado o Liceu Nacional e a Academia Politécnica, sempre na mesma cidade. Chegando a lecionar na referida Escola Médico-Cirúrgica, em 1867 foi, entretanto, promovido de demonstrador a lente substituto da secção médica, tendo ainda tomado parte, nesse mesmo ano, no júri de Medicina Legal, no júri de exames de Farmácia, e posteriormente ascendido a Secretário e Bibliotecário da Escola. Para entendimento dos fenómenos da natureza em toda a substância (a humana incluída), interessou-se pela análise das questões meteorológicas, motivação que o texto da sua dissertação inaugural *Da Importância dos Estudos Meteorológicos para a Medicina* nos dá conta. Admitir-se-á que este conhecimento tenha motivado o posterior con-

---

gências a partir da opinião de outros críticos literários. CRUZ, Liberto, *Biografia de Júlio Dinis*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006, nota n.º 3, p. 139.

vite para dirigir o Observatório Meteorológico, no espaço contíguo à Escola Médico-Cirúrgica.

De notar, contudo, que na base de toda esta rápida sucessão de cargos profissionais residiria um agente que se tornou determinante na sua carreira profissional: a falta de saúde. Com crises hemoptóicas desde os 17 anos, a chamada doença do século foi nele progredindo, sem recuos, até o fazer defunto. Mas não só a mãe tinha já morrido de tuberculose quando Júlio Dinis contava apenas cinco anos, como todos os sete irmãos foram sucumbindo à mesma enfermidade. Sabe-se que logo a seguir à conclusão do curso de medicina, e durante o período máximo de dois anos, o escritor ainda consultou alguns doentes, mas as naturais reservas e sacrifício a que o obrigavam deixaram-no perceber que as práticas clínicas lhe estavam, de facto, vedadas. E dado que as forças lhe iam gradualmente faltando, também as práticas da atividade de professor o cansaram sem demora, não lhe tendo permitindo chegar a sentir o verdadeiro entusiasmo pelo ensino. Foi assim que, num esforço de integração mais adequada, o profissional Júlio Dinis se foi transferindo de clínico para a docência, desta para os trâmites bibliotecários e meteorológicos, lançando-se finalmente em incursões geográficas em busca do necessário repouso num percurso paliativo tenuemente alimentado pelos clínicos que o assistiam para contrariar a sentença, da qual o visado já não duvidava.

Para Júlio Dinis, a escrita tornou-se um instrumento de suavização das amarguras físicas e psicológicas. Deambulando de terra em terra na condição de convalescente, pela observação dos cenários envolventes Júlio Dinis recolheu materiais e escreveu, não só pelo prazer da escrita, mas também para alimentar a sua existência que exigia vencer o calendário superando a melancolia. Mas neste hedonismo escondia-se afinal (ou expunha-se) um projeto antropológico, já que o exercício das letras lhe oferecia momentos de incentivantes respostas às necessidades do intelecto. Através da escrita, Júlio Dinis não apenas revestiu as suas personagens de beleza de carácter, como da inefável beleza das formas, ainda dos cenários da natureza que lhe deleitavam o olhar. Foi em quadros narrativos eivados de harmonia, e sempre alheios a tene-



brocidades e disformidades, que o escritor expressou as suas inquietações, os seus desejos, as suas perplexidades, teceu elogios, investindo e lutando pela regeneração identitária e social do homem. Mas saliente-se, entretanto, que o trabalho literário de Júlio Dinis despontou aos 11 anos de idade. Numa carta escrita a um amigo, na qual o escritor narra este dado biográfico, logo o segue da recordação de ter ficado órfão de mãe aos cinco anos, deixando com isto também conjeturar que a escrita já era uma imposição, quase biológica, para colmatar fragilidades sentimentais, conjectura que conduz ao reconhecimento de que no diletantismo literário de Júlio Dinis se albergava uma energia eufémica da dura realidade do cotidiano. Em suposta justiça à ironia do destino, foi de facto a literatura, e não a medicina, que notabilizou publicamente este médico de profissão.

Em 1857, e na revista *A Grinalda*, Júlio Dinis dá à estampa o seu primeiro poema intitulado “Sonho ou Realidade?”. Mas já no ano anterior, com 17 anos, o escritor publica o primeiro texto dramático “Bolo Quente”, embora dele apenas seja conhecido o segundo ato. E foi, entretanto, com o conto “Justiça de Sua Majestade”, publicado em 1858, que Júlio Dinis inaugurou o seu trabalho ficcional, quando, entretanto já fazia parte de um grupo de teatro do Porto, – o Cenáculo –, onde também participava como ator. De registar é ainda o facto de que o teatro não lhe era indiferente, pois tendo escrito vários textos dramáticos que, reunidos em três volumes publicados entre 1946 e 1947, com o título *Teatro Inédito*, assume-se uma das vertentes ideológicas do escritor: a mundivisão da vida como um palco, o que entretanto também se reafirma nos romances. No seu escopo literário contam-se os seguintes textos dramáticos: *O Casamento da Condessa da Amieira*, *O último Baile do Sr. José da Cunha*, *Os Anéis ou Inconvenientes de Amar às Escuras*, *As Duas Cartas*, *Similia Similibus*, *Um Rei Popular*, *Um Segredo de Família* e *A Educanda de Odivelas*, quase todos servidos por *quid pro quos* e um gosto pela ironia de raízes muito shakespearianas.

Publicado em folhetins no *Jornal do Porto*, em maio de 1866, Júlio Dinis deu a conhecer o seu primeiro romance, *As Pupilas do Senhor Reitor*, cuja escrita iniciou no ano anterior em Ovar. Todavia, e apesar de só ser publicado em 1868, o romance *Uma Família Inglesa: Cenas da*

*Vida do Porto* parece ter conhecido o final da redação em 1862, calculando-se assim que tenha ficado alguns anos na gaveta. É neste mesmo ano de 1868 que surge à estampa outro romance, *A Morgadinha dos Canaviais*, sendo que o último, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, iniciado na Ilha da Madeira, foi já postumamente publicado em 1872 e sem a revisão tipográfica do autor. Em 1910, através de *Inéditos e Esparsos* editam-se os textos teóricos, alguns esboços de futuras narrativas e escritos incompletos, além de múltiplas cartas particulares e literárias. A preencher o acervo literário de Júlio Dinis, e para além de inúmeros poemas coligidos e editados em 1874 em *Poesias*, também os contos “As Apreensões de Uma Mãe”, “O Espólio do Senhor Cipriano”, “Os Novelos da tia Filomela”, “Uma Flor de entre o Gelo” e “O Canto da Sereia”, a que se junta o já mencionado “Justiça de Sua Majestade”, compõem o volume *Serões da Província*, publicado em 1870.

Os primeiros escritos de Júlio Dinis foram assinados com o heterónimo Diana de Aveleda, e só depois surge o pseudónimo Júlio Dinis. Para além de, na época, a pseudonímia ter sido uma prática recorrente no cenário intelectual, admita-se que o carácter reservado do escritor e a pouca energia que o seu corpo lhe proporcionava terão sido responsáveis por esta opção para ao dispensar de acesas querelas de opinião. Foram assinadas com o heterónimo Diana de Aveleda algumas publicações no semanário *Mocidade*, e, sobretudo uma grande parte da correspondência divulgada no *Jornal do Porto*, onde se discutiam problemáticas do mundo artístico e debatiam considerações literárias com vivo e firmado parecer. Nesta opção do seu fazer literário, em que pela transferência de género o escritor assumiu a plena mudança de identidade, ficaram criadas as condições ideais de resguardo a intensos debates com outros literatos que lhe exigiriam esforços suplementares esperadamente fatigantes. Desconhecida de todos os leitores, Diana de Aveleda contraiu a identidade de uma senhora da burguesia portuense e, revelando-se inteligente e de cultura esclarecida, abordava nos seus textos as mais variadas matérias. Nas suas preferências abrigaram-se questões que geralmente preenchem o universo do pensamento feminino, tais como a moda, a educação dos jovens, os afetos maternos, as condutas de decoro, acrescentadas por outros temas

de mais amplo recurso intelectual, sempre abordados com firmeza e erudição sólida. Relativamente ao pseudónimo Júlio Dinis, este parece ter nascido do propósito de o escritor não se pretender revelar ao próprio pai que, médico de profissão como já se referiu, receava que outras distrações pudessem perturbar o filho do percurso académico, comprometendo a futura profissão que o esperava, também de médico. Verificou-se, porém, que mesmo após ter sido familiarmente desvendado o pseudónimo, e já quando o romance *As Pupilas do Senhor Reitor* estava publicado, o pseudónimo Júlio Dinis foi a denominação com que o escritor continuou a assinar as suas obras.

A cidade do Porto, sua terra natal, ficou perpetuada no romance *Uma Família Inglesa*. Júlio Dinis nasceu na rua do Reguinho, atual rua Nova da Alfândega, na margem direita do rio Douro, numa área geográfica onde na época fervilhava toda a dinâmica comercial da cidade – a Alfândega, a Bolsa de Valores e os Bancos estavam praticamente todos ali instalados. Parcialmente protagonizado pela firma Whitestone & C<sup>a</sup>, pertença de uma personagem inglesa que empresta o nome à denominação comercial, no romance *Uma Família Inglesa* registam-se, claramente, os movimentos inerentes àquela variedade de trâmites comerciais. Todavia, é de notar que apesar das múltiplas referências a espaços do burgo portuense, à sua atividade mercantil e às profissões que lhe estavam adstritas, o fundamental do enredo focaliza-se no conflito de gerações e no relacionamento entre personagens de esferas sociais distintas, sempre com dedicado e manifesto privilégio para os sentimentos humanos. Eivado ainda pela forte presença da cultural inglesa, os gostos, hábitos, tradições e o caráter que define os membros da sociedade inglesa patenteiam-se em toda a narrativa, resultando num inequívoco testemunho do conhecimento que o escritor dela detinha. Já os três restantes romances conhecem, como cenário romanesco, os espaços rurais.

Em busca de condições atmosféricas que menorizassem os nefastos efeitos da doença, o percurso errático de Júlio Dinis distribuiu-se por vários pontos do país: passou algumas temporadas em Lisboa de onde partiu para a Ilha da Madeira, mas foi essencialmente nos espaços rurais de Ovar, Grijó, Gondomar, Vila Nova de Famalicão,

Felgueiras ou Aveiro, entre outros locais, onde se deteve por mais tempo. Inserido no âmago da natureza, o escritor contemplou-a e tornou-se um observador perspicaz e atento do meio e, numa leitura aplicada às relações e comportamentos humanos, desvendou a multiplicidade dos conflitos psicológicos do homem, quer consigo próprio, quer na sua relação micro, ou macro, sociológica.

As personagens dos romances, tendencialmente burguesas, embora ombreando com outras de raiz mais popular, desenvolvem problemáticas que espelham as preocupações de meados do século XIX português, momento social de profunda mudança de pensamento e desempenho. Quando as ações imanadas pelo liberalismo político davam já os seus frutos, e pesem embora os favorecimentos sociais daí resultantes, nem tudo estava bem. As disposições do processo de civilização em curso tornavam-se ensimesmadas nos entusiasmos materialistas, e indiferentes ao respeito pelo homem negavam muitos dos valores da existência. O desinteresse pelos sentimentos arvorava a abolição do respeito social, sendo que a relação do “eu” com o “outro” se ia progressivamente viciando na inverdade que a máscara social impunha. Esta tensão de aparências obrigava à metamorfose do “ser”, geralmente investido de dupla identidade, espécie de incoerência ontológica profundamente analisada em todos os romances deste escritor.

E é neste quadro de desempenhos narrativos que as disputas de carácter político que permeiam *A Morgadinha dos Canaviais*, por exemplo, se convertem no pronto testemunho desta problemática epocal, representadas pelo implícito cruzamento do homem público com o familiar. Já em *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, a tensão narrativa acentua-se no *modus vivendi* da aristocracia remanescente. Alicerçada nos preconceituosos hábitos apalaçados que facilitavam uma vida de prazer e inércia às famílias que ainda se alimentavam do veio social feudalista, neste romance representa-se a atitude indiferente e empedernida diante da mudança social em curso: a ruína invadia a família da Casa Mourisca placidamente entregue aos destinos ditados pelo velho clérigo, até que um dos filhos do fidalgo, estimulado pelo exemplo de reconversão económica de um velho criado da casa, desperta para a

lucidez e assume a mudança dos desígnios da família. Tal como no romance anterior, assiste-se também ao cruzamento de rutura e continuidade de outras relações sociais, com particular focalização na influência moral do clero que não dava sinais de alteração de práticas e pensamento. Pelo contrário, em *As Pupilas do Senhor Reitor*, o primeiro romance de Júlio Dinis, o leitor depara-se com um aprazível exemplo do reitor dedicado e moralmente modelar, que vela pelo destino e educação de duas órfãs e dois órfãos de famílias narrativas diferentes, – e será o momento de notar que a temática da orfandade tem presença marcada em quase todos os textos deste escritor. Neste romance todas as personagens são campesinas, embora o jovem herói, após ter passado algum tempo na cidade, onde desenvolveu estudos de medicina, volta à aldeia no cumprimento do quadro literário do regresso às origens. Mas se na base construtiva dos dois romances anteriores, alimentada embora pela teia de relações sentimentais entre personagens de proveniências sociais afastadas, se atravessam outras questões de profundo pendor social, neste último romance os sentimentos são, de facto, a vertente principal de todo o entrecho. Acentuando as condutas da micro sociedade rural onde sempre se aprontam a invadir e devassar as contingências alheias, a intriga inflete a cada passo para episódios em que o amor, no enorme respeito por si e pelo outro e na entreajuda e salutar convívio, estabelece quadros éticos que realçam a nobreza dos sentimentos das personagens.

Os seis contos reunidos em *Serões da Província* são, talvez pela adensada morfologia a que o subgénero obriga, uma concentrada compilação crítica da influência social sobre o homem. O relevo atribuído à tensão estabelecida pela tópica literária do “ser e parecer” sublinha que o equívoco insidiosa a entidade, e que esta, desprotegida de mecanismos de autodefesa, de comum incorre em injúrias que lhe vão agredir os sentimentos e mutilar o direito à liberdade, o que não somente lhe destrói a paz interior como desvia o leme do seu percurso no mundo. Todavia, o propósito narrativo de reinstalar a ordem carrega o desígnio de conceder justiça onde ela é reclamada, e as personagens saem geralmente vencedoras nas suas determinações. E quando assim não é, oferecem-se páginas de leitura que convidam à reflexão

acerca de preconceitos e exigências sociais de que o homem é alvo, quer numa relação singular, quer na pluralidade de que o emaranhado social se organiza.

No postulado Oitocentista, a Ciência ocupava um lugar de privilegiado acolhimento entre os intelectuais, e Júlio Dinis, educado nos compêndios universitários, revelou-se, também nos seus trabalhos ficcionais, um escritor de rigor positivista. A minúcia com que observa o homem e o descreve através das suas personagens resulta do exame dos gestos, estudo do pensamento e análise dos comportamentos, numa simbiose que congrega o que imediatamente se expõe com o espaço mais profundo e íntimo da experiência humana. Mas são, sobretudo, os fluxos e refluxos do pensamento das personagens, sobre si e sobre o outro, por vezes ainda expressos por monólogos interiores, que permitem desvelar toda a teia de complexidades da existência que claramente expõem as incertezas do escritor. E por que Júlio Dinis não foi conformado, se na estética disiniana imediatamente se expõe o estímulo da harmonia, sempre coroada pelo casamento que desenha o final feliz das suas narrativas, nas entrelinhas de toda essa construção do pensamento e da palavra escondem-se enormes e inquietantes dúvidas e interrogações. Defensor do progresso, ainda por comparação com a sociedade inglesa e na esteira dos gostos literários que lhe foram coevos ou anteriores em Inglaterra, Júlio Dinis alerta as consciências para os benefícios da civilização, mas também para os concomitantes prejuízos advindos. E aqui o realce não se insinua do ponto de vista económico, no qual o escritor parecia acreditar, mas na impiedade com que, indiferente, o aparelho ideológico e pragmático avançava sem reverências pela complexa sensibilidade do homem, – afinal, a razão maior da Criação. Apostado na conciliação de vontades, percebe-se que nesta profunda crítica o escritor luta pela pintura narrativa do bem-estar social através do cromatismo do artista que, de notar, é chamado a todos os textos, num claro esforço de conjugação intersemiótica para favorecimento da autoestima de cada leitor.

Se estas determinações romanescas introduziram novidade no escopo literário nacional, Júlio Dinis não foi, ainda assim, original na esfera literária. Influenciado pela leitura de textos ingleses e irlandese-

ses,<sup>2</sup> Júlio Dinis foi o introdutor em Portugal das tendências literárias dos séculos XVIII e XIX ingleses, aposta que no corpo dos seus romances se consolida ainda pelo chamamento ao texto de nomes de escritores e respetivos títulos de obras. Foram, sobretudo, os romances de Henry Fielding, Jane Austen, Oliver Goldsmith e Charles Dickens aqueles que exerceram forte contaminação temática e de pensamento nos seus textos, demonstrando ainda que conhecia bastante bem o trabalho literário de Laurence Sterne. De entre as tendências narrativas recolhidas na linha de debate inglesa encontram-se, por exemplo, propostas de leitura em torno do exercício judicativo na vida quotidiana de todos os cidadãos, numa clara apreciação social que elege arguidos, réus e juízes em permanente atividade social sentenciosa. E assim se relata a vida à semelhança da representação num palco, mundivisão que o profuso léxico (ator, representação, palco, monólogo, etc.) não esconde, sendo ainda explícitas as referências ao teatro que chama a si a vida, para além de, e embora só muito pontualmente, as narrativas chegam a adotar os traços formais do texto dramático. Outra tendência assimilada nas fontes inglesas é o tratamento do feminino. Em todas as ficções dinisianas encontramos uma personagem feminina que se reveste da energia andrógina, com aptidão e vigor intelectual, capazes de ultrapassar, com hábil subtilidade, não somente os vários constrangimentos que lhe surgem, como também os daqueles com quem a personagem se relaciona. Chegando, nalguns casos, a revestir-se ainda de força física, o feminino assume a androginia pela conjugação dos traços psicológicos femininos e masculinos, numa clara exaltação do primeiro género. Também como nos textos ingleses, os fenómenos de metamorfose da entidade povoam ainda todos os romances de Júlio Dinis, para além de defenderem, com severidade, e frequentemente a partir das tradições nacionais, o progresso social e a identidade do povo português, ainda mesmo que por cotejo com a sociedade inglesa.

---

<sup>2</sup> Vide: ABREU, Carmen Matos, *Júlio Dinis. Representações romanescas do corpo psicológico e social: influência e interferência da literatura inglesa*, Porto, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), 2010.

Recolhendo a matéria-prima para o seu laboratório romanesco na observação do mundo que o cercava, Júlio Dinis retocou os elementos realistas com idealizações de princípio ainda romântico. A invulgar sensibilidade que lhe permitiu mergulhar nas profundezas dos mais variados estados de alma das personagens, a descrição lenta para realce da verdade que teoricamente defendeu e aconselhou para a construção do romance, ainda o uso linguístico sempre elegante e cuidado, são uma conjugação de fatores que colocaram o escritor num patamar de grande originalidade nas letras portuguesas do século XIX. Inaugurando o romance realista em Portugal, ou talvez melhor, fazendo-o vivamente transitar da estética romântica para a realista, – tal como tinha acontecido em Inglaterra de setecentos com o seu homólogo Henry Fielding, e mais propriamente com o romance *Tom Jones*, que Júlio Dinis refere, por vezes citando –, este escritor médico cunhou ainda as suas narrativas com profusas referências à medicina. Particularizadas por lances reflexivos que, de entre múltiplas matérias, oferecem ao pensamento do leitor quadros clínicos da relação médico/doente, sobretudo aplicados ao projeto de diagnóstico que tantas vezes, por excesso de obediência aos compêndios, aponta patologias onde não estão consideradas as emoções e sentimentos, essas chamadas de atenção também revelam a intensa preocupação e profunda consciência das práticas clínicas de Júlio Dinis.

Nesta biografia sumária de Júlio Dinis torna-se finalmente importante sublinhar que pela estimulante oferta de aprazíveis momentos de leitura, este escritor médico procurou ativamente intervir na construção social do seu povo, trazendo as consciências à reflexão e modelando-as em prol do bem-estar do indivíduo e da nação, num claro esboço de utopia social.



## REFERÊNCIAS

ABREU, C. M. *Júlio Dinis: representações romanescas do corpo psicológico e social: influência e interferência da literatura inglesa*. 2010. 410 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2010.

CRUZ, L. *Biografia de Júlio Dinis*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

DINIS, J. *Inéditos e esparsos*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1992. (Obras Completas de Júlio Dinis, v. 7).

MONIZ, E. *Júlio Denis e a sua obra*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924. 1 v.

MONIZ, E. *Júlio Denis e a sua obra*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924. 2 v.

## JOÃO BARREIRA da Medicina para a História da Arte

---

*Catarina Fernandes Barreira*

João Barreira (1866-1961) foi uma personalidade multifacetada e ímpar no contexto cultural português. Licenciado em Medicina, a sua paixão foi a História da Arte, à qual dedicou a sua vida. Vamos descobri-lo mais adiante.

João Barreira nasceu em Chaves, era o filho mais velho de uma família com seis irmãos, e por isso teve direito a prosseguir estudos superiores. Foi estudar na cidade do Porto na Escola Politécnica – a Invicta oitocentista era um alfobre de intelectuais onde o nosso historiador se integrou facilmente. Filiou-se no Partido Republicano e foi um dos fundadores da Sociedade Carlos Ribeiro em 1887, cujo presidente era Júlio de Matos, futuro professor e psiquiatra. Apesar de ter como sustento a magra bolsa de estudantes, ainda publicaram cinco volumes da *Revista de Ciências Naturais e Sociais*. O ano de 1891 ficou marcado pela sua participação no golpe de 31 de janeiro e pela filiação no Clube de Propaganda Democrática do Norte.

## A BREVE CARREIRA DE MÉDICO

No ano de 1892, João Barreira concluiu a licenciatura em Medicina, na Escola Médica do Porto. Na sua tese de formatura, *Delírio de Negações*, despontava já o génio literário que caracteriza as suas obras. Também no mesmo ano publicou *Guaches*, a sua primeira incursão na estética simbolista, com repercussões no movimento simbolista brasileiro.

Em Paris, na Universidade de Sorbonne, ao assistir às aulas de Charcot e de Brissaud, no intuito de se especializar aproveitando também para visitar os irmãos Goncourt. Em 1896 já se encontrava retornou à Portugal, mais especificamente na capital, no mesmo ano que o pintor Columbano conclui o primeiro de vários retratos. No entanto, antes da sua vinda para Lisboa, ainda exerceu clínica médica na cidade do Porto. Em 1898 é nomeado “Médico de Partido” na Caparica e é neste período que se torna grande amigo do poeta romântico Bulhão Pato. Aqui se finda a breve carreira de João Barreira no mundo da medicina para se dedicar por completo à História da Arte. Consequências de uma licenciatura em Medicina, por pressão paterna, por alguém que ambicionava ser um arquiteto.

## O DOCENTE UNIVERSITÁRIO E O ENSAÍSTA

João Barreira em 1901 começou a sua carreira de professor na Escola de Belas Artes de Lisboa, por sugestão de Sousa Viterbo, com a cadeira de História da Arte da Antiguidade. Desde então, “A minha vida mental consagrou-se ao estudo da História da Arte e posso dizer com segurança e simplicidade que o meu esforço tem sido constante e a minha devoção permanente.”<sup>1</sup> Após o movimento revolucionário do 5 de outubro foi eleito deputado e participou na reforma educativa do ensino das Belas Artes, em 1911.

---

<sup>1</sup> Depoimento de João Barreira citado por Nuno Simões em “Vida e Obra de João Barreira”. *Jornal de Letras*, dezembro de 1966, por ocasião do centenário do seu nascimento.

No ano de 1919, iniciou a docência na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a cátedra de Estética e História da Arte. O ano de 1923 foi fértil devido à publicação de duas obras intimamente ligadas com a sua atividade docente, a saber: *A Arte Grega e a Morte do Imaginário*. Três anos depois colaborou com o *Guia de Portugal*<sup>2</sup> e em 1929 fez o volume da escultura para a Exposição de Sevilha.

Reformou duas instituições onde lecionou em 1936, por ter atingido o limite de idade. Um ano depois editou *História de uma catedral*, um pequeno livro de carácter didáctico, claro e simples, ilustrado pelo seu filho Manuel Barreira, arquiteto. Para além destas obras, intimamente relacionadas com a sua atividade docente, publicou em 1928, *Silva de Arte*, um conjunto heterogêneo de escritos sobre arte, em 1933 é marcado pela sua nova incursão ao universo simbolista com *As coisas falam*, onde o cotidiano e o sonho se entrelaçam com a História da Arte e a Estética, experiência repetida em 1947, já com 81 anos de idade, com o seu último ensaio de cariz simbolista, “A Rota do Bergantim”, embora epigonal.

Privou com algumas das mais significativas personalidades da cultura nacional: foi colega do poeta António Nobre, que lhe dedicou um poema, conviveu com Eça de Queirós e Alexandre Herculano, foi retratado por António Carneiro, por Columbano e pelo escultor Joaquim Correia. Teve ainda o privilégio de ser amigo de Guerra Junqueiro, de Manuel Monteiro, António Sérgio, Paulo Braga, Diogo de Macedo, Nuno Simões, entre outros.

João Barreira, como historiador da arte revelou-se bastante activo no que concerne a publicações no final da sua carreira docente e depois da reforma, numa obra vasta e diversificada que inclui livros, artigos de jornais e revistas, colaborações e traduções de obras literárias. Coordenador da *Arte Portuguesa* constituída por quatro volumes e editada na década de 40 construiu um estudo pioneiro no panorama português. Barreira entregou a vários especialistas a redacção dos

---

<sup>2</sup> João Barreira participou do *Guia de Portugal*, de Raul Proença no volume II, com um artigo sobre as Construções do Alentejo (p. 29-31) e sobre Santarém (p. 344-364); no volume III com um artigo sobre a Habitação (p. 30-38) e no volume V com dois artigos; um sobre a História de Chaves (p. 408-412) e outro sobre Chaves Antiga (p. 412-414).

capítulos, consoante a sua área de investigação, ficando ao seu cargo a introdução da cada livro e a redacção integral do volume dedicado à Arquitectura e Escultura.

Cabe a Barreira o mérito de ter introduzido e desenvolvido no campo da nossa historiografia artística o método iconológico de Warburg e de Panofsky, bem como alguns princípios formalistas a partir dos estudos de Wölfflin e de Focillon, actualizando, deste modo, os métodos de abordagem à obra de arte usada pela sua geração de historiadores.

As suas épocas de interesse, à excepção da Arte Grega, pertencem quase exclusivamente à Idade Média, e evidenciam um interesse particular pela arte manuelina. O nosso historiador considerava que o Manuelino, apesar de não se constituir nem como um estilo, nem tão pouco como uma manifestação artística genuinamente nacional, não carece de originalidade, patente nos arranjos e nas contribuições com os elementos conhecidos do gótico e do tardo-gótico, a par de outras introduzidas pelo Renascimento. Um dos pilares do seu discurso assenta no confronto entre a elaboração artística nacional e as influências oriundas do exterior. Barreira, ao perceber os momentos de contacto com o exterior e ao analisá-los em articulação com períodos de absorção e elaboração interna, inventa o conceito de “nomadismo artístico”, questão à qual nós temos vindo a dar seguimento.

A sua problematização em torno das duas grandes fases da obra do arquitecto e escultor João de Castilho ainda permanecem actual, e teve um papel significativo no desenvolvimento da História da Arte no nosso país, deixando ainda alguns manuscritos por publicar. Barreira, apresentou a Faculdade de Letras duas comunicações em dois Congressos Internacionais de História da Arte, em Paris (1921) e na Bélgica (1930). Foi ainda coleccionador de arte: reuniu uma colecção significativa, embora heterogéneas, que vai desde o mobiliário, à cerâmica e às artes plásticas.

**REFERÊNCIAS**

- BARREIRA, J. *Delírio de negações*. Porto: Tipografia Ocidental, 1892.
- BARREIRA, J. *Gouaches*. Porto: Lugan e Genelieux Editores, 1892.
- BARREIRA, J. *Arte Grega*: sumário da sua historia. Lisboa: Oficina Tipográfica do Anuário Comercial, 1923.
- BARREIRA, J. *A morte do imaginário*. Lisboa: Oficina Tipográfica do Anuário Comercial, 1923.
- BARREIRA, J. *A Escultura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1929.
- BARREIRA, J. *História de uma catedral*. Lisboa: Seara Nova, 1937. (Coleção Cadernos da Seara Nova).
- BARREIRA, J. *Silva de Arte*. Lisboa: Tipografia do Tombo Histórico, 1928.
- BARREIRA, J. *As coisas falam*. Lisboa: H. Torres, 1933.
- BARREIRA, J. *Rota do Bergantim e outras alegorias*. Lisboa: Edições Ática, 1947.
- BARREIRA, J. (Coord). *Arte Portuguesa*. Lisboa: Edições Excelsior, 1946. 4 v.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Portugal). *Guia de Portugal*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1927.



## MIGUEL TORGA

---

*Maria da Assunção Morais Monteiro*

Miguel Torga é o alterónimo do médico Adolfo Rocha, nascido em 1907, em S. Martinho de Anta, em Trás-os-Montes, no norte de Portugal, onde viveu até concluir a 4ª classe. Sem possibilidades para continuar a estudar, começou a trabalhar no Porto, foi depois para o Seminário de Lamego, acabando por emigrar para o Brasil com apenas 13 anos. Trabalhou na fazenda de um tio e frequentou o ginásio de Leopoldina. Regressou a Portugal após cinco anos, dedicou-se aos estudos e formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra. Adolfo Rocha iniciou a sua actividade literária em 1928, em poesia, com “Ansiada”. Colaborou na revista *Presença*, da qual se afastou em 1930, ano em que publicou “Rampa”, também poesia. Em 1931 publicou mais duas obras, *Tributo e Pão Ázimo*, respectivamente em poesia e prosa, e em 1932, novamente em poesia, “Abismo”.

Em 1934, com *A Terceira Voz* surge Miguel Torga, que é apresentado pelo próprio Adolfo Rocha no prefácio da obra: “Com um ósculo vo-lo entrego. Chama-se Miguel Torga. Somos irmãos e temos a mesma riqueza. Mas há dias reparámos nesta coisa simples: para que aos vossos olhos um de nós surgisse Cristo, necessariamente o outro tinha de fazer de Judas. E eu sacrifiquei-me.”. (TORGA, 1934, p. 6)



Ao tomar esta atitude, Adolfo Rocha institui um processo de alteridade do eu, cria o seu alterónimo, o “eu-mito” Miguel Torga, o “Cristo” que há em si, comprometendo-se a desaparecer: “despeço-me da cena e dou a minha palavra de honra que não reapareço... Se ainda é preciso uma explicação, digo que a minha voz mudou – porque o horizonte é maior...”. (TORGA, 1934, p. 6) No mesmo prefácio, escreve: “Fica o Outro... – Ficas tu, Miguel Torga”. Assim, Miguel Torga não pode ser um pseudónimo, é um alterónimo de Adolfo Rocha (MONTEIRO, 2003b, p. 45-62), alguém que foi apresentado ao leitor, através de um processo de alteridade do “eu”, e que acabou por ficar detentor de todas as obras, inclusive aquelas publicadas com o nome verdadeiro, no início da carreira literária.

Através dos registos no seu Diário, o leitor tem sempre notícias do médico, do cidadão e do homem de família Adolfo Rocha. Saliente-se, todavia, que a esposa, prof.<sup>a</sup> doutora Andréa Crabbé Rocha, o tratava por Miguel e que as cartas dirigidas ao amigo Padre Avelino estão assinadas ora por Adolfo Rocha ora por Miguel Torga. (MONTEIRO, 2003a, p. 137-180) Esses registos diarísticos são dados a conhecer pelo alterónimo, o que nos permitiu levantar questões relativamente à autenticidade e autoficção na escrita do Diário (MONTEIRO, 1998, p. 1079-1088) e ainda sobre a unidade e alteridade do “eu” no diário torquiano. (MONTEIRO, 1994, p. 343-352)

Eduardo Lourenço considera que Miguel Torga, “se impôs aos leitores, não como simples pseudónimo, mas como ‘nome’”, ao mesmo tempo simbólico e natural. Esta automitificação onomástica tem pouco a ver com a do mero crisma pseudonímico [...]. É na sua origem e na sua intenção um baptismo à maneira bíblica onde se inscreve de antemão um destino a cumprir”. (LOURENÇO, 1994, p. 278-284) No *Diário XV*, Torga refere-se ao “baptismo literário”, que foi muito mais do que isso:

O leviano que eu fui, quando em 1934, [...] dei nome e entreguei à sanha farisaica, com um beijo simbólico, o Cristo que metaforicamente supus existir em mim. E o que me têm dóido os remorsos dessa hora traidora, que parecia um simples baptismo literário e era um destino impiedoso [...] Dividido desde então em duas

metades, desigualmente responsabilizadas – uma, condenada à cruz de uma existência emblemática, rectilínea, coerente, sem transigências de nenhuma ordem, e a outra cingida apenas à ética profissional e às leis da civilidade – assim tenho atravessado os anos, ora a assinar livros, ora receitas, fiel a uma dicotomia absurda, na íntima mortificação de ter sido um carrasco de mim mesmo. (TORGA, 1990, p. 180)

Depois de 1934, todas as obras foram sempre publicadas sob a autoria de Miguel Torga e aqui apenas apontamos algumas. A enumeração exaustiva pode ser encontrada nas obras editadas pelo autor. Assim, em poesia, publicou “Odes”, “O outro livro de Job”, “Nihil Sibi”, “Cântico do Homem”, “Orfeu Rebelde”, “Poemas Ibéricos”. Na modalidade conto, “Bichos”, “Contos da Montanha”, “Novos Contos da Montanha”. No romance, escreveu *Vindima* e, na autobiografia romanceada, os volumes de *A Criação do Mundo*. São ainda de referir *Terra Firme*, *Paraíso e Mar*, no âmbito do teatro, *Portugal*, um roteiro turístico-literário subjectivo da pátria e, finalmente, o *Diário*, contendo poesia, paratextos, textos embrionários de contos e entradas sobre eventos de índole pessoal e sobre factos históricos de Portugal e da humanidade.

Torga tinha a preocupação de escrever bem e ser entendido por todos. No *Diário VIII* destaca (TORGA, 1976, p. 98): “a caneta que escreve e a que prescreve é a mesma”, daí a necessidade de cuidado e precisão. Explica que, se na vida profissional de médico procurou sempre “ser honesto e capaz”, porque não haveria de fazer o mesmo como escritor? “Ora um escritor honesto e capaz deve escrever bem”. Por isso, pega na pena com o escrúpulo com que pega no bisturi, porque “o canhestro manuseamento deste pode matar o doente; a má utilização daquela pode perverter o gosto e torcer a consciência do leitor. Ambos, portanto, exigem igual precisão e honradez”. Assim, a simplicidade, a sobriedade, a frase curta e incisiva são aspectos fundamentais do estilo de Torga, um escritor telúrico, profundamente marcado pela região de Trás-os-Montes. Os seus heróis, como escreveu no *Diário XV* – “Prefácio à tradução castelhana dos *Contos e Novos Contos da Montanha*” –, ainda que tenham visto “a luz do dia nas terras altas

de Trás-os-Montes” e tenham “todos os traços fisionómicos próprios da região”, reagem e actuam “como filhos do mundo em todas as circunstâncias”. (TORGA, 1990, p. 11) Daí a universalidade da sua obra, na qual defende os direitos humanos, o respeito, a autenticidade, a fraternidade, a liberdade, a independência de espírito, a identidade.

Torga, como registou no *Diário XV*, procurou ser “um homem, um artista e um revolucionário”, um “homem simples e prestável que não envergonhasse a espécie, um artista escravo da vocação, e um revolucionário que, com a arma da caneta e a firmeza do procedimento, contribuisse de algum modo para a subversão da ordem vigente e a edificação duma sociedade melhor”. (TORGA, 1990, p. 173)

## REFERÊNCIAS

- LOURENÇO, E. Um nome para uma obra. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE MIGUEL TORGA: AQUI, NESTE LUGAR E NESTA HORA, 1., 1994, Porto. *Actas...* Porto, Universidade Fernando Pessoa, 1994. p. 278-284.
- MONTEIRO, M. da A. M. *Acerca de Miguel Torga...* Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2003. (Com depoimentos de Padre Avelino e cartas).
- MONTEIRO, M. da A. M. *Autenticidade e Autoficção no Diário de Miguel Torga*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 5., 1998, Oxford-Coimbra. *Actas...* Oxford-Coimbra, 1998. p. 1079-1088.
- MONTEIRO, M. da A. M. *Da heteronímia em Eça de Queirós e Fernando Pessoa à alteronímia em Miguel Torga*. Vila Real: UTAD, 2003b. (Série Ensaio, n. 24)
- MONTEIRO, M. da A. M. Unidade e Alteridade no Diário Torquiano. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE MIGUEL TORGA: AQUI, NESTE LUGAR E NESTA HORA, 1., 1994, Porto. *Actas...* Porto, Universidade Fernando Pessoa, 1994. p. 343-352.
- TORGA, M. *A Terveira Voz*. Coimbra: Edição do autor, 1934.
- TORGA, M. *Diário VIII*. Coimbra: Edição do autor, 1976.
- TORGA, M. *Diário XV*. Coimbra: Edição do autor, 1990.

## TRÁS-OS-MONTES DE MIGUEL TORGA

---

*Zeny Duarte*

No centenário de Miguel Torga, em 2007, a Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos (Sopeam), sob a presidência do dr. Luís Esperança Ferreira Lourenço, organizou as jornadas de outono, em Trás-os-Montes, região da cidade natal do escritor.

Com o intuito de reviver as memórias desse médico-escritor, um grupo de médicos da Sopeam com familiares e amigos convidados hospedaram-se no Solar de Canavarros Hotel, construção do século XVII, em Sabrosa, em um ambiente de confraternização e tertúlia em sua homenagem. Em meio a este círculo de estudiosos, pesquisadores e intelectuais nos encontrávamos embuidos do mesmo objetivo: estudar a obra de Miguel Torga. Essa cidade integra a região do Alto Douro Vinhateiro, declarada Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), com as características vinhas em socacos a proporcionar vistas deslumbrantes e ímpares, fica a 25 km de Vila Real, capital da região, e a 5 km de São Martinho de Anta, cidade natal de Adolfo Correia da Rocha, conhecido pelo alterônimo Miguel Torga.

Para a prof<sup>a</sup>. Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), a opção por

outro nome feita pelo autor não se deve à busca de um pseudônimo e, sim, ao desejo de encontrar o “eu mítico”. Para nós, esse alterônimo é um verdadeiro jogo de pertença montado por uma abstração ficcional que preside às relações entre o espaço do eu e o espaço literário.

No portal de sua Casa-Museu, inaugurada em agosto de 2007 passado, em Coimbra, lê-se sua própria descrição do significado desse nome:

Torga é uma planta transmontana, urze campestre, cor de vinho, com as raízes muito agarradas e duras, metidas entre as rochas. Assim como eu sou duro e tenho raízes em rochas duras, rígidas, Miguel Torga é um nome ibérico, característico da nossa península. Pesou também na escolha do pseudônimo a influência de dois grandes escritores espanhóis: Miguel de Cervantes e Miguel. (CASA MUSEU..., [2007])

Um dos destaques das jornadas foi conhecer a espacialidade do escritor: a casa onde nasceu, a capela Senhora da Azinheira, no monte de São Domingos, uma das passagens do caminho de Santiago de Compostela, com vista para um verdadeiro “oceano megalítico”, por ele caracterizado; o mundo infantil torguiano, sua escola primária, em cuja sala de aula assistimos à palestra da prof<sup>a</sup> Maria da Assunção Anes Morais sobre Tradições transmontanas no diário de Miguel Torga, sentados em carteiras feitas para os “miúdos” (crianças) da região; e o campo-santo onde estão sepultos ele e a esposa, a lusista belga Andrée Crabbé Rocha. Assim, percebemos quanto ele herdou desse mundo rural, que vivenciou e transpôs para o mundo das letras.

Andando pelas ruas de sua cidade, convivemos com a eira de vizinhos, a eira comunitária. Reunimo-nos em frente a sua pequena e singela casa de paredes brancas, portas e janelas azuis, onde ouvimos depoimentos do Padre Avelino, um nonagenário que manteve laços fortes de amizade com o poeta. Recordou-nos momentos fortes vividos em sua companhia. Destacou a grandeza de sua alma, sua convicção de “ateu crente”, seus dois espaços: físico (o meio ambiente) e social (as pessoas), relatou-nos o que lhe ficou na lembrança dos sabores e dis-

sabores na vida profissional e literatura de Torga em suas confidências ao padre amigo.

Reunimo-nos no largo do Eiró, onde se encontra um monumento ao escritor, junto ao célebre negrilho, árvore da região, que muito o inspirou. Humanizou-a em verso:

A um negrilho

Na terra onde nasci há um só poeta.  
Os meus versos são folhas dos seus ramos.  
Quando chego de longe e conversamos,  
É ele que me revela o mundo visitado.  
Desce a noite do céu, ergue-se a madrugada,  
E a luz do sol aceso ou apagado  
É nos seus olhos que se vê pousada.

Esse poeta és tu, mestre da inquietação  
Serena!  
Tu, imortal avena  
Que harmonizas o vento e adormeces o imenso  
Redil de estrelas ao luar maninho.  
Tu, gigante a sonhar, bosque suspenso  
Onde os pássaros e o tempo fazem ninho!  
(TORGA, 1983, p. 56)

Após a fixação de uma placa no entorno do negrilho, como homenagem da Sopeam ao centenário do poeta, almoçamos no Café Central, local que ele costumava frequentar. Saboreamos a gastronomia da região apresentada pela boa cozinha transmontana, com variedade de pratos e o vinho do Alto Douro.

Prosseguindo nas trilhas do escritor, com as explicações da prof<sup>a</sup> Maria Assunção Monteiro, estudiosa desse bardo da montanha e conhecedora dos itinerários torquianos, chegamos a São Leonardo da Galafura, um dos maiores espetáculos do meio ambiente transmontano, diante das paisagens do Douro Vinhateiro. Esse miradouro natural era lugar de inspiração e de grande significado no processo de criação torquiana. Assim escreveu ele, no conto “A Maria Lionça”: “Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo. Um talefe encardido

pelo tempo, mas de sólido granito [...]”. (Contos da Montanha, 7. ed. Coimbra, 1987) Escreveu ainda o seguinte poema.

S. Leonardo de Galafura

À proa dum navio de penedos,  
A navegar num doce mar de mosto,  
Capitão no seu posto  
De comando,  
S. Leonardo vai sulcando  
As ondas  
Da eternidade,  
Sem pressa de chegar ao seu destino.  
Ancorado e feliz no cais humano,  
É num antecipado desengano  
Que ruma em direcção ao cais divino,

Lá não terá socalcos  
Nem vinhedos  
Na menina dos olhos deslumbrados;  
Doiros desaguados  
Serão charcos de luz  
Envelhecida;  
Razos, todos os montes  
Deixarão prolongar os horizontes  
Até onde se extinga a cor da vida.  
(TORGA, 1987, p. 94)

No terceiro e último dia, visitamos o santuário rupestre de Panóias. Aí se fazia culto ao deus Serapis, com rituais e sacrifícios. É considerado um dos mais importantes monumentos do gênero na Península Ibérica e possui cerca de 2000 anos de existência, remontando à época romana. São visíveis covas escavadas no granito, ligadas por sulcos, aparentemente destinados a fazer correr o sangue dos animais sacrificados e cremados. Há seis inscrições dedicadas a deuses indígenas, romanos e orientais. Sobre esse santuário rupestre, Torga (1978, p. 115) depõe:

Volto a este livro de pedras, onde o passado deixou gravadas as suas devoções. Estou nisto: coisas que falem, que respondam.

Marcos, estelas ou fragas com inscrições, mesmo delidas, onde a gente solete uma intenção, um protesto, um voto. O pasmo bovino da natureza movimentada, contrafeito, reduzido pela compreensão a palavras ou caracteres inteligíveis. Paisagem com voz, que dialogue.

Panóias era a região hoje denominada Vila Real, o povoamento do local tem origens que remontam ao neolítico. Com a romanização, ela continuou a ser local de culto. O prof. José Hermano Saraiva, em *Guia expresso das cidades e vilas históricas de Portugal* afirma que “os vestígios arqueológicos são muitos e no caso dos rochedos sagrados de Constantim de Panóias chegam a ser impressionantes. É um dos mais surpreendentes testemunhos do nosso passado pré-histórico”.

Como derradeira experimentação da carga emocional intensamente vivida por Miguel Torga nos caminhos trilhados visitamos a casa de Mateus, situada a 2 km de Vila Real, na estrada para Sabrosa. Essa é uma das edificações mais bonitas e visitadas de Portugal, referenciada pelos seus jardins monumentais, compondo imenso espaço verde arquitetado como símbolo do “oceano megalítico” da região, bem definido pelo poeta.

Nos textos de Miguel Torga pode-se encontrar uma ligação muito forte a terra, seus textos adquirem sentido acrescido, quando lidos depois de se conhecerem os locais que os inspiraram, melhor dizendo, sua “transmontanidade”.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA. *Miguel Torga*. Casa-Museu Miguel Torga. Coimbra, [2007].

TORGA. M. *Contos da montanha*. Coimbra: Grafica Coimbra, 1987.

TORGA. M. *Diário VI*. 3. ed. Coimbra: Grafica Coimbra, 1978.

TORGA. M. *Diário XII*. 2. ed. Coimbra: Grafica Coimbra, 1990.





**MIGUEL BOMBARDA**  
**o Edifício da Escola Médico-Cirúrgica de**  
**Lisboa e o XV Congresso Internacional**  
**de Medicina – Lisboa, 1906**

---

*José Luís Doria*

Miguel Augusto Bombarda (1851-1910), nasceu no Rio de Janeiro, Brasil. Com sete anos chega em Portugal e aos 18 opta pela nacionalidade portuguesa. Em Lisboa, na Escola Médico-Cirúrgica, forma-se em Medicina com a tese inaugural – *O Delírio das Perseguições* (1877). Era já o prenúncio da sua futura carreira clínica, principalmente dedicada à Psiquiatria e às Neurociências. Nestas áreas dissertou igualmente nas teses de concurso para professor da Escola Médico-Cirúrgica – *Dos Hemisférios Cerebrais e Suas Funções Psíquicas* (1877) e *Das Distrofias por Lesão Nervosa: Esboço de Patogenia* (1880).

Na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa começou a sua carreira docente como professor substituto da Secção Médica (1880-1883) e depois, durante 20 anos, foi lente de Fisiologia e Histologia, a 2<sup>a</sup> cadeira. Nesse período publicou os *Traços de Fisiologia Geral e de Anatomia dos Tecidos* (1891). Transitou em seguida para a regência da 14<sup>a</sup> cadeira de Fisiologia Geral e Histologia (1903) e para lente proprietário de Fisiologia Especial (1907-1910).

Um dos quatro painéis pintados por Columbano Bordalo Pinheiro para a sala do Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, representa Bombarda ao lado de outros professores seus contemporâneos. Bombarda foi, aliás, um dos principais entusiastas e impulsionadores para a construção do novo edifício da Escola e só pela sua tenacidade foi possível concluí-lo a tempo do XV Congresso Internacional de Medicina, em 1906. Na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, Miguel Bombarda desempenhou ainda o cargo de membro do Conselho Administrativo.

Iniciou-se na prática médica no Hospital de São José, onde foi cirurgião do banco (1879) e depois cirurgião extraordinário (1884). Em São José fez também consulta na Clínica Externa de Doenças Nervosas e Mentais, carinhosamente conhecida pela consulta do dr. Bombarda. Sempre em Lisboa, a sua carreira hospitalar culminou como Director (1892-1910) do Hospital de Rilhafoles, para alienados. Chegou ao lugar após disputa com Bettencourt Rodrigues e tomou posse do cargo em 2 de julho de 1892, por indicação do presidente do Conselho de Ministros, José Dias Ferreira.

Deparou-se com o Hospital muito degradado. No relatório de 1892/1893, publica o que encontrara e o que preconizava. Desde logo avançou com reformas inovadoras para a gestão do hospital e a assistência aos doentes, tomando medidas administrativas, de higiene, de terapêutica e de reabilitação. Mudou mentalidades, promoveu a educação dos enfermeiros, faz desaparecer os métodos inquisitoriais de tratamento com a coleira, o berço e a cadeira forte, criou uma contabilidade organizada, melhorou a alimentação, instituiu um regime de banhos e de limpezas regulares. Mandou edificar o pavilhão de segurança, para alojar os alienados presos. Edificou novas cozinhas e novas enfermarias, com um traçado arquitetónico inovador e por métodos modernos de construção. Ergueu telheiros e logradouros para os passeios de homens e de mulheres, abriu oficinas para o trabalho dos doentes e incentivou a actividade agrícola na quinta de Rilhafoles. Com estas acções cumpria o desiderato da ergoterapia como um dos métodos electivos no tratamento das psicoses e, alcançando alguns

proventos da agricultura e das oficinas, contribuía igualmente para a autossuficiência na gestão do hospital.

Em Rilhafoles, abriu em 1896 um curso livre de Psiquiatria, para estudantes médicos, todos os domingos, o que marcou o início do ensino diferenciado da Especialidade. Na mesma data publicou as *Lições sobre a Epilepsia e as Pseudo-Epilepsias* (1896) e anos depois, em edição póstuma, vieram a lume as *Lições de Psiquiatria* (1911). Também em Rilhafoles criou um laboratório de histologia, cuja liderança entregou a Marck Athias. Concebia-se assim o embrião da moderna investigação e da experimentação médico-científica em Portugal, um dos factores determinantes que conduziram à “geração médica de 1911”.

Seguidor das teorias pasteurianas (BOMBARDA, M. *Pasteur*, 1895), Miguel Bombarda bateu-se como higienista e fomentou a luta anti-infecciosa, nomeadamente pela profilaxia e a vacinação. (BOMBARDA, M. *A Vacina da Raiva*, 1887) Na Ciência aderiu à medicina experimental fundada por Claude Bernard e defendeu a doutrina neuronal de Ramon y Cajal. Entusiasta do monismo naturalista incorporou nas suas acções as linhas de força do materialismo, da filosofia positivista de Comte e dos evolucionismos de Lamarck e Darwin. “[...] A hereditariedade, sendo uma das causas mais importantes das doenças mentais, a causa das causas, deve ter muita importância na etiologia do delírio das perseguições”, escreveu, acentuando numa outra passagem, “Quanto aos fenómenos hereditários que se observam no campo neuropático há transformações, mas regressivas, há selecção, mas faz-se às avessas, uma selecção em que os caracteres mórbidos se vão acentuando cada vez mais nas gerações sucessivas”. O meio e a civilização têm igualmente a sua quota parte no desenvolvimento da loucura, pois “[...] o cérebro na sua evolução tornou-se um órgão mais complicado, como existe nos povos civilizados actuais, e sobretudo, na raça branca [...] sujeito, pois, a perturbações mais intensas, variáveis e frequentes”.

Miguel Bombarda sustentou o determinismo científico, crente do valor ilimitado da Ciência enquanto motor fundamental do progresso. O seu paradigma era o médico-social: “Já é grande o papel do médico na sua faina de aliviar o sofrimento, de combater a doença. Mas como ele não se amplifica grandiosamente quando o enfermo é a sociedade

inteira e a enfermidade é o erro a extirpar, as ilusões a desfazer, a superstição a esmagar [...] O médico clínico é rigorosamente e por larga parte uma expressão de egoísmo; o médico social significa o anseio mais puro”, afirmou em *A Biologia na Vida Social* (1900).

Profundo conhecedor da Medicina e das correntes científicas da sua época, a actividade de Miguel Bombarda estendeu-se a outras áreas, sempre com a subjacente preocupação social. Foi vogal do Conselho Superior de Higiene e Saúde Pública, bem como do Conselho Médico Legal (1886). Com o n.º 67 foi um dos fundadores da Associação dos Médicos Portugueses (1898), onde assumiu a presidência da Comissão de Interesses Gerais, na defesa da deontologia e do exercício médico. Foi um dos promotores da Liga Nacional Contra a Tuberculose e seu Secretário Geral, organizando em Lisboa o 1º Congresso (1901), centrado principalmente nas preocupações de profilaxia social como medida de base para controlar a epidemia. De 1903 a 1906, como Secretário Geral (executivo) do XV Congresso Internacional da Medicina (1906), desenvolveu uma intensa actividade na organização logística, administrativa e científica do evento, valendo-se da experiência anteriormente adquirida nos Congressos da Liga Contra a Tuberculose.

Nos areópagos da ciência, Miguel Bombarda presidiu à Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa (1900-1903) e também à Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais. Foi académico da Real Academia das Ciências de Lisboa (1881), membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, com o número 2622, também do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Porto, da União Internacional de Direito Penal. No estrangeiro pertenceu, entre outras, à Sociedade Médico-Psicológica de Paris, à Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, à Academia de Medicina de Budapeste.

No seu discurso *La Folie Pénitenciaire* (1898) para o VII Congresso da União Internacional de Direito Penal, Bombarda trata da responsabilidade, da psicologia judiciária e da criminologia, e confronta o julgamento do jurista com o diagnóstico do médico: “O livre arbítrio não é uma questão insolúvel [...] o que faz a sua insolubilidade actual é que nós, juristas e médicos, vivemos em correntes de ideias muito diferen-

tes. Os primeiros analisam sobretudo dentro deles próprios, enquanto que os médicos estudam fora, no meio ambiente. [...] Vós sois subjectivos, nós somos essencialmente objectivos [...] Mas o grande progresso será o de instituir junto dos tribunais júris médicos encarregados de estudar os criminosos sob o ponto de vista mental”. Em *O Caso de Josefa Greno* (1902), volta de certo modo ao mesmo assunto, servindo-se de um exemplo real.

Criticou o atraso do ensino em Portugal, afirmando: “Eduquemos... os cérebros. Não os deixemos cair nas trevas e na barbárie. Eduquemo-los na independência, na liberdade, na consciência da dignidade do ser humano”, e ainda, a este propósito: “Não há espírito de rotina, não há paixões mesquinhas que consigam parar o movimento das ideias, quando elas representam um progresso legítimo e verdadeiramente proveitoso e por mais que se adiantem do tempo em que aparecem”. Atribuiu as culpas do atraso à Igreja e em particular aos jesuítas, que o não deixavam evoluir “ – O clericalismo, eis o inimigo!”. Bateu-se pela reforma do ensino médico em Portugal, sendo um dos mentores do projecto de 1886 e, opôs-se a Curry Cabral na defesa da manutenção de um ensino de articulação com o hospital e da instituição do Internato. Estimulou a criação das especialidades médicas em Portugal, que após o XV Congresso Internacional de Medicina se tornaram mais inevitáveis. Impulsionou a abertura da Escola de Medicina Tropical e sobre isso escreveu:

Com efeito, a colonização não é somente uma questão social e económica, mas ainda uma questão de higiene e uma questão de patologia [...] Todos os dispêndios empregados em salvar vidas não podem senão redundar em riqueza e prosperidade nacionais [...] O remédio para os graves riscos que importa uma colonização empreendida às cegas está na intervenção da medicina, com os altamente poderosos recursos de que dispõe na actualidade. (BOMBARDA, 1901),

Defendeu também a manutenção da Escola Médica de Goa. Com Sousa Martins e Manuel Bento de Sousa, Miguel Bombarda fundou o hebdomadário *A Medicina Contemporânea*, com o primeiro número

publicado em 7 de janeiro de 1883. Dirigiu esse periódico até à sua morte. De uma biografia fecunda que conta com 20 livros e mais de meio milhar de artigos, a Medicina Contemporânea serviu-lhe amiúde de veículo privilegiado para as suas ideias, estimulando polémicas intelectuais. Aí comentou com regularidade os principais acontecimentos nacionais e internacionais, não apenas os temas médicos, mas igualmente os políticos, sociais e até os literários ou artísticos, sempre que lhes vislumbrasse alguma relação com a medicina. Também colaborou na revista quinzenal *Brasil-Portugal* (1899-1914), publicou outros periódicos médicos, com destaque para o *Correio Médico* onde, em 1878, divulgou os seus primeiros artigos clínicos e, muito em especial, para o *Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa*.

A *Consciência e o Livre Arbítrio* (1897), livro que dedicou a Ernest Haeckel, é eventualmente a sua obra mais controversa e a mais conhecida. Marca o auge do conflito entre Bombarda e a Igreja, leia-se entre a ciência e a religião, em particular na sanha que nutria para com os jesuítas: “Penso que não pode ser jesuíta quem o queira; há cérebros predispostos para esse mal, como os há feitos para o crime vulgar, como os há talhados para a loucura ordinária”, “O misticismo jesuítico [é] uma forma paranoica que, embora incurável, deveria ser isolada nos manicómios, pelo mal que faz à humanidade”. A polémica acendeu-se em maio de 1897, data das conferências de Bombarda sobre *Os Neurones e a vida Psíquica*, onde o médico afirmou que “abraçado à sua crença o homem de fé é inabalável; não vê nem ouve, porque os seus sentidos estão voluntária e tenazmente cerrados; a verdade está nele e somente nele; demonstrações, nem as quer examinar” e rematou adiante, “o neurone move-se e porque se move, pensa e sente”. À heresia reagiu em primeiro lugar Emídio Navarro e logo depois, de forma mais enérgica e abalizada o jesuíta Manuel Fernandes Santana. No *Correio Nacional*, o padre vem a combate com o artigo “Evisceração da Consciência e Livre Arbítrio do Sr. Dr. Miguel Bombarda” e pouco depois publica os dois volumes do *Materialismo em Face da Ciência, A Propósito da Consciência e o Livre Arbítrio do Sr. Prof Miguel Bombarda*, onde após fundadas argumentações ripostou: “A terra move-se, portanto, sente, portanto pensa! Move-se também

um carro, portanto sente, portanto pensa!”. Bombarda contrapõe-lhe a *Ciência e Jesuitismo – Réplica a um padre sábio* (1900) que, todavia, só saiu do prelo após a morte de Manuel Santana.

*Microcefalia* (1892), *Contribuição para o estudo dos Microcéfalos* (1894), *Sonambulismo Histérico* (1896), *A Pelagra em Portugal* (1897), *O Delírio do Ciúme* (1898), *A Bancarrota da Psiquiatria* (1905), *Raças e Meios* (1905), são outros textos de Miguel Bombarda, em livro ou em artigos, que merecem uma leitura atenta se quisermos traçar um perfil mais abrangente do Mestre.

Miguel Bombarda viveu numa época de grandes transformações sociais e políticas, da expansão da revolução industrial e do movimento operário, da consciencialização social dos povos, de laicização da sociedade e, em Portugal, do estertor da monarquia, num país que nunca se recompôs da crise resultante da Conferência de Berlim (1884-1885) e dos episódios do “Ultimato” (1890). A ciência e as preocupações de médico-social traçaram por inteiro o percurso de Miguel Bombarda e conduziram-no à actividade política, o seu derradeiro capítulo de vida.

Credera num ambiente familiar monárquico-absolutista, de catolicismo tradicional. Em jovem traduzira e publicou o livro do abade francês Guérinet, Paulo, ou *Os Perigos de um Carácter Fraco. Romance religioso e moral* (1866). Em 1894, após uma audiência com D. Carlos e D. Amélia, confessou-se muito sensibilizado e comovido, “muito cativado pela amabilidade de suas majestades”, mas noutros encontros com os monarcas, em 1903, já exprimiu nas suas notas pessoais um profundo desalento e um desprezo que se foram acentuando.

Após o Regicídio, em 1908, Bombarda é eleito deputado por Aveiro ainda num enquadramento monárquico, durante o “governo de acalmção” presidido por Francisco Ferreira do Amaral. Demora pouco no cargo e em 1909 torna-se membro do Partido Republicano Português. A Junta Liberal, a que presidia, realizava conferências por todo o País. Anticlerical feroz, num comício em 1 de agosto de 1909, convoca largos milhares de participantes para a manifestação que no dia seguinte exigia do Parlamento a expulsão das congregações religiosas. Um ano depois, em fim de agosto de 1910 regressa ao Parlamento, agora



como deputado pelo Partido Republicano, eleito pelo Círculo Oriental de Lisboa. No dia a dia, a república ganhava força e Bombarda obtinha créditos como “chefe civil” do comité revolucionário que conduziu à implantação do regime republicano, a 5 de outubro de 1910. A seu lado, na chefia militar, estava o almirante Cândido dos Reis.

Na manhã de 3 de outubro de 1910, em Rilhafoles, o Médico recebe a visita do tenente Aparício Rebelo dos Santos, um doente anteriormente ali internado e a quem dera alta contra vontade, por imposição do pai, proprietário no Brasil: “– Então como tem passado o meu caro tenente? Sente-se melhor?”. À pergunta Aparício responde com tiros de pistola Browning. Acudido de imediato por um funcionário do Hospital, Miguel Bombarda exclama “Não lhe façam mal. É um doente!” dita o internamento do tenente e acrescenta “Não são duas balas que matam um homem. Tenho de ir ao Hospital de S. José, que estou ferido!”. Pede que chamem o advogado João Duarte de Meneses, seu correligionário republicano e maçónico. No Banco do Hospital de S. José aparece de imediato o dr. Pinto de Magalhães. Bombarda explica: “Foi um doido!...E diziam-me que estava curado”. Perante a perplexidade do clínico continua “Morrer assim é estúpido... Esta noite, Magalhães, podia eu morrer pela República!”. Quando chega João de Meneses sussurra-lhe: “Vá dizer ao Cândido dos Reis que a senha a pode dar ao Simões Raposo”. Chegam também Francisco Gentil, Brito Camacho e outros colegas. A cirurgia impõe-se. Bombarda pede para destruírem os papéis que trazia consigo e um deles até quis ver queimar. Só depois se predispôs: “Estou pronto!”. Gentil e Oliveira Feijão iniciam a operação de laparotomia, mas o prognóstico é grave e o doente vai-se esvaindo. No quarto para onde o transferiram de seguida, já sem ver, pergunta quem lhe apertava a mão, era Francisco Gentil: “Tenho pena de que ele não seja meu filho porque é muito bom rapaz”. Ao final da tarde murmura: “Estou muito mal!”. Foi o fim.

A notícia do falecimento do professor Bombarda corre célere pela cidade. A exploração política da morte é feita logo pela imprensa republicana e, estrategicamente, alimentando boatos e deturpando a narrativa, o Partido Republicano estimula a tese do assassinato com fins políticos, reclamando para si um mártir. Por via das ideias anticle-

ricais, Teófilo Braga, em entrevista a Joaquim Leitão, tem o despudor de comparar o assassinio de Bombarda com o do dr. Sousa Refoios, em Coimbra, vários anos antes, fulminado pela bala de um estudante. Todavia, Raul Brandão anotou no seu diário, de forma mais límpida: “Mataram o dr. Bombarda. Espalha-se na cidade que foram os padres que instigaram o tenente a assassiná-lo. É falso, mas há correrias no Rossio, e o ‘Portugal’ foi apedrejado. Toda a gente acredita num crime planeado, toda a gente se insurge contra o facto brutal, toda a cidade republicana se transforma num vulcão. No Rossio juntaram-se grupos de gente taciturna e desesperada: Mataram-no! Mataram-no!”.

Miguel Bombarda tem todo o direito aos créditos que lhe cabem na instalação do regime republicano, mas por via das ideias e da acção que desenvolveu até à véspera da implantação, não pela passividade do martírio, apenas uma coincidência cronológica. Enquanto Bombarda agonizava no Hospital de São José precipitavam-se os acontecimentos do golpe revolucionário. Às primeiras horas de 4 de outubro, Machado dos Santos subleva o regimento de Infantaria 16 e seguem a barricar-se na Rotunda. Nessa noite, Cândido dos Reis ao ver-se impossibilitado de chegar aos cruzadores fundeados ao largo Tejo, aos quais cabia um importante papel no plano da revolta e perante o confuso evoluir dos acontecimentos, julga-se atraído. Suicida-se na Azinhaga das Freiras (a Arroios). Machado dos Santos, na Rotunda, resiste às forças fieis à monarquia. Na manhã de 5 de outubro, a revolução triunfara e na varanda dos Paços do Concelho, José Relvas, Eusébio Leão e Inocêncio Camacho, anunciam: “Unidos todos numa mesma aspiração ideal, o Povo, o Exército e a Armada acabam de, em Portugal, proclamar a República”.

Quando, em 1903, no Congresso de Madrid, ficou decidido que o XV Congresso Internacional de Medicina se realizaria em Lisboa, Miguel Bombarda que aceitara o cargo de coordenar como Secretário Geral, colocou desde logo como condição que o novo edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa estivesse pronto para acolher o evento. Telegrafou para Lisboa e obteve do governo a garantia necessária. Só depois aceitou a missão. Lisboa candidatou-se à organização e ganhou a incumbência, mas o percurso de 3 anos entre os Congressos não foi

nada fácil. A todo o momento surgiram problemas monetários e estruturais para levar avante a construção da Escola, em Santana. A cada passo, na organização do Congresso, Bombarda enfrentou a resistência de colegas e de influentes personalidades.

Finalmente, a 19 de Abril de 1906, sob a presidência do rei D. Carlos, o XV Congresso Internacional de Medicina iniciava-se com a Sessão Solene de Abertura, na magnífica Sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa. Nunca tanta gente afluíra àquela sala, superlotada, que registou a maior afluência da sua história.

Quadro 1 – Comissão Executiva XV Congresso

<b>Comissão Executiva do XV Congresso Internacional de Medicina</b>	
Presidente:	Manuel da Costa Alemão
Secretário-Geral:	Miguel Bombarda
Tesoureiro:	Alfredo Luis Lopes
Secretários:	António de Azevedo
	Thomaz de Mello Breyner
	José Azevedo Neves
	Fernando Matos Chaves

Fonte: Elaborado pelo autor.

O discurso de Miguel Bombarda nesta sessão inaugural fornece alguns elementos que dizem da importância do Congresso:

– Estiveram presentes 1762 congressistas: 145 vindos dos países de língua alemã, 221 de França, 124 ingleses. Houve congressistas de Espanha, de Itália, Inglaterra e Irlanda, da Suécia, Noruega, Rússia, Hungria, Holanda, Bélgica, da Dinamarca e dos Balcãs, da Turquia e da Grécia...Dos Estados Unidos da América vieram 55 e ainda delegações do Brasil, da Argentina, do Chile, do México, de Cuba...Não faltou mesmo uma significativa representação do Japão, país que, como Bombarda assinalou, soubera num súbito impulso avançar séculos na civilização. Ao todo foram mais de 35 os países representados.

Foram apresentadas várias conferências e mais de 500 comunicações livres, com 134 temas distribuídos pelas 17 seções do Congresso, algumas delas subdivididas.

Quadro 2 – Secções do XV Congresso

<b>Secções do XV Congresso Internacional de Medicina</b>	
I – ANATOMIA Presidente - Mattoso dos Santos	X – MEDECINA E CIRURGIA DAS VIAS URINÁRIAS Presidente - Artur Furtado
II – FISIOLOGIA Presidente - Filomeno da Câmara	XI – OFTALMOLOGIA Presidente - Sousa Refoios (falecido) Vice Presidente - Friedich Meyer
III – PATOLOGIA GERAL Presidente - Aníbal de Bettencourt	XII – RINO-LARINGOLOGIA. OTOLOGIA. ESTOMATOLOGIA Presidente - Gregório Rodrigues Fernandes
IV – TERAPÊUTICA E FARMACOLOGIA Presidente - Raymundo Motta	XIII – OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA Presidente - Cândido Pinho
V – MEDICINA Presidente - Bettencourt Pitta	XIV – HIGIENE E EPIDEMIOLOGIA Presidente - Ricardo Jorge
VI – PEDIATRIA Presidente - Dias d'Almeida	XV – MEDECINA MILITAR Presidente - Carlos Moniz Tavares
VI a - Medicina - José Joaquim de Almeida	XVI – MEDECINA LEGAL Presidente - Silva Amado
VI b - Cirurgia - Salazar de Sousa	XVII – MEDECINA COLONIAL E NAVAL Presidente – António Ramada Curto
VII – NEUROLOGIA, PSIQUIATRIA E ANTROPOLOGIA CRIMINAL Presidente - Caetano Beirão	
VIII – DERMATOLOGIA E SIFILIGRAFIA Presidente - Luís de Freitas Viegas	
IX – CIRURGIA Presidente – Francisco de Oliveira Feijão	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme Miguel Bombarda lhe chamou: “era a actualidade da ciência que estava em jogo neste ‘banquete científico’”.

Costa Alemão,<sup>1</sup> presidente do Congresso, salientou também na alocução de abertura alguns aspectos relevantes, como o papel pioneiro do rei D. Carlos nas explorações oceanográficas, ou o da rainha D. Amélia na assistência social e na luta contra a tuberculose, um e outros aspectos relacionados com temas do Congresso. Em pinceladas breves traçou o estado da Ciência Médica da época: Quando decorriam dez anos sobre a descoberta do misterioso raio-x, feita por Roentgen; Quando se começava a compreender o papel dos vectores em algumas doenças, como o do mosquito no paludismo, ou o ciclo do tripanosoma na doença do sono, demonstrado por Castellani; Passavam então dois anos desde que Roux e Metchnikoff tinham explicado melhor a sífilis e o seu agente, o treponema pálido, descoberto por Schaudinn e Hoffmann; Behring prometera em Paris, havia um ano (1905), significativos resultados para a profilaxia e o tratamento da tuberculose, cujo agente Robert Koch tinha isolado em 1882, e agora os avanços para uma vacina imunizadora apontavam a solução eficaz; Muito havia a esperar da utilização da luz e das radiações, “que já permitiam aplicações notáveis para o diagnóstico cirúrgico, médico e obstétrico, assim como na terapêutica”; A análise dos fenómenos psíquicos, a seroterapia e as vacinas deixavam antever avanços notáveis. Costa Alemão prestou, entretanto, homenagem aos portugueses, Augusto Rocha e Câmara Pestana. Adjectivou estes congressos como de “democratização da Ciência na sua mais nobre e mais generosa manifestação, preparando, estimulando e desenvolvendo a actividade científica”.

Em nome do Governo, Hintze Ribeiro saudou também os congressistas e exprimiu votos de êxito, utilizando então uma frase de

---

<sup>1</sup> Manuel da Costa Alemão (1833-1922) – Licenciado em Filosofia e Medicina, ascendeu a professor catedrático da 5ª cadeira do Curso de Medicina em 1873. Durante 40 anos ensinou Anatomia Topográfica, Medicina Operatória e Patologia Geral Foi director da Faculdade de Medicina de Coimbra e ainda director dos Hospitais da Universidade, além de reitor interino. Militante no Partido Progressista, foi Conselheiro de Estado, presidente da Câmara Municipal de Coimbra e governador civil do Distrito. Após a implantação da República chefiou o Partido Monárquico em Coimbra. Em 1903, quando chefiava a delegação dos médicos portugueses presentes no XIV Congresso Internacional de Medicina, em Madrid, foi escolhido para presidir à Comissão Executiva do XV Congresso, Lisboa - 1906, cargo fundamentalmente honorário. In: José Luís Doria e aa; *Notas Pessoais de Miguel Bombarda (A organização do XV Congresso Internacional de Medicina -1906)*.

Camões, que propôs para divisa das Actas do Congresso “– Dará na Medicina um novo lume”, frase que o poeta escrevera para elogiar os “Colóquios” de Garcia de Orta.

Na abertura solene tomaram ainda palavra os representantes das delegações de cada país. Muitos invocando o passado histórico de Portugal, nomeadamente a sua presença em África, na América, na Índia e no Japão. O representante do Mónaco, salientando as ligações entre o príncipe Alberto, o Principado e as pesquisas oceanográficas do Rei português; o dr. Guisy, da Grécia, referindo-se à História da Medicina e enaltecendo Esculápio e Hipócrates; o delegado russo que falou da medicina militar; ainda o dr. Dejace, da Bélgica, com uma referência directa à medicina portuguesa e aos azulejos que Jorge Colaço fizera para os “Passos Perdidos” do edifício da Escola Médico-Cirúrgica. Já se disse que a construção do edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa não foi fácil e só chegou a bom porto graças aos esforços de Miguel Bombarda. Vejamos alguns factos, da História e dos acontecimentos:

Depois do Estudo Geral (Universidade) se ter mudado de Lisboa para Coimbra, em 1537, Lisboa conservou sempre algum ensino de Medicina, o que decorria do Regimento do Hospital Real de Todos-os-Santos (1504). Esse ensino evoluiu para a “Aula de Anatomia do Hospital de Todos-os-Santos” (1556) que dará lugar à Régia Escola de Cirurgia de Lisboa, em 1825 e esta, por sua vez, à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, com o Decreto de 29 de dezembro de 1836.

Após o Terramoto de Lisboa (1755), os doentes e outras funções do Hospital de Todos-os-Santos são transferidos para o Hospital Real de São José, o antigo colégio jesuíta de Santo Antão (o Novo), que ficara vago após a expulsão dos Jesuítas, em 1759. No Hospital de São José houve dificuldade em alojar condignamente o ensino, que só em 1856 tem instalações próprias, na cerca do Hospital, ocupando um pequeno convento de frades arrábidos.<sup>2</sup> O ensino foi crescendo, construíram-se anexos e um magnífico horto botânico, mas as velhas ins-

---

<sup>2</sup> As obras de recuperação e adaptação do edifício dos arrábidos, para servir o ensino médico, foram decretadas em 1839. Levaram 17 anos.

talações degradaram-se a tal ponto, que no final do século XIX ameaçavam ruína eminente. Decidira-se por uma nova construção, feita de raiz no topo Sul do monte de Santana, ali, onde até 1889 estivera, durante mais de 50 anos (1831-1889), a precária praça de touros de Lisboa, que antecedeu à actual, no Campo Pequeno.

A praça fora demolida e, em 1890, o ministro António Cândido colocava a primeira pedra de uma obra que levaria mais de 15 anos a concluir. O projecto inicial era de José Joaquim Cabral Couceiro e José Maria Nepomuceno, mas foi modificado sob a orientação de uma comissão constituída por Arantes Pedroso, Bettencourt Pita, Curry Cabral e Miguel Bombarda. Os engenheiros Borges de Castro, Arnaut de Meneses e Abecassis, com o arquitecto Leonel Gaia, introduziram as alterações ao traçado original. As obras arrastaram-se.

À frente do futuro edifício da Escola ergueu-se em 1900 e demoliu-se de seguida, uma primeira estátua a Sousa Martins. Levantou-se depois a definitiva, em 1904. Sousa Martins faleceu em 1897, ou seja, sete anos depois de lançada a primeira pedra para a construção da nova Escola. Já tinha estátua e ainda não havia Escola!

À ilharga, onde esteve o antigo convento de Santana, foi programado, edificado e inaugurado o Real Instituto Bacteriológico, de Câmara Pestana, tudo feito entre 1898 e 1900, com o patrocínio da rainha D. Amélia. O edifício escolar, esse hibernava.

Miguel Bombarda por várias vezes confrontou-se com entraves e problemas. Não só pelo ritmo de construção da Escola, onde tudo caminhava lentamente apesar da promessa de que estaria concluída para o Congresso, mas também porque lhe escasseava a colaboração. O desânimo instalava-se:

José António Serrano, que a par com outros mestres da Escola está representado no patamar da Escadaria Nobre do edifício,<sup>3</sup> clamava na inauguração da estátua de Sousa Martins: “Não deixem cair a Escola”

<sup>3</sup> Em medalhões que decoram a Escadaria Nobre do edifício da Escola Médico-Cirúrgica, em Santana, estão representados os antigos mestres: José António Serrano (1851-1904)- Anatomia; José Eduardo de Magalhães Coutinho (1815-1894)- Obstetrícia; José António Arantes Pedroso (1822-1897) - Patologia Cirúrgica; Pedro Francisco da Costa Alvarenga (1826-1833) – Matéria Médica; Francisco José da Cunha Viana (1822-1885) – Patologia Médica; Abel Maria Dias Jordão de Paiva Manso (1833-1874) – Fisiologia; Joaquim Teotónio da Silva (1817-1890) – Patologia Ge-

(1904), mas quando lhe foi pedida a colaboração para o Congresso aceitou a muito custo, “com a condição de nada fazer”. Serrano foi nomeado para presidir à Secção I, de Anatomia, mas viria a falecer antes do XV Congresso e Miguel Bombarda deu a notícia no nº 5 do Boletim Oficial do Congresso.

Gama Pinto recusava-se a colaborar com Miguel Bombarda. Sousa Refoios, de Coimbra, foi o escolhido para presidir à Secção de Oftalmologia (a XI) e integrou também, como Serrano, a Comissão Organizadora. A morte levou Refoios nas vésperas do Congresso, abatido a tiro por um antigo discípulo.<sup>4</sup> O Boletim n.º 7 do Congresso fez igualmente referência à morte de Refoios, como também foi notícia no Boletim o falecimento do dr. Gomes de Resende, um outro português, que se tinha distinguido no estudo da doença do sono e que estava indigitado para secretário da III Secção, de Patologia Geral, Bacteriologia e Anatomia Patológica.

No fim, Gama Pinto até recebeu alguns congressistas em sua casa, participou no Congresso, foi vice-presidente de algumas sessões e em plena sessão científica de Oftalmologia terá assistido ao colapso que vitimou Mascaró, um espanhol residente em Lisboa, pioneiro no ensino dos cegos.

Voltemos à Escola. Um mês antes do Congresso a construção estava finalmente quase terminada. Diz a Ilustração Portuguesa de 16 de Março de 1906:

Dá vontade de fazer o curso outra vez! O novo palácio é uma desforra brilhante do primitivo barracão e da primitiva miséria. [Na Escadaria Nobre] vêem-se os lugares reservados para os medalhões d’alguns dos lentes ultimamente falecidos... e consta que a escolha d’estes fez cabelos brancos ao Conselho Escolar, sempre metucioso e avaro nas consagrações que promove[...]. (A VELHA..., 1906, p. 121)

---

ral; António Maria Barbosa (1825-1892) – Operações. In José Luís Doria; *O Património Histórico e Artístico da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa no Campo de Santana*, 2003

<sup>4</sup> Ver atrás a referência à entrevista de Teófilo de Braga a Joaquim Leitão, quando do assassinato de Miguel Bombarda.



Já lá estava o painel da cirurgia de António Ramalho,<sup>5</sup> a estátua da Ciência de Costa Motta e o vitral no tecto, de João Vaz. Nos “Passos Perdidos”, com o tecto igualmente de João Vaz, exibiam-se os painéis de azulejo de Jorge Colaço,<sup>6</sup> a que o delegado belga se referiu. Na Sala dos Actos, em lugar de honra, estava o retrato em majestade do rei D. Carlos, saído da paleta de Malhoa e, ao redor de toda a sala figuravam as imponentes pinturas de Veloso Salgado sobre o percurso da História da Medicina, de Hipócrates até Koch e Pasteur, além do painel d’ “Os Portugueses”.<sup>7</sup> O tecto era ainda da inspiração de João Vaz. No Gabinete Real, hoje a sala do Júri, contigua à Sala de Actos, uma pintura alegórica de Malhoa representava a cidade de Lisboa a receber simbolicamente o edifício, emoldurada pelas faixas de invocação dos principais impulsionadores da sua construção – António Cândido, Arantes Pedroso, Curry Cabral e Miguel Bombarda, tendo or fora, em frisos pendentes, as quatro Ordens Honoríficas Portuguesas.<sup>8</sup>

A Ilustração Portuguesa remata:

[...] Estão ali, na obra até agora realizada desde os fundamentos, mil contos de reis redondos, apesar da modicidade dos preços da obra de decoração e de se ter aproveitado silharia e pedra trabalhada do velho Hospital do Desterro e do Palácio Souza Holstein,

<sup>5</sup> O painel de António Ramalho representa uma cirurgia de apendicite, feita pelo Prof. Custódio Cabeça, no hospital de Santa Marta. (Segundo uma mais recente interpretação, será uma histerectomia, realizada no Hospital da Estefânia – in : Luís Damas Mora; *Histórias à volta de um quadro*; Revista Portuguesa de Cirurgia, II série, nº15, Dezembro, 2010). Tem também representados Augusto Monjardino, Sena Pereira, Costa Sacadura e Luís Adão, além de três enfermeiras. O outro painel da Escadaria Nobre representando a Maternidade ainda não tinha sido concluído. In José Luís Doria; *O Património Histórico e Artístico da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa no Campo de Santana*, 2003.

<sup>6</sup> Os painéis de azulejos dos Passos Perdidos representam: Ambroise Paré e a cirurgia, num cenário de batalha; “João Semana”, o médico de aldeia, em ambiente bucólico; a rainha santa Isabel acompanhada do bispo de Coimbra, numa leprosaria; a rainha D. Amélia, rodeada de crianças, de visita ao Dispensário de Alcântara, que patrocinou; o painel alegórico da Ciência Afugentando a Superstição, recortado entre as janelas do vasto corredor. In José Luís Doria; *O Património Histórico e Artístico da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa no Campo de Santana*, 2003.

<sup>7</sup> Para a descrição, ver: José Luís Doria; *Viagem pela medicina com as pinturas de Veloso Salgado*, 1999

<sup>8</sup> Ordem da Torre e Espada, Ordem de Cristo, Ordem de Avis e Ordem de Santiago. In José Luís Doria; *O Património Histórico e Artístico da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa no Campo de Santana*, 2003.

ao Calhariz. Depois de feitas as instalações técnicas... as despesas ascenderão a mil e quinhentos contos, pelo menos.... Se não se tivessem gasto improdutivamente quatrocentos contos em férias a operários, durante dois anos em que se não trabalhou, por não haver dinheiro para comprar material... Mas vale o que se gastou com ela. O XV Congresso de Medicina, com o seu capítulo internacional de sábios pode instalar-se e pontificar ali, sem vexame para o país que o recebe [...]. (A VELHA..., 1906, p. 121)

No dia anterior à abertura do Congresso era inaugurado nos claustros o busto a Manuel Bento de Sousa, do cinzel de Teixeira Lopes. A nova Escola estava pronta! Avançava o Congresso.

As sessões científicas, as áreas para apoio aos congressistas e acompanhantes e para a organização, ocuparam a totalidade das salas da Escola. Tudo estava previsto! A sala de leitura e de convívio ficou na Sala dos Actos. Uma outra sala foi reservada ao convívio das senhoras. Havia local de venda de jornais e tabaco; um posto de telégrafo e outro de telefone; um banco e uma agência de viagens; um lugar para tratar dos alojamentos e transportes, uma sala de dactilografia; uma sala para a imprensa e até um gabinete privado para os congressistas receberem as suas visitas.

No que é hoje o teatro anatómico, na altura a sala mais espaçosa do edifício, decorreram as 10 conferências do Congresso,<sup>9</sup> enquanto que as reuniões das 17 secções se dividiram pelos 3 anfiteatros maiores e por outras salas e anfiteatros mais pequenos. Numa sala para demonstrações decorreram as sessões experimentais de cirurgia e de patologia geral, de fonendoescopia, os ensaios sobre o cancro e sobre

---

<sup>9</sup> Que abordaram: *A Profilaxia da Febre Amarela; O Infantilismo; Domesticação e Doenças; O Mecanismo dos Reflexos e Tónus Muscular; Anestésicos Locais; A Luta para o Estudo Internacional do Carcinoma; Sobre a Etiologia das Recidivas da Sífilis; Doenças Infecciosas Agudas e Tuberculose; O Rádio na Biologia e na Medicina; Alterações do Clima e o Tratamento dos Alienados.*

os glóbulos sanguíneos.<sup>10</sup> Houve ainda uma sala para projecções de filmes, uma novidade de enorme sucesso.<sup>11</sup>

Seria fastidioso, mesmo que genericamente, enumerar todos os assuntos tratados no Programa Científico do Congresso, que ficou registado nos 21 livros de Actas, as “Compte Rendues” que se seguiram no espaço de um ano. Apenas algumas referências:

Na Secção I, de Anatomia, tratou-se da nomenclatura e das bases de classificação; das glândulas de secreção interna; das conexões nervosas; dos leucócitos, já com uma visão do seu papel no que viria a ser a imunologia. Na Fisiologia, Secção II, falou-se das toxinas; da coagulação do sangue; do valor alimentar do álcool e da teoria da digestão de Pavlov. Na Patologia Geral, Bacteriologia e Anatomia Patológica, Secção III, abordou-se a teoria parasitária do cancro; as inoculações preventivas e os soros; as doenças por protozoários e a tripanosomíase. Na Terapêutica e Farmacologia, Secção IV, discutiu-se o tratamento das doenças infecciosas e do cancro; o papel terapêutico das radiações, do calor e do frio. Na Medicina, Secção V, o programa foi muito vasto, passando pela diabetes; a hipertensão arterial; as meningites; a cirrose e necessariamente a tuberculose, que foi tema transversal a muitas secções. Em Pediatria, na Secção VI, com subsecções médica e cirúrgica, abordou-se a “surmenage” escolar; o raquitismo: os perigos e vantagens do leite na alimentação; a anestesia nas crianças. Em Neurologia, Psiquiatria e Antropologia Criminal, na Secção VII, tratou-

<sup>10</sup> Numa demonstração atribulada o Dr. Sauerbruch, da Alemanha, fez uma demonstração para provar que a respiração pulmonar se mantinha após a ressecção das costelas e do esterno, mas um primeiro “cão morreu antes de lhe abrirem a caixa torácica. Tendo sido sacrificado um segundo cão, a experiência foi, dessa vez, bem-sucedida e a assembleia aclamou-o com uma prolongada salva de palmas”. *Diário de Notícias*, 25 de Abril de 1906.

O austríaco Landsteiner, que recentemente (1900) tinha estabelecido os grupos sanguíneos do sistema ABO, fez ensaios com glóbulos sanguíneos e demonstrações sobre a coagulação. O francês Adolphe Pinard fez demonstrações sobre a fonendoscopia,... In: José Luís Dória; *O XV Congresso Internacional de Medicina - Lisboa, Abril de 1906 - A Charneira para a Medicina Portuguesa do século XX*, em: *Para a História da Medicina Portuguesa no século XX*.

<sup>11</sup> Eugène Louis Doyen (1859-1916), cirurgião francês de nomeada, trouxe para o Congresso películas de cinema com demonstração de cirurgias. Foi um êxito assinalado pela imprensa generalista: “Ensino dos progressos da técnica operatória, pela cinematografia... um excelente modelo que decerto veremos em breve imitado por todos os práticos... Numerosas operações passaram pela terceira vez aos olhos daquela douda assembleia, e cada uma d’elas era acolhida com aplauso unanime” – *O Século*, 27 de Abril de 1906

se das demências, das psicoses e paranoias; mas também da reforma penal sob o ponto de vista psiquiátrico e antropológico. Só nesta seção foram recomendados 33 temas: em Dermatologia e Sifilografia, Secção VIII, foi curioso o debate entre as hipóteses admitidas para a hereditariedade da lepra e as formas hereditárias; bem como o contágio da sífilis; Na Cirurgia, Secção IX, falou-se da anestesia raquidana e Alexis Carrel abordou a cirurgia vascular e as anastomoses dos vasos sanguíneos; Medicina e Cirurgia das Vias Urinárias, Secção X; Oftalmologia, Secção XI; Rino-Laringologia, Estomatologia e Otologia, Secção XII; Obstetrícia e Ginecologia, Secção XIII, trataram de temas diversos como as formas de anestesia e os equipamentos nas suas áreas específicas, mas todas elas se debruçaram também sobre a infecção pela tuberculose e acerca da individualidade das respectivas especialidades médicas. Em Higiene e Epidemiologia, na Secção XIV, foram discutidos temas sobre poluição e reciclagem; os vegetarianos; a falsificação de alimentos; o saneamento e os regulamentos sanitários e de controlo das epidemias de peste, de febre amarela, da febre tifoide, da gripe. As três últimas Seções – XV, XVI e XVII – trataram da Medicina Militar, da Medicina Legal, que abordou a relação do segredo médico com a legislação, e da Medicina Colonial e Naval.

Através de conferências especiais o Congresso abordou ainda outras áreas, que pela sua curiosidade aqui se referem: *A Questão de uma Língua Auxiliar Internacional*; *O Velho e o Novo na Medicina*; *A Supressão da Guerra*.<sup>12</sup>

Aparte as conferências, comunicações e demonstrações do Programa Científico, realizadas na Escola Médica os congressistas puderam também escolher outras actividades, de um vasto número de ofertas que lhes foi proporcionado: visitas a hospitais e laboratórios; um si-

<sup>12</sup> J. A. Rivière, *A Supressão da Guerra*; G. Sprengel, *Altes und Neues in der Medizin (O Velho e o Novo na Medicina)*; Paul Sollier, *A Questão de uma Língua Auxiliar Internacional*. A língua oficial do Congresso foi o francês, como era habitual nesta época para reuniões internacionais. Num dos seus discursos, Costa Alemão abordou este problema, salientando que os portugueses, embora na sua terra, abdicaram da língua materna, enquanto outros, infelizmente, não tiveram a correcção necessária para o fazer: “Para não fazer do Congresso uma confusão de Babel, tivemos a coragem de suprimir a nossa língua, o que representou um enorme sacrifício, nem sempre compreendido e apreciado por aqueles que quiseram impor a língua deles” – Costa Alemão, *Discurso de Encerramento do Congresso*, Comptes Rendues

mulacro de incêndio feito no largo do Pelourinho, que pôs à prova os bombeiros, a protecção civil e os primeiros socorros; o Jardim Botânico e o Museu de Zoologia; a Estação de águas dos Barbadinhos; o Museu Etnográfico.<sup>13</sup>

O Programa Social foi diversificado com recepções oficiais e privadas: um *garden party* oferecido pela Casa Real na Tapada das Necessidades, uma tourada em Vila Franca de Xira; um passeio a Monserrate; exibição de grupos folclóricos.

Para participar no XV Congresso Internacional de Medicina, estiveram em Lisboa diversas personalidades que marcaram a Medicina na transição para o século XX. Citarei apenas: Hansen, da Noruega; Waldeyer, Quincke, Posner e Neisser da Alemanha; Raymond, Laveran, Brissaud, Pinard e Pierre Robin, da França; Santiago Ramon y Cajal, de Madrid; Barlow, de Londres; Zambaco Pacha de Istambul; Ehrlich, da Prussia; Wyeth de Nova Iorque; Albarran de Cuba; Azevedo Sodré, Cavalcanti, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, do Brasil;<sup>14</sup> Metchnikoff, da Russia; Landsteiner, austríaco.

Das recomendações finais feitas pelas secções do Congresso e pela Comissão Executiva, ressaltam: a criação, em Lisboa, de uma estação de biologia e de um instituto de química biológica, para cientistas nacionais e estrangeiros, de onde resultou a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (1907) e o Instituto de Biologia Marítima (1919), que se instalaram no Aquário Vasco da Gama;<sup>15</sup> a criação de uma comis-

<sup>13</sup> Foram visitados os hospitais de São José, do Desterro, de Rilhafoles, de S. Lazaro, do Rego, de D. Estefânia, o Hospital Colonial e a Escola de Medicina Tropical, o Hospital Militar da Estrela, os Institutos Bacteriológico e de Higiene, o Parque Sanitário de Desinfecção Pública e o Posto Marítimo de Desinfecção – o Lazareto, a Morgue e a Penitenciária, o depósito de água dos Barbadinhos, o Museu de Zoologia e o Jardim Botânico, a Manutenção Militar e a Cozinha Económica da Ribeira Velha e outros.

<sup>14</sup> O Brasil teve delegação numerosa. Referem-se ainda outros, como representantes do Governo e representantes de instituições brasileiras: Freire de Carvalho – filho (da Baía), Afrânio Peixoto, Álvaro Campos, Juliano Moreira, António Austregésilo, Melo Reis, Leocádio Chaves, Neves da Rocha e Pais Leme (do Rio de Janeiro), Newton Campos (do Pará).

<sup>15</sup> Ver nota n.º 15 e o *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, Vol 1 Fasc.1, Julho 1907. O *Jornal das Ciências Naturais*, o *Bulletin de la Société de Sciences Naturelles* e *Naturalia* foram periódicos publicados pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais. Por proposta do alemão Carl Benda no XV Congresso Internacional de Medicina, é votada a criação, em Portugal, de uma Estação de Biologia Marítima, que recebeu logo o apoio entusiástico do rei D. Carlos. A comissão organizadora, sob a presidência de Fernando Mattoso dos

são para o estudo do cancro, que levaria Francisco Gentil a dedicar-se a essa causa e à abertura, em 1923, do futuro Instituto Português de Oncologia; a adopção de medidas adequadas de higiene pública, com vista ao controle da lepra e o estabelecimento de uma luta concertada contra a tuberculose, nomeadamente pela profilaxia; normas para a assistência aos presos alienados, com a necessidade de envolver um médico psiquiatra na avaliação forense das delinquências e na assistência médica às prisões; abertura de estabelecimentos adequados para crianças delinquentes ou com perturbações psicológicas; legislação para o trabalho com regulamentação da protecção e de higiene; a protecção sanitária aos emigrantes; a abertura de serviços hospitalares dedicados à Dermatologia e à Estomatologia; a criação, nos estudos médicos, de áreas individualizadas de Pediatria, de Otorrinolaringologia e de Estomatologia; a promoção de medidas para estimular a higiene oral; promover a abertura de estabelecimentos para o ensino dos surdos-mudos; regulamentação de medicamentos e a proibição da sua venda em locais não adequados; o estabelecimento de nomenclaturas apropriadas em diversas áreas médicas; a mudança do nome de Medicina Colonial para Medicina Tropical.<sup>16</sup>

O Congresso foi um êxito, a organização meticulosa e irrepreensível. Toda a imprensa falou dele, no País e além-fronteiras. Portugal mereceu os elogios de todas as representações. O País e a medicina portuguesa firmaram-se na comunidade Científica Internacional.

Em particular, Miguel Bombarda foi rodeado de elogios. Foi agraciado pelo rei D. Carlos, com a grã-cruz da Ordem de Santiago. A Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, em sessão extraordinária a 19 de maio de 1906, aprovou por aclamação um voto de congratulação e louvor ao Comité Executivo do XV Congresso Internacional de Medicina e Bombarda, também por aclamação, foi nomeado sócio benemérito da Sociedade. Por subscrição, os médicos portugueses, em agradecimen-

---

Santos, foi composta por Bettencourt Ferreira, Marck Athias, Artur Seabra, Carlos França e Augusto Celestino da Costa, que deu continuidade a estudos anteriores, iniciados por Artur Seabra, Bocage, Capelo, R. Guimarães e Arruda Furtado. Finalmente em 1919, no Aquário Vasco da Gama, concretizou-se a fundação do Instituto de Biologia Marítima.

<sup>16</sup> Ver Nota n.º20

to, mandaram cunhar uma medalha em ouro que ofereceram a Miguel Bombarda.

Orgulhoso mas exigente, Bombarda escrevia a 6 de maio de 1906, na Medicina Contemporânea, sob o título *Ensinamentos do Congresso*:

A hora não é porém para orgulhos e envaidecimentos, nas antes para lição. Os médicos portugueses acabam de se achar envolvidos no mais agudo movimento científico dos tempos presentes e viram de quanto são capazes [...] Pela perfeita facilidade linguística com que intervieram nas discussões, pela *aisance* em que estiveram em todas as questões debatidas, pela orientação toda moderna do seu psiquismo, enfim pela excelência dos relatórios que produziram – excelência em método como em crítica e em saber –, os médicos portugueses honraram o Congresso como honraram a sua terra. [...] Mas ainda há que ir mais longe. O Congresso de Lisboa foi uma revelação para o médico português, porque lhe incutiu a consciência do seu próprio valor [...] Pertence-lhe levantar no mundo o nome de Portugal [...] Que a ideia da pátria nos dê a tenacidade que tanto nos escasseia e tentemos ocupar lugar honroso no conclave das nações.

Terminado o Congresso, o edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa fechou. Faltavam-lhe ainda as condições necessárias para o ensino, os equipamentos, as tais condições técnicas que a Ilustração Portuguesa referira. Falhavam as verbas para completar o empreendimento e dar-lhe a função para que verdadeiramente fora construído. Professores e alunos regressaram ao velho imóvel na cerca de São José, de paredes escoradas, várias salas fechadas e risco de derrocada.

Ironicamente, o novo edifício da Escola só reabriu, transitoriamente, quatro anos depois do Congresso, para receber em câmara ardente o corpo de Miguel Bombarda, depositado nos “Passos Perdidos”. Cumprira, assim, o desejo que Bombarda deixara escrito:

Eu, Miguel Augusto Bombarda, lente da Escola Médica de Lisboa, de 59 anos de idade, casado, nascido no Rio de Janeiro, mas português, morador hoje no hospital de Rilhafoles, filho de António Pedro Bombarda e de Maria Teresa Bombarda, não professando a

religião católica, desejo que, por ocasião do meu falecimento, me seja feito o enterro civilmente e por ser esta a minha espontânea e consciente vontade, quero que fielmente se cumpra. Lisboa, 14 de julho de 1910.

O Governo Provisório da República marcou os funerais do Vice-almirante Carlos Cândido dos Reis e do professor Miguel Bombarda para o dia 16 de outubro de 1910, partindo da Câmara Municipal de Lisboa. Foi uma enorme manifestação de pesar a que se juntou muita população.

De todo o mundo chegavam condolências pela morte de Miguel Bombarda, muitos recordando ainda o seu contributo para o estrondoso êxito do XV Congresso Internacional de Medicina. Na realidade, o ensino da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa nunca chegou a processar-se nas novas instalações, que só foram utilizadas após a criação da Universidade de Lisboa, com o Decreto de 22 de março de 1911, e com ele criou-se a Faculdade de Medicina de Lisboa que se instalou no novo edifício da Escola até à mudança, nos primeiros anos da década de 1950, para o Hospital de Santa Maria.

Na varanda, sobre os claustros do edifício de Santana, que foi da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, depois da Faculdade de Medicina e agora é da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa está um busto de Miguel Bombarda. É uma obra de Costa Mota, oferecida pelo professor Francisco Gentil. Na sua inauguração, Augusto Celestino da Costa, disse: “[Miguel Bombarda] foi uma forte personalidade cuja ação por igual encheu a Escola, a clínica, a imprensa médica, a vida social da nossa classe e transbordou, por fim, para a política da nação”.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Augusto Celestino da Costa: Discurso na inauguração do busto de Miguel Bombarda, oferecido por Francisco Gentil. Pronunciado na Faculdade de Medicina de Lisboa (em Santana), em 17 de dezembro de 1925. Discursou também Luís Navarro Soeiro, que disse: “Homem forte [...] inconformista com todas as injustiças, com todas as misérias e com todas as hipocrisias, irmanando todos os movimentos generosos. Sustentando uma só fé, a do progresso e libertação do homem, ou humanidade e as ideias com uma confiança invencível nos seus destinos, que foi afinal o primado vínculo da sua existência. Esta era a sua única, a sua grande crença”



## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. *Miguel Bombarda: médico e político*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- A VELHA e a nova escola, com 14 ilustrações. *Ilustração Portuguesa*: revista semanal dos acontecimentos da vida portuguesa, Lisboa, série 2., sem. 1., 1906.
- CONGRES INTERNATIONAL DE MEDECINE, 15., 1906, Lisbonne. *Rapports et Comptes rendus...* Lisbonne: 1906. 17 v.
- BARBOSA, A. Os Professores da Escola Médica, de Columbano: Miguel Bombarda. In: ALVES, M. V. (Coord.). *1911-1999 o ensino médico em Lisboa no início do século: sete artistas contemporâneos evocam a geração médica de 1911*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- BOBONE, C. *Miguel Bombarda: como se fabricou um mártir da república*. Centenário da República, ©2008. Disponível em: < <http://www.centenariodarepublica.org/centenario/2010/03/31/miguel-bombarda-como-se-fabricou-um-martir-da-republica/>>. Acesso em: 16 ago. 2016.
- BOMBARDA, M. A Criação de uma Escola de Medicina Colonial. *A medicina contemporânea*, Porto, ano 1, n. 43, 1901.
- BOMBARDA, M. Ensinamentos do Congresso. *A medicina contemporânea*, Porto, ano 1, n. 43, 1906.
- BOTELHO, L. A S. O XV Congresso Internacional de Medicina em Lisboa, em 1906 e sua repercussão na Ciência Médica portuguesa, *Revista da FML*, Valência, v. 1, n. 1, p. 20- 25, 1993.
- BRANDÃO, J. *Miguel Bombarda, Médico e Político (1851-1910)*. Vidas Lusófonas, [1998?]. Disponível em: <<http://www.vidaslusofonas.pt/biografia.php?id=0omhZm4GfjH>>. Acesso em: 16 ago. 2016.
- CINTRA, P. *Miguel Bombarda: preservar a memória*. Alfragide: Casa das Letras, 2013.
- DORIA, J. L.; SILVA, H. G. da. *Viagem pela Medicina com as pinturas de Veloso Salgado*. Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas, UNL, 1999.
- DORIA, J. L. *O Património histórico e artístico da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa no Campo de Santana*. Lisboa, 2003. Comunicação à FCM-L. Não publicado.

DORIA J. L. *O Edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e o XV Congresso Internacional de Medicina: figuras e factos*. *Revista da Ordem dos Médicos*, Coimbra, ano 22, n. 69, 2006.

DORIA, J. L.; PEREIRA, M. L. V. *Notícia de Ensino Médico em Lisboa até à Fundação da Universidade, em 1911*. In: PENEDO, J. De. (coord.). *Ominia Sanctorum: histórias da História do Hospital Real de Todos-os-Santos e seus sucessores*. Lisboa: By the Book, Lisboa, 2012.

DORIA, J. L. *Notas pessoais de Miguel Bombarda: a organização do XV Congresso Internacional de Medicina – Lisboa, 1906*. Não publicado.

DORIA, J. L. *O XV Congresso Internacional de Medicina - Lisboa, Abril de 1906: Charneira para a Medicina Portuguesa do Século XX*. In: BARROS, A. J. de V. et al. (Coord.). *Para a História da Medicina Portuguesa no Século XX*. [20--]. Não publicado.

FERNANDES, H. B. *A Psiquiatria em Portugal*. In: PICHOT, P.; FERNANDES, B. *Um século de Psiquiatria e a Psiquiatria em Portugal*. Lisboa: Serviço Científico Roche, 1984.

FREIRE, V. A. *Panóptico, vanguardista e ignorado: pavilhão de segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

GARNEL, M. R. L. *Da Régia Escola de Cirurgia à Faculdade de Medicina de Lisboa – O Ensino Médico: 1825-1950*. In: MATOS, S. C.; RAMOS do Ó, J. (Coord.). *A Universidade de Lisboa, séculos XIX-XX*. Lisboa: Tinta-da-China, 2013. 2. v.

MONTEIRO, J. M. M. *A Medicina Contemporânea: um caso emblemático na imprensa médica portuguesa*. 2012. 70 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

PEREIRA, A. L.; PITA, J. R. *Miguel Bombarda (1851-1910) e as singularidades de uma época*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

SANTOS, N. B. *O Hospital de Rilhafoles e os asilos de alienados na Europa do Século XIX*. *PsiLogos*, Amadora, v. 9, n. 2, dez. 2011.

SOUZA, J. F. A. de (Org.). *Episódios da vida médica: coletânea de notícias*. Lisboa: Biblioteca do H. São José, [20--]. Colectânea. v. 23-26.



## PIONEIRISMO E NOTORIEDADE DE MARIA DOMITILÍA HORMIZINDA MIRANDA DE CARVALHO

---

*Fernanda Maria Melo Alves*

A história das mulheres é um movimento mundial com numerosa produção científica, que surgiu como linha de investigação em Portugal, após a abertura política proporcionada pela Revolução Democrática de abril de 1974, em um contexto de liberdade e de renovação. Nas Ciências Sociais, o novo movimento fomentou novas áreas de estudo, renovação metodológica ou interesse prestado a períodos históricos até então desprezados pela historiografia do regime. (VAQUINHAS, 2009)

Se delimitarmos nesse *corpus* de estudo, apenas o grupo das primeiras mulheres portuguesas com diplomas universitários, localizado entre o final do século XIX e o início do século XX, nele, se evidencia Maria Domitilía Hormizinda Miranda de Carvalho (1871-1966), que exerceu diferentes atividades como médica, professora, escritora, ativista e política. Para compreendê-la, destacam-se alguns aspectos e contribuições do seu pioneirismo e notabilidade, que intervieram na sociedade do seu tempo.

A sua atuação tem raízes no seu ambiente familiar de classe média culta e nos bons resultados académicos alcançados, que lhe permitiram

ser a primeira mulher a licenciar-se em Matemática (1894), Filosofia (1895) e Medicina (1904) na Universidade de Coimbra e também das primeiras licenciadas a nível nacional.

A sua formação abriu-lhe as portas para a clínica médica na Assistência Nacional aos Tuberculosos, instituição criada, em Lisboa, pela Rainha D. Amélia em 1899, sua madrinha e apoiante. Pouco depois, optou pela docência, tornando-se a primeira mulher portuguesa a ser professora de matemática do primeiro liceu feminino, o Liceu Maria Pia (1906), atualmente a Escola Secundária Maria Amélia Vaz de Carvalho, do qual foi, depois, a primeira reitora.

A estadia na capital facilitou-lhe a integração no contexto feminista reivindicativo, nacional e internacional. A jovem intelectual adere às preocupações individuais e coletivas das vozes femininas portuguesas, que chamavam a atenção para a situação de inferioridade das mulheres, a nível legal, social e cultural, e para a necessidade de alterá-la, através da educação e da valorização. Do conjunto de reivindicações constantemente expressas e justificadas pelas defensoras deste movimento, convém dar relevo às seguintes (SILVA, 1983), o direito de voto como manifestação privilegiada da participação cívica e política, a independência económica e consequente autonomia psicológica e afetiva da mulher e a educação das mulheres, tónica dominante do feminismo português.

Em relação a estas reivindicações, a forma como as ativistas feministas atuaram varia significativamente. Domitília Carvalho dedicou-se, principalmente, ao tema da educação das mulheres, de acordo com as suas convicções sociais, religiosas e políticas. O seu registo como deputada do Parlamento mostra o seu perfil político-ideológico: monárquica (amiga da Rainha D. Amélia), católica convicta, fascinada pela figura de Sidónio Pais, devotada admiradora de Salazar e descrente do feminismo.

Esteves (2001) reconhece que a intervenção pública desta pioneira atravessou a Monarquia, a República e o Estado Novo e foi de cariz fortemente conservador. Além disso, ela manteve-se contrária à concessão do sufrágio feminino, tendo sido, no entanto, favorável à aprovação da Lei do Divórcio, assinando a lista dos seus defensores, publicada

no *Jornal O Mundo* em 1909 e promovida pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas.

No mesmo artigo, o investigador adverte ainda que, contrariamente à ideia comumente generalizada, o movimento feminista português não se desenvolveu a reboque do Republicanismo e da Maçonaria, mas contou com a participação, em uma primeira fase, de monárquicas e republicanas e esteve também associado ao fenómeno pacifista.

O movimento e as associações de carácter pacifista e antimilitarista fortaleceram-se e proliferaram no segundo quartel do século XIX, nos quais as mulheres tiveram um papel fundamental. Até aí, eram-lhes negados os direitos económicos e políticos, com o argumento de que as mulheres não tinham capacidade intelectual para discutir assuntos de Estado. Esta abordagem confinava-as apenas ao espaço doméstico e à missão de cuidar da família e de educar os futuros cidadãos. Contudo, estas mulheres sensibilizaram a sociedade civil e os poderes políticos para a urgência de promover a desmilitarização dos países e substituir a violência armada pelo diálogo e pelo direito. (MARIANO, 2013)

Integrada neste ambiente pacifista internacional e nacional, anterior à entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial, Domitília Carvalho militou em duas associações portuguesas, o Comité Português da agremiação francesa *La Paix et le Désarmement par les Femmes*, criado em maio de 1906, e a Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz, constituída em dezembro do mesmo ano.

A sua adesão à agremiação francesa *La Paix et le Désarmement par les Femmes*, organização fundada em 1899, por Sylvie Cammille Flammarion, iniciou-se com a criação do Comité Português, juntamente com outras três médicas, Adelaide Cabete, Emília Patacho e Maria do Carmo Lopes. A médica e professora, a que nos estamos a referir, secretariou a sessão pública da constituição da organização (1906) e foi Vogal da Direção. Deste Comité Português fizeram parte muitos dos nomes pertencentes à Liga Portuguesa da Paz e também novos elementos, como o de Ana de Castro Osório. No entanto, Adelaide Cabete, Ana de Castro Osório e Carolina Beatriz Ângelo acabaram por abandonar a associação em 1909 para se dedicarem a corpo ao projeto da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. (SAMARA, 2007)

Em Portugal, a Liga Portuguesa da Paz foi uma das primeiras associações pacifistas, e foi fundada pela escritora e feminista republicana Alice Pestana, em 18 de maio de 1899, dia inaugural da Conferência de Paz de Haia. Segundo o *Boletim* de 1902, a organização propunha-se propagar a doutrina da paz pela arbitragem e manter-se estranha a assuntos religiosos e de política partidária. Um dos eventos que teve maior impacto na época foi o Primeiro Congresso Nacional da Paz, realizado em Lisboa, em 1906. Com o aumento de associados, a Liga Portuguesa da Paz passa a estar dividida em duas secções, a masculina e a feminista, autónomas entre si, com estatutos e corpos dirigentes próprios.

Em março de 1906, é criada a Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz, cuja apresentação foi presidida pela escritora monárquica Maria Olga de Moraes Sarmiento da Silveira, que dirigiu a organização conjuntamente como Emília Patacho, Domitília de Carvalho e Virgínia Quaresma. Nesta cerimónia inaugural, discursou a presidente da organização, bem como Maria do Carmo Joaquina Lopes e Teófilo Braga, e esteve presente Gabrielle Alphen-Salvador, secretária do Conseil National des Femmes Françaises e fundadora da Escola Laica das Enfermeiras de Paris. Várias mulheres, de diferentes ideologias e profissões, associaram-se a este projeto, beneficiando de experiências em tertúlias e serões literários.

A participação da pioneira Domitília Carvalho nestas duas organizações foi relevante e o seu ativismo alargou-se à produção de textos em jornais específicos e na imprensa em geral. A sua atividade como escritora foi oficialmente reconhecida ao ser sido eleita sócia correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Em 1934, realizaram-se eleições em que mulheres foram, pela primeira vez, eleitoras e elegíveis, afinal uma aspiração antiga das feministas e sufragistas da Primeira República. A médica e professora Domitília Hormizinda Miranda de Carvalho, a advogada Maria Cândida Bragança Parreira e a professora Maria Baptista dos Santos Guardiola tornaram-se, por indicação expressa de António de Oliveira Salazar (1889-1970), nas primeiras deputadas à Assembleia Nacional, instituição recém-criada pelo Estado Novo, integrando as listas da União Nacional (UN), único partido do regime. (ESTEVES, 2015)

Para termos uma visão de conjunto das intervenções parlamentares de Domitília Carvalho, reunimos as que estão enumeradas na sua ficha nominal de deputada, anteriormente referida:

- I Legislatura (1935-1938), 1.<sup>a</sup> Sessão Legislativa (1935): Apresenta um projeto de lei de alteração à Constituição; manda para a mesa um projeto de lei sobre a introdução do ensino de higiene e puericultura nos liceus femininos do País e, em geral, nas escolas de ensino secundário; entra na discussão e debate sobre o projeto de lei de alterações ao regime do ensino secundário; defende o seu projeto de lei sobre o ensino de higiene e puericultura no ensino secundário; aprecia a proposta de lei que cria o Instituto de Medicina Tropical; aprecia e apoia o projeto de lei do Sr. José Cabral, sobre a construção de uma estátua a Sidónio Pais;
- I Legislatura (1935-1938), 2.<sup>a</sup> Sessão Legislativa (1935-1936): Expõe questões relacionadas com a ratificação do decreto n.º 26.154, referente à Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno; discute a proposta de lei que reorganiza o Ministério da Instrução;
- I Legislatura (1935-1938), 3.<sup>a</sup> Sessão Legislativa (1936-1937): Fala sobre a proposta de lei respeitante às Casas dos Pescadores;
- I Legislatura (1935-1938), 4.<sup>a</sup> Sessão Legislativa (1937-1938): Discorre acerca da proposta de lei que trata da construção, dos Palácios de Justiça de Lisboa e Porto;
- II Legislatura (1938-1942), 1.<sup>a</sup> Sessão Legislativa (1938-1939): Fala sobre o projeto de lei que trata da assistência de menores aos cinemas e teatros;
- II Legislatura (1938-1942), 2.<sup>a</sup> Sessão Legislativa (1939-1940): Não regista intervenções;
- II Legislatura (1938-1942), 3.<sup>a</sup> Sessão Legislativa (1940-1941): Fala sobre o Decreto-lei n.º 30.951, que insere várias disposições relativas às habilitações para o exercício do magistério oficial primário;



- II Legislatura (1938-1942), 4.<sup>a</sup> Sessão Legislativa (1941-1942): Refere-se aos decretos publicados acerca do ensino primário, secundário, exames de aptidão e propinas do ensino superior, merecendo-lhe aplauso a sua doutrina.

Partindo de duas grandes linhas de análise, o modo de ser das deputadas em um universo masculino e o seu contributo para a consolidação ideológica do regime do Estado Novo, Adão Aures e Remédios (2005) analisam as atividades das deputadas portuguesas, durante duas legislaturas, 1934-1938 e 1938-1941, e assinalam que:

- Todas apresentam projetos de lei, participam em debates, homenageiam figuras públicas, subscrevem moções, avisos prévios e retificações, sendo a sua intervenção mais notória durante a I Legislatura. No entanto, nenhuma ocupou função de prestígio na orgânica da NA;
- Todas representam o modo de ser mulher no novo Estado em edificação, que tem por protagonista Oliveira Salazar, ao serem legitimadoras da trilogia Deus-Pátria-Família. Nessa perspectiva, desempenharam papéis importantes em organizações estatais criadas para o enquadramento das mulheres, a Mocidade Portuguesa Feminina, a Obra das Mães pela Educação Nacional e instituições de cariz assistencial como o Instituto Maternal.

Estamos de acordo com a constatação de Braga (2014), ao afirmar que a ação da deputada Domitília Carvalho se evidenciou em atividades, principalmente no âmbito da educação, espaço privilegiado para consolidar a ideologia totalitária salazarista.

A sua intervenção profissional e social abarcou várias décadas da História Contemporânea portuguesa, atravessou um período agitado e renovador, marcado pelo final da Monarquia, o estabelecimento da República e a implantação do Estado Novo. Na sua globalidade, ela participou ativamente na sua criação e desenvolvimento de atividades de vários movimentos da sociedade civil, nacionais e internacionais, que deram voz às mulheres, e que demonstram o seu pioneirismo e notabilidade na sociedade do seu tempo.

## REFERÊNCIAS

ÁUREA, A.; REMÉDIOS, M. J. A narratividade educativa na 1ª fase da governação de Oliveira Salazar: a voz das mulheres na Assembleia Nacional Portuguesa (1935-1945). *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 5, n. 5, 2005. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1013/833>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

BRAGA, P. D. A Educação em debate na Assembleia Nacional: o contributo das mulheres deputadas (1945-1957). *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 27, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/27782>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

DOMITILÍA Hormizinda Miranda de Carvalho: legislaturas: I, II. [S.l], [20--?]. Disponível em: <[http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN\\_1935-1974/html/pdf/c/carvalho\\_domitila\\_homizinda\\_miranda\\_de.pdf](http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/c/carvalho_domitila_homizinda_miranda_de.pdf)>. Acesso em: 2 fev. 2016.

ESTEVES, J. G. Os primórdios do feminismo português: a 1ª década do século XX. *Revista Penélope*, Lisboa, n. 25, p. 87-112, 2001. Disponível em: <[Dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2654444.pdf](http://Dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2654444.pdf)>. Acesso em: 5 fev. 2016.

ESTEVES, J. G. Voto feminino, primeiras parlamentares e cidadãs: relendo Maria Reynolds de Souza. In: COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO. *Estudos sobre as mulheres contributos de Reynolds de Sousa*. Lisboa, 2015. Disponível em: <<http://www.igfse.pt/upload/docs/2015/estudosobreasmulheresebiografiasnofeminino.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

LIGA PORTUGUESA DA PAZ. *Boletim da Liga Portuguesa da Paz*. Lisboa, n. 19, p. 49-50, jul. 1902.

MARIANO, F. Pacifismo e feminismo em Portugal nas vésperas da 1ª Guerra Mundial. In: ENCONTRO ANUAL A EUROPA NO MUNDO “PELA PAZ” (1849-1945), 1., 2013, Coimbra. *Paper...* Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/236159858\\_PACIFISMO\\_E\\_FEMINISMO\\_EM\\_](https://www.researchgate.net/publication/236159858_PACIFISMO_E_FEMINISMO_EM_)

PORTUGAL\_NAS\_VESPERAS\_DA\_1\_GUERRA\_MUNDIAL\_1>. Acesso em: 6 fev. 2016.

PORTUGAL. Direção Geral do Livro, das Bibliotecas e dos Arquivos. *Alice Pestana*. Lisboa, 2009. Disponível em: <<http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6352>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

SAMARA, M. A. *Operárias e burguesas: as mulheres no tempo da república*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007. Disponível em: <<http://www.esferadoslivros.pt/pdfs/Operarias.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

SILVA, M. R. T. da. Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX. *Análise Social*, Lisboa, v. 19 (1., 2., 3.), n. (77, 78, 79), p. 875-907, 1983. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465449P2eYY6he7Ah47BN7.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Domitília Hormizinda Miranda de Carvalho: história administrativa/biográfica/familiar (1891-10-26/1903-10-15)*. Coimbra, [2012?]. Disponível em: <<http://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=154461>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

VAQUINHAS, I. Estudos sobre a história das mulheres em Portugal: as grandes linhas de força do século XXI. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 241-253, jan./jul. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n1p241>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

## DEPOIMENTO DO DR. ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

---

*Zeny Duarte*

Depoimento obtido em um encontro pessoal na própria residência do entrevistado, na rua da Constituição, n.º 1433, na cidade do Porto em Portugal, no dia 12 de maio de 2008, das 16h às 18h. Foram duas horas de intensa conversa com o dr. Alfredo Ribeiro dos Santos, na altura dos seus 91 anos de idade, quando tivemos a grande oportunidade de conhecer um pouco das avenidas de expressão desse insigne da cultura portuguesa.

Por muitos anos, Alfredo Ribeiro dos Santos foi o primeiro anestesista do Porto, especialização realizada em Inglaterra e em Lisboa. Esteve anestesista do Hospital Santo António, no Porto.

Conta que foi aluno do filósofo Leonardo Coimbra, fundador da Faculdade de Letras do Porto. Era atleta e, em 1919, foi ministro da educação. Continuando a falar das memórias de Leonardo Coimbra, dr. Ribeiro Santos disse que esse grande homem era agnóstico, convertendo-se ao cristianismo no Natal de 1935. Em 02 de janeiro de 1936, sofreu um acidente de carro indo para Penafiel e faleceu. Na implantação do Estado Novo, em 1933, Ribeiro Santos era aluno do Liceu Rodrigues de Freitas e confessa ter recebido influência de Leonardo

Coimbra. Obteve outra grande influência, levando-o a optar pela medicina, com o prof. Afonso Guimarães. O seu ex libris – *Vida Liberdade e Cultura* – retrato de uma estátua de mulher, em grafite, é de autoria de Abel Salazar, outro grande influenciador da sua busca pela carreira médica. Amigo do ex-presidente dr. Mário Soares. Sua biblioteca, em sua própria residência, construída há 60 anos, continha um total de 10 mil livros. Viveu nesta casa com sua filha Ise, pedagoga. Desses 10 mil livros, vendeu 3 mil e nos concedeu o catálogo das obras vendidas. Os itens de sua biblioteca eram de tão grande valor que decidiu, com a família, realizar um leilão.

Dr. Ribeiro Santos foi colaborador da *Revista Nova Renascença*. Falou muito bem dos dois expoentes: Agostinho da Silva e Murilo Mendes, nomes que ele reverenciou dando grande ênfase a esses dois intelectuais. Foi médico, bibliófilo, literato, memorialista e um dos fundadores da *A Águia*, revista que deu origem a outra revista ainda mais reconhecida *Renascença Portuguesa*.

Ao final de seu depoimento, dr. Ribeiro dos Santos nos concedeu uma cópia impressa de seu *curriculum vitae*. Também nos concedeu a separata do número 17 da revista *Nova Renascença* com texto de sua autoria chamado “Perfil de Jaime Cortesão”, publicado em 1985, pela Tipografia Camões, Póvoa de Varzim e os dois volumes do catálogo dos livros leiloados de sua biblioteca. (FERREIRA, 2007)

O dr. Ribeiro Santos escreveu *Jaime Cortesão: um dos grandes de Portugal*, edição esgotada. A seguir, nota publicada no *Última Hora Lusa*, em sábado, 13 de outubro de 2007, sobre o leilão da biblioteca de Alfredo Ribeiro dos Santos:

Porto, 13 Out (Lusa) - Mais de 90 por cento dos 3.700 livros da biblioteca do médico portuense Alfredo Ribeiro dos Santos foram vendidos no leilão realizado pela livraria antiquária Manuel Ferreira, ultrapassando todas as expectativas.

A peça mais cara vendida foi uma colecção da revista literária *Presença*, por 12 mil euros, seguida de uma edição original de ‘K4 O Quadrado Azul’, de Almada Negreiros, por 6.000 euros.

Já uma colecção da revista literária 'Orfeu' rendeu 5.000 euros, enquanto a da revista 'Águia', outra influente revista literária, foi arrematada por 4.100 euros.

A edição original dos 'English Poems', de Fernando Pessoa, foi adquirida por 3.000 euros, enquanto um exemplar do 'Manifesto Anti Dantas', talvez o texto mais conhecido de Almada Negreiros, viu o seu preço subir até aos 2.600 euros.

O leilão ultrapassou muito as nossas melhores expectativas, sob todos os aspectos, incluindo o número de pessoas interessadas, que licitaram estando presentes ou fazendo-se representar no leilão, que decorreu nas instalações da Junta de Freguesia do Bonfim, disse hoje à Lusa Herculano Ferreira, sócio-gerente da empresa organizadora do leilão.

O livreiro sublinhou que 'é importante que se diga que foram muitíssimos os livros que se venderam a cinco euros, o preço base de licitação, para que as pessoas não fiquem a pensar que os leilões de livros são só para pessoas dispostas a gastar muito dinheiro'.

'Muita gente fez aqui bons negócios e a prova é que muitos livros foram comprados neste leilão por colegas nossos, que se os compraram é porque sabem que os podem mais tarde vender a preços superiores', acrescentou Herculano Ferreira.

Para o livreiro, este é o melhor destino que um bibliófilo pode dar à sua biblioteca, porque 'todas as bibliotecas serão, mais tarde ou mais cedo dispersas'.

'Para efectuar o leilão tem que ser constituído o respectivo catálogo, que ficará para a posteridade, como testemunho da biblioteca pessoal de cada um, já que muitas vezes os herdeiros não têm o gosto, o saber ou a disposição para usar os livros que lhes são deixados', frisou Herculano Ferreira.

No prefácio do catálogo, Mário Soares escreveu que 'a biblioteca de Ribeiro dos Santos constitui um raro e precioso acervo de livros, jornais e revistas, altamente representativos do século XX português, obviamente orientado numa perspectiva republicana, socialista e laica'.

Amigo de Alfredo Ribeiro dos Santos desde os tempos do Movimento de Unidade Democrática (MUD), há mais de 60 anos, Mário Soares refere-se à colecção como ‘uma valiosíssima biblioteca rica em revistas e obras literárias e histórico-políticas’.

Contactado pela Lusa quando do anúncio da realização do leilão, Alfredo Ribeiro dos Santos, actualmente com 90 anos, disse que a degradação da vista foi o factor principal apontado para a ‘dolorosa decisão’ de vender os seus livros.

A degradação tem-se acentuado nos últimos tempos pelo que o médico só consegue ler com a ajuda de um dispositivo de aumento dos caracteres.

‘Isto torna a leitura num exercício cada vez mais difícil e incómodo’, frisa Ribeiro dos Santos.

A este facto junta-se um recente divórcio que tornou a falta de espaço em mais um factor ponderoso para a ‘difícil decisão que teve de tomar’.

A opção pelo leilão prende-se também, segundo Ribeiro dos Santos, com o facto desta ser a melhor forma de obter o real valor de mercado das obras, já que os leilões são frequentados ‘pelas pessoas que mais apreciam e valorizam os livros’.

Herculano Ferreira, sócio-gerente da livraria Manuel Ferreira, organizadora do leilão, destacou também, da extensa lista de obras, ‘raríssimos’ livros de Almada Negreiros, Miguel Torga, Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, António Botto, Raul Brandão, Sofia de Mello Breyner, Júlio Dinis, Benardino Machado, Antero de Quental, Mário de Sá Carneiro, Agostinho da Silva, Oliveira Martins e Alexandre O’Neill.

Os organizadores da iniciativa reconhecem que se tratou de um ‘leilão de grande dimensão’ pela raridade e estado de conservação das obras mas escusam-se avaliar monetariamente a colecção.

A hipótese de doar o espólio bibliográfico a uma instituição pública chegou a ser ponderada, mas a ideia foi abandonada quando Alfredo Ribeiro dos Santos se apercebeu de que acervos idênticos iam parar a caves inacessíveis ao público.

Segundo os responsáveis pela elaboração do catálogo, o conjunto de mais de 3.700 títulos retrata o percurso cultural e político do último século português, revelando um acervo único de publicações periódicas.

A publicação do catálogo é considerada por Herculano Ribeiro como a ‘melhor maneira de fazer perdurar a colecção’ porque ‘mesmo que fique dispersa por vários coleccionadores, ela poderá sempre ser consultada neste catálogo’, frisou.

Alfredo Ribeiro dos Santos fez os seus estudos secundários no Liceu Rodrigues de Freitas, onde se tornou discípulo de Leonardo Coimbra. Em 1948, colaborou activamente na candidatura do general Norton de Matos à presidência da República.

Além da sua colaboração na revista ‘Portucale’, Ribeiro dos Santos tem vindo a publicar vasta bibliografia da qual se destacam os seguintes estudos: ‘Perfil de Jaime Cortesão’, ‘Professor Alberto Saavedra – um notável médico do Porto’, ‘O professor Afonso Guimarães – um cientista de vanguarda’, ‘A Renascença Portuguesa – um movimento cultural portuense’, ‘Jaime Cortesão – um dos grandes de Portugal’, ‘Perfil de Leonardo Coimbra’ e ‘Para um novo perfil de Abel Salazar’.

‘Frequentador de tertúlias literário-políticas, colega, amigo e camarada do incansável conspirador anti-fascista do Porto, Veiga Pires, com o qual estagiou no Hospital de Santo António, foi ele que também o introduziu no Movimento de Unidade Antifascista (clandestino entre 1942-49) e no MUD’, recorda Mário Soares no prefácio do catálogo.

‘Desde então encontrei-o em todos os grandes momentos da oposição democrática’, escreve o ex-presidente da República, destacando ainda que Alfredo Ribeiro dos Santos ‘com uma vida já longa e uma magnífica lucidez, deixou sempre, por onde passou, um rasto de simpatia, de humanidade, de aprumo pessoal e de respeito verdadeiramente invulgares. (LIVROS..., 2007)

A partir da leitura de seu *curriculum vitae*, que nos foi por ele concedido, apresentaremos, a seguir, um breve relato de sua biografia. Alfredo Ribeiro dos Santos nasceu no Porto, em 14 de agosto de 1917



e faleceu em 28 de agosto de 2012. Terminou seus estudos secundários no Liceu Rodrigues de Freitas, onde foi aluno de Leonardo Coimbra (1933-1935). Daí deriva o interesse pela obra desse filósofo, que, depois da morte de Leonardo Coimbra, no início de 1936, Ribeiro dos Santos, frequentou as lições do Capitão Eugénio Aresta e obteve convívio mais ou menos duradouro com Sant'Anna Dionísio e José Marinho.

Desta geração, conheceu Agostinho da Silva, após alguns anos de troca de correspondência, quando este o visita no Porto, em 1942, acompanhando-o ao Ateneu Comercial do Porto, onde vem proferir uma famosa conferência sobre Antero de Quental.

Fomou-se em Medicina em 1943, estagiou na enfermaria do Hospital de Santo António dirigida pelo dr. Veiga Pires e colaborou na ação política como ativista no Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista, exerceu na preparação do restabelecimento da democracia que se julgava, então, consequência inevitável da derrota do nazi-fascismo. Participou do Movimento de Unidade Democrática (MUD) e assinou as suas listas de adesão, pelo que, foi excluído na admissão ao quadro médico das primeiras Caixas de Previdência. É nessa época que frequentou uma tertúlia no Ateneu Comercial do Porto e conviveu com alguns dos mais notáveis da geração precedente.

Sendo, então, o dr. Veiga Pires e o Capitão Pina de Moraes diretores da revista *Portucale*, aí publica algumas recensões literárias em 1946. Do convívio com o clínico dr. Veiga Pires resultou o seu interesse pela política e a participação em várias ações.

Em 1948 tomou parte ativa na preparação da candidatura do General Norton de Matos à presidência da República, e serviu de elemento de ligação entre a Comissão Eleitoral do Porto, o candidato e alguns elementos da candidatura como Azevedo Gomes e Bento Caraça. Com o seu colega Pedro Ruela Torres participou na introdução das técnicas de anestesia, objeto de grande progresso durante a Segunda Guerra Mundial. Depois dos estágios nos hospitais de Lisboa e Londres, por eles foi fundado, no Hospital de Santo António, o primeiro com o serviço de anestesiologia do país, em 1948. Além da posição no serviço desse Hospital, que se prolongou até 1983, exerceu

grande atividade em hospitais e clínicas do Porto e do norte do país, até 1993.

Sob o fascínio de Jaime Costesão, que conheceu desde 1953, tornou-se estudioso da sua vida e da sua obra e publicou em 1967 o seu primeiro artigo tomando como tema “Jaime Cortesão e a Renascença Portuguesa”.

Apesar de uma intensa atividade profissional, cedo revelou a paixão de bibliófilo, tornando-se conhecido colecionador de revistas, jornais literários, periódicos e manifestos referentes a acontecimentos políticos, pelo que a sua biblioteca foi muito consultada servindo investigações e elaborações de trabalhos de alguns estudiosos.

Participou da Campanha Eleitoral do General Humberto Delgado, 1958 e de outras diversas manifestações da Oposição Democrática, filiou-se no Partido Socialista em 1973 e, depois de 25 de abril, esteve presente no seu secretariado até 29 de setembro do ano da Revolução. Promoveu e participou de comícios do Partido Socialista, no Porto e em cidades próximas, durante a Campanha Eleitoral para as legislativas de 1975, e exerceu uma ação pedagógica política.

Com o prof. José Augusto Seabra, o dr. Jacinto de Magalhães, o arquiteto Corte-Real, o dr. Manuel Coelho dos Santos e os professores António Manuel Baptista, Rocha Trindade e Vitorino Magalhães Godinho foi um dos fundadores da Comissão Cívica Independente que, entre 1978 e 1988, exerceu uma ação de pedagogia política.

Foi um dos sócios-fundadores da sociedade que lançou o movimento cultural Nova Renascença. Foi um dos signatários do seu primeiro Manifesto e pertenceu ao Conselho de Redação da revista *Nova Renascença* que iniciou a sua publicação em 1 de dezembro de 1980. Em 1987, passou a fazer parte da direção da revista.

Possuiu uma rica bibliografia proveniente de suas pesquisas, escrevendo, publicando e apresentando brilhantes conferências sobre a Renascença Portuguesa, sobre a biografia de Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Teixeira Pascoaes, José Praça, Alberto Saavedra e sobre outras personalidades de relevo à cultura do país.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, M. *Biblioteca do Dr. Alfredo Ribeiro dos Santos organizada para leilão por Manuel Ferreira: literatura, política, revistas e jornais século XX*. Porto: Livraria Manuel Ferreira, out. 2007. v. 1. (Páginas ilustradas com capas de livros da Biblioteca).

FERREIRA, M. *Biblioteca do Dr. Alfredo Ribeiro dos Santos organizada para leilão por Manuel Ferreira: literatura, política, revistas e jornais século XX*. Porto: Livraria Manuel Ferreira, out. 2007. v. 2. (Páginas ilustradas com capas de livros da Biblioteca).

LIVROS: leilão da biblioteca de Alfredo Ribeiro dos Santos ultrapassou todas as expectativas”. *Expresso*, Paço de Arcos, 13 out. 2007. Última hora Lusa. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/livros-leilao-da-biblioteca-de-alfredo-ribeiro-dos-santos-ultrapassou-todas-as-expectativas=f140497>>. Acesso em: 31 maio 2013.

## **RITA LOBATO VELHO** **a primeira médica formada pela Faculdade de** **Medicina da Bahia**

---

*Ademir Silva & Teresa Coelho*

Rita Lobato Velho Lopes ainda criança revelou a sua mãe que gostaria de ser médica e esta lhe respondeu: “Minha filha, se fores médica algum dia, praticas sempre a caridade”. Mais tarde, com o falecimento de sua genitora decorrente de uma hemorragia pós-parto, decidiu cursar medicina e dedicar-se à obstetrícia. Rita Lobato foi a primeira mulher brasileira a cursar uma faculdade e a obter o título de médica no Brasil. Nasceu no século XIX, um período insatisfatório para aspirações femininas. Na segunda metade do século XIX – período histórico do Império Português e até as primeiras décadas do século XX, no Brasil a mulher era encarregada da manutenção e da educação dos filhos. Vivia-se em uma sociedade patriarcal, mantendo-se em segundo plano em relação ao homem, tanto econômica como socialmente, a única escolha para uma vida que fosse respeitável nesse período era o casamento. Segundo Freyre, (2004, p. 207), “[...] é característico do regime patriarcal, o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco [...]”. Esse regime perdurou até as primeiras décadas do século XX.

Aponta Dutra (2006), no seu artigo, “História da mulher no Brasil”, que “Na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, no Brasil, a mulher era encarregada da manutenção e da educação dos filhos e o homem assimilava a soberania do Estado dentro do lar [...]”. Entretanto, nesse período, ocorria no mundo uma conflagração de conquistas femininas relativas às leis, a cultura, a religião, a ciência e a política.

No início do século XX, as mulheres ganharam emprego em ferrovias, nas atividades telegráficas, nos correios, na enfermagem e no secretariado, bem como na área de produção. Assembléias femininas levantaram e debateram questões pertinentes as mulheres como força de trabalho, tais como licença maternidade, horas extras e salários [...]. (DUTRA, 2009, p. 1)

Na medicina, a inserção feminina era mais difícil. Sabe-se que na Antiguidade, havia devoção às deusas protetoras da medicina, como Isis, no Egito, e Saravaste, na Índia. Até o século XIX, transcorreu um longo período. Em 1812, foi diplomada a primeira médica na Europa. Em 1849, foi diplomada a primeira médica da América do Norte. Em 1881, Maria Augusta Generoso Estrela, recebeu do Imperador Dom Pedro II bolsa para estudos médicos no exterior, foi então, a primeira médica brasileira e sul-americana titulada por uma escola superior estrangeira pelo New York Medical College and Hospital for Women. Na América do Sul foi diplomada em 1886, a chilena Eloiza Diaz Inzunza. Contudo, foi Rita Lobato Velho Lopes, em 1887, a primeira médica diplomada no Brasil pela Faculdade de Medicina da Bahia e a segunda médica titulada na América do Sul.

Embora cercada por rígidos padrões morais que determinavam o seu lugar em uma sociedade dominada por homens, Rita Lobato contrária aos valores da época ultrapassou os limites estabelecidos para viver outro destino. Uma mulher extraordinária, médica, feminista e política brasileira. Outra vez pioneira nas suas aspirações, nas eleições de 1934, aos 67 anos de idade, candidatou-se e foi eleita como primeira vereadora de Rio Pardo, no seu estado de origem, o seu mandato

foi encerrado pelo golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1937. Viveu naquela cidade até aos 88 anos de idade, faleceu no dia 6 de janeiro de 1954, cercada pela filha, o genro e os netos.

Na vasta documentação sobre Rita Lobato, a primeira mulher diplomada no Brasil, tema central deste artigo, encontra-se no arquivo histórico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esse arquivo é constituído de uma documentação representativa da memória da Faculdade. Nele, encontram-se manuscritos, livros, atas, ilustrações, documentos que comprovam a participação da Escola de Medicina em grandes acontecimentos e na vida política da Bahia; além de outros documentos produzidos por personalidades simbólicas da nossa cultura médica, que construíram o alicerce da medicina no Brasil.

O Arquivo da faculdade segundo (FREITAS, 1994, p. 580) possui a seguinte composição:

Material produzido pelos mestres e seus alunos, no labor do ensino e da investigação. São originais manuscritos e valiosos da historiografia médica, mas onde há terreno para o trabalho da História, das Ciências Naturais, da Física, das idéias, da Filosofia, da Política, bem como para os levantamentos dos Genealogistas, dos Filólogos, dos Biógrafos, dos Sociólogos, dos homens de letras. Os manuscritos constituem 98 por cento do acervo. São 5 milhões 328 mil documentos in folio.

O acervo arquivístico de Medicina é um conjunto orgânico, disponível para a investigação, agrupa a documentação produzida e recebida desde a criação da primeira Escola Médica do Brasil.

A documentação [...] registra dois marcos expressivos: o de 18 de fevereiro de 1808 – data de fundação da Escola Médico-Cirúrgica, quando da passagem de cinco semanas do Príncipe Regente de Portugal, D. João VI, o futuro ‘Rei do Brasil’, antonomásia com que o denominou o historiador Pedro Calmon – e o de 03 de outubro de 1832, quando essa instituição de ensino superior foi designada como FMB. Antes, 1813, transformara-se em Academia Médico Cirúrgica. (DUARTE, apud AZEVEDO, 1983)

O acesso a essa documentação tornou-se possível a partir de 2004 com o projeto Salvaguarda do acervo do Memorial de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia: primeira etapa de autoria e coordenação da prof<sup>a</sup>. Zeny Duarte, do Instituto de Ciência da Informação (ICI).<sup>1</sup> Nessa fase, constatou-se o estado de abandono do acervo que por mais de 20 anos, permaneceu sem revisão e conservação adequadas para o prosseguimento das ações executadas, na década de 80, pela prof<sup>a</sup>. Maria José Rabello de Freitas, responsável pelo projeto de Reconhecimento Global e Estruturação das Séries Documentais do Acervo do Memorial de Medicina, com a participação de peritos da Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação, Conservação e restauração de documentos e da Medicina.<sup>2</sup>

A intervenção iniciada em 2004 tem prosseguimento com a formalização do Grupo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Arquivologia e Saúde (GEPAS), composta por uma equipe do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA). O Grupo desenvolve ações para a reorganização, preservação, revitalização com o intuito de salvaguardar e disseminar as informações contidas no acervo histórico, localizado no prédio da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), no largo do Terreiro de Jesus, Centro Histórico de

---

<sup>1</sup> Salvaguarda do Acervo do Memorial de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia: primeira etapa – Este projeto visa dar prosseguimento ao grandioso trabalho coordenado pela prof<sup>a</sup> Maria Jose Rabello de Freitas no período de 1980 a 1982. Passado dez anos foi apresentada a direção da Faculdade de Medicina da Bahia outros projetos propondo dar prosseguimento e sustentação ao trabalho realizado na década de 80. Entretanto, nenhum deles foi concretamente viabilizado. Persistindo nesta luta, que vem sendo travada desde 1980, a prof<sup>a</sup> Zeny Duarte apresenta, em 2004 a direção da faculdade de medicina este projeto. Desta vez com êxito, retoma e transforma os projetos anteriores em nova proposta, que hoje caminha como o Grupo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Arquivologia e Saúde (Gepas).

<sup>2</sup> Reconhecimento global e estruturação das séries documentais do Acervo do Memorial de Medicina – O trabalho incomensurável de reconhecimento global do acervo arquivístico de medicina, na década de 1980, seguiu os princípios arquivísticos, permitindo manter os “valores de prova” inerentes a todos os papéis de modo a se refletir na classificação e no arranjo destes as suas origens e os processos por que se criaram. A organização teve como preceito orientador na classificação dos documentos, o princípio de proveniência. O acervo foi classificado respeitando-se a produção orgânica da documentação de modo a não descaracterizar as fontes históricas e a memória da faculdade. As datas limites do acervo são de 1808 a 1972, e encontra-se classificado em cinco séries distintas que revelam a própria vida da faculdade. Os assuntos estão inseridos em subséries em uma ordenação cronológica de acordo com a sua produção. O instrumento de pesquisa utilizado, ainda hoje, é o *Catálogo Topográfico* (analógico) que dar acesso aos documentos.

Salvador. O trabalho desenvolvido dedica-se à preservação e resgate da memória<sup>3</sup> arquivística da FMB. Dentre os arquivos salvaguardados pelo grupo, estão os referentes à Rita Lobato Velho Lopes, objeto de nosso estudo.

O projeto visa preservar a memória arquivística da Faculdade de Medicina da Bahia, através da digitalização dos documentos objetivando a acessibilidade a esse universo de informações. Contribuindo para a preservação e desenvolvimento da própria história da Faculdade.

A Resolução n.º 31, disponível no site do Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) dispõe sobre a adoção das recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes. “Essas recomendações visam auxiliar as instituições detentoras de acervos arquivísticos de valor permanente, na concepção e execução de projetos e programas de digitalização”.

A digitalização de acervos é uma das ferramentas essenciais ao acesso e à difusão dos acervos arquivísticos, além de contribuir para a sua preservação, uma vez que restringe o manuseio aos originais, constituindo-se como instrumento capaz de dar acesso simultâneo local ou remoto aos seus representantes digitais como os documentos textuais, cartográficos e iconográficos em suportes convencionais, objeto desta recomendação. (CONARQ, 2010, p. 4)

Menos de 1% da série didática encontram-se em uma base de dados experimental – BD Fameb/Catálogo do acervo arquivístico da Fameb. mdb, no formato Access Database, criada por integrantes do Gepas (discentes, docentes, técnicos e pesquisadores de Arquivologia), na perspectiva de avanços na captação de recursos humanos, administrativos e, sobretudo de recursos financeiros, no sentido de migrar esses registros iniciais para uma base de dados em formato mais atual

---

<sup>3</sup> Memória [...] desde a mais alta Antiguidade, o homem demonstrou a necessidade de conservar sua própria ‘memória’, inicialmente sob a forma oral, depois sob a forma de graffiti [sic] e desenhos e, enfim, graças a um sistema codificado [...] A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos. A vida mesma não existiria – ao menos sob a forma que nós conhecemos – sem ADN, ou seja, a memória genética registrada em todos os ‘primeiros arquivos’. (LONDOLINI apud JARDIM, 1995)



e compatível com o grande volume do acervo. Lastimável a realidade dos arquivos históricos brasileiros.

A chamada sociedade pós-moderna é tomada pela emergência da informação sobre o hoje, o ontem e o que está por vir, inquirindo assim a importância de se cuidar dessa informação de modo que ela seja revelada, preservada e disponibilizada da forma mais cuidadosa possível.

A informação, a cada dia, torna-se essencial à vida de toda a sociedade. Os profissionais que atuam, diretamente, com a informação passam a ter um papel de destaque na denominada Sociedade da Informação, contudo esse destaque é proporcional à responsabilidade que o profissional da informação passa a ter. (CARDOSO; VALENTIM, 2008, p. 2)

Esse cuidado traduz a responsabilidade do profissional à frente das incubadoras de conhecimentos, pondo em ênfase a sua importância na preservação da memória da humanidade e lançando um olhar especial para a relação entre a ferramenta humana e a tecnológica em prol desse propósito.

A memória atribui-se como um dos principais elementos de pesquisa do profissional arquivista, uma vez avaliada a necessidade de preservação de arquivos que contam a história de um povo, bem como a disseminação da experiência coletiva em uma conjuntura social ao longo dos tempos. Esse elemento tem como função básica, reunir e preservar documentos relevantes à propagação de conhecimentos e registros por entre as subsequentes gerações, representando essencial importância ao contexto prático desse profissional.

Em se tratando da atuação do profissional arquivista, é inegável a relevância do desempenhar de seu papel na conservação da memória de uma instituição, de um povo, de uma sociedade, visto que a sua função não se resume ao tratamento de documentos de valor histórico-cultural; ela abarca habilidades e competências interdisciplinares que se entrelaçam por entre a sensibilidade histórica, a consciência e a atitude arquivista, imprescindíveis à aplicação de métodos, princípios e teorias da conservação.

Com o passar do tempo, a profissão de arquivista está começando a tomar seu lugar, frente a várias obrigações que sua formação permite e que o mercado vem exigir de um profissional, hoje com um curso de ensino superior, que deve corresponder às exigências feitas pelos empregadores para garantir que suas proposições sejam realizadas com sucesso. (CRIVELLI, 2008, p. 1)

Nunca se teve tanta e tão disponível informação sobre tudo. O volume assusta e a acessibilidade se faz tão evidente que o homem hoje vive um turbilhão de possibilidades informativas, especialmente por conta do advento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que ampliou a necessidade de saber cada vez mais e melhor.

## **RITA LOBATO: UMA BIOGRAFIA**

A biografia de Rita Lobato será apresentada com base nos seus documentos que estão retidos no arquivo histórico da FMB, no “Parecer: Anexo I da Faculdade de Medicina da Bahia ‘Doutora Rita Lobato Velho Lopes’”, publicado na *Gazeta Médica da Bahia* de autoria do professor Honorário da Faculdade de Medicina da Bahia e pelo presidente emérito do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, prof<sup>o</sup> Lamartine de Andrade Lima, e de textos capturados em ambiente virtual.

A primeira médica brasileira Rita Lobato Velho Lopes nasceu no estado do Rio Grande do Sul, na região de São Pedro do Rio Grande, no dia 09 de junho de 1866. Filha de gaúchos o sr. Francisco Lobato Lopes e a sra. Rita Carolina Velho Lopes, sendo avós paternos o português sr. Manoel Antonio Lopes e a gaúcha sra. Joaquina Correia Lobato Lopes e avós maternos os gaúchos sr. Matias José Velho e a sra. Luciana Francisca Gonçalves da Terra Velho. Rita foi à quinta filha do casal e a segunda mulher, depois, ela teria mais nove irmãos.

Foi batizada aos 11 meses de idade na Matriz de Nossa Senhora do Carmo de São Pedro do Rio Grande em 10 de maio de 1867, recebeu o prenome da mãe em batismo católico. Seus estudos primários e

secundários foram obtidos nas cidades de Areal e Pelotas e os preparatórios em Porto Alegre.

Ficou órfã de mãe aos 17 anos, que morreu com 41 anos de idade de hemorragia no 14º quarto parto, no ano de 1883. Seu pai, viúvo aos 51 anos, dedicou-se a educação dos 13 filhos, e faleceu aos 65 anos de idade, na cidade do Rio Grande, em 1898.

Em 1884, por razão dos estudos dos filhos, ele transferiu-se com cinco deles e três escravos, para a capital do Império, onde matriculou os filhos Antonio e Matias, estudantes de farmácia; e Rita estudante de medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, permanecendo nesta cidade até 1885. Transferindo-se com os filhos para a cidade de Salvador, para estes continuarem os estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, Rita, agora no segundo ano médico. Neste período no Brasil existiam duas escolas médicas, a primeira, da Bahia e a segunda a da cidade do Rio de Janeiro, ambas criadas no ano de 1808.

A família residiu em Salvador, durante o período de 1885 a 1887, inicialmente na rua do Jogo do Carneiro, depois, na rua do Sodré, no solar histórico onde morou a família do poeta Antonio Frederico de Castro Alves, “o maior poeta das Américas”; Castro Alves era filho do professor Antonio José Alves, catedrático de cirurgia da Faculdade de Medicina da Bahia. O quarto que foi do poeta, 15 anos antes, foi designado para Rita Lobato, que ali passou o seu tempo de estudante acadêmica, até receber o diploma de médica, na turma de 1887, aos 21 de idade. Logo após ela voltou, com o pai e os irmãos, para o Rio Grande do Sul, onde exerceu a medicina por quarenta anos. Casou aos 23 anos, com o seu primo Antonio Maria Amaro de Freitas, de 28 anos de idade, o que a fez trocar o nome para Rita Lobato Freitas; com ele teve uma única filha, de nome Isis Lobato Freitas Silveira, casada com o primo Mario Amaro da Silveira, que lhes deram os netos Antonio Maria, Auta Teresa e Maria Antonieta. Viveu um feliz casamento por 37 anos, até o falecimento do marido aos 65 anos de idade.

A legislação brasileira, até o ano de 1879, não permitia à mulher cursar qualquer curso superior no país. Com os impedimentos existentes na época, Rita Lobato só pode iniciar seus estudos depois que o imperador D. Pedro II assinou a chamada Reforma Leôncio de Carvalho,

através do Decreto 7247, em que no artigo 24 conferiu “a liberdade e o direito de a mulher freqüentar os cursos das Faculdades e obter título acadêmico”.

A jovem estudante de Medicina, muito dedicada, cursava o máximo de disciplinas possíveis, inclusive estudando durante as férias, para prestar provas sobre matérias mais adiantadas. Assim, ela conseguiu antecipar dois anos no seu currículo de aluna, concluindo em apenas quatro anos o curso previsto para seis anos. Durante o aprendizado acadêmico estudava com os irmãos em casa ou na “Bibliotheca” da Faculdade de Medicina da Bahia, constituída de um grandioso acervo.

Foi de Rita Lobato a primeira tese de doutoramento defendida por uma mulher no Brasil em 24 de novembro de 1887, na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. Um trabalho de 84 páginas, intitulado *Paralelo entre métodos preconizados na operação cesariana* escrito de acordo com os Estatutos da Faculdade e aprovado unanimemente com distinção pela comissão avaliadora constituída pelos professores da Escola de Medicina.

Figura 1 – Capa da tese de doutoramento de Rita Lobato



Fonte: Imagem do acervo da Faculdade de Medicina da Bahia ([2008?]).

Em 10 de dezembro de 1887, na cerimônia de Colação de Graus dos 60 doutorandos em medicina, constituindo a 71ª turma formada e diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia, a doutoranda Rita Lobato Velho Lopes, fez solenemente os seus votos com a mão direita sobre os *Santos Evangelhos*, ato que seria abolido em 1889, com a República, e depois, novamente com a palma sobre o livro dos *Aforisma de Hipócrates*, recitou o juramento médico, após o que recebeu o simbólico anel de ouro com pedra de esmeralda, adotado pela Faculdade desde 1856 e o diploma de doutora em Medicina. Naquele dia, em homenagem à filha doutora, o sr. Francisco Lobato Lopes entregou a carta de alforria a sua escrava negra Clarinda.

Atualmente o diploma da Doutora Rita Lobato Velho Lopes encontra-se colocado em destaque na parede da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. No centenário de seu nascimento a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, emitiu um selo comemorativo da primeira médica diplomada no Brasil. No ano de 2010 a Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, aprovou a proposta de dar ao Anexo da FMB, o nome da primeira mulher obstetra do Brasil. Nesta justíssima homenagem foi relator da proposta o prof. Lamartine de Almeida Lima.

Figura 2 – Diploma de Medicina de Rita Lobato



Fonte: Imagem do acervo da Faculdade de Medicina da Bahia ([2008?]).

Corroborando, destaca o prof. Lamartine Lima, (2011, p. 66)

As pesquisas documentais testemunhais, procedidas pelo falecido Professor Alberto Silva, da Faculdade de Medicina da Bahia e do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, há mais de meio século, que comprovaram a Doutora Rita Lobato Velho Lopes ter sido verdadeira e irrefutavelmente a primeira médica brasileira diplomada no Brasil como a primeira obstetra formada na Faculdade de Medicina da Bahia e a segunda médica titulada na América do Sul [...].

Concluímos, enfatizando que, se hoje existem mulheres que ocupam lugares de destaque nos mais variados seguimentos profissionais, que dedicam suas vidas na construção de uma sociedade mais irmanada, concorrem por um mundo melhor e por outras tantas, é porque houve uma pioneira. Mulheres como Rita Lobato Velho Lopes deram os primeiros passos para abrir novos precedentes.

A sua coragem e determinação expandiram a maneira de ver o mundo, veementemente questionou essa sociedade, conquistou o direito de participar da vida política, social e cultural do Brasil e deste modo deixou além de um legado o exemplo de força, intensidade e de determinação para as gerações posteriores.

Nessa conjunção vislumbramos o valor da preservação, salvaguarda, reorganização, revitalização e difusão dos acervos históricos. Sendo observada a inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação e como a falta dessa ferramenta afeta a atuação do profissional arquivista, especialmente no que se refere à preservação e disseminação dos documentos tutelados. Com os avanços tecnológicos, espera-se do profissional arquivista o desenvolvimento de competências e habilidades em torno de uma prática que está se aproximando cada vez mais da era digital, requerendo deste, adaptação e eficiência. Cabe a esse profissional estabelecer uma relação de parceria com a tecnologia, pois cada vez mais essas ferramentas tendem a invadir os espaços e torná-los acessíveis mais que fisicamente, virtualmente. Imprescindível entender a importância de seu papel ao longo do processo.

No que se refere aos documentos relativos à figura feminina de grande importância no século XIX – Rita Lobato – e que inspira mulheres até os dias atuais, eles não só registram a história de superação da classe feminina numa sociedade ainda machista, como também ilustram a sua existência.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, T. Memorial da Medicina: monumento, museu, laboratório. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Memorial da Medicina*. Salvador: UFBA, 1983. Não paginado.
- BELLOTTO, H. L. O arquivista na sociedade contemporânea. In: BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Ed. 2004.
- BELLOTTO, H. L. O Arquivista na sociedade contemporânea. In: BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. Disponível em: <<http://polo1.marilia.unesp.br/cedhum/pdf/texto01.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2012.
- BRASIL. Arquivo Nacional. *Subsídios para um dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ). *Resolução nº 31*, de 28 de abril de 2010. Dispõe sobre a adoção das Recomendações para Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes. Anexo. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 03 maio 2010. Seção 1, ed. 82., p.1. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br>>. Acesso em: 5 fev. 2013.
- CARDOSO, D. R.; VALENTIM, M. L. P. *Perfil do profissional arquivista para atuar com a gestão documental em ambientes empresariais*. [ S. l.], 2008. Disponível em: <[http://www.eneaq2008.ufba.br/wpcontent/uploads/2008/09/13debora\\_regina\\_cardoso.pdf](http://www.eneaq2008.ufba.br/wpcontent/uploads/2008/09/13debora_regina_cardoso.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2012.
- COSTA, L. F. M. Apresentação. In: COSTA, L. F. M. *Memorial da Medicina*. Salvador: UFBA, 1983. Não paginado.

CRIVELLI, R. *O lugar do preservador da memória: o arquivista como detentor do conhecimento*. [S.l.], 2008. Disponível em: <[http://www.eneaq2008.ufba.br/wp-content/uploads/2008/09/10-renato\\_crivelli.pdf](http://www.eneaq2008.ufba.br/wp-content/uploads/2008/09/10-renato_crivelli.pdf)> Acesso em: 21 ago. 2012.

DUARTE, Z. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. *Revista da Faculdade de Letras: ciências e técnicas do património*, Porto, v. 5/6, p. 141-151, 2006-2007. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6624.pdf>> Acesso em: 23 ago. 2012.

DUTRA, M. C. S. *História da mulher no Brasil*, Minas Gerais, 2009, p. 1. Disponível em: <<http://www.creasim.amac.org.br/artigo.22>>. Acesso em: 25 maio 2013.

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. Capa da dissertação de Rita Lobato “Paralelo entre métodos preconizados na operação cesariana”. 1 fotografia, p&b. Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia. Página da UFBA - Comemoração 200 anos da Primeira Faculdade de Medicina no Brasil - 18/02-1808, Salvador, [2008?]. Disponível em: <<http://www.medicinaintensiva.com.br/medicina-bahia.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. Diploma de Rita Lobato. 1 fotografia, color. Acervo da Faculdade de Medicina da Bahia. Página da UFBA - Comemoração 200 anos da Primeira Faculdade de Medicina no Brasil - 18/02-1808, Salvador, [2008?]. Disponível em: <<http://www.medicinaintensiva.com.br/medicina-bahia.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

FREITAS, M. J. R. O acervo documental da primeira Escola de Medicina do Brasil: uma experiência de recuperação. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 5., 1994, Lisboa. *Anais...*Lisboa: CNBA, 1994. p. 580-586.

FREYRE, G. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 15 ed. São Paulo: Global, 2004.

JARDIM, J. M. A invenção da memória nos arquivos públicos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 02, p. 209-216, 1995.

LIMA, L. de A. Parecer: anexo I da Faculdade de Medicina da Bahia “Doutora Rita Lobato Velho Lopes”. *Gazeta Médica da Bahia*. Salvador, v. 81, n.1, p. 64-66, jan./jun. 2011. Faculdade de Medicina da Bahia. Disponível em: <[www.gmbahia.ufba.br](http://www.gmbahia.ufba.br)>. Acesso em: 15 ago. 2012.



SILVA, A. M. da. *A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico*. Porto: Afrontamento, 2006.

PRESERVAÇÃO de documentos: métodos e práticas de salvaguarda. Tradução Zeny Duarte; Apresentação de Robert Howes. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2009. Tradução de The British Library, National Preservation Office.

## RONALDO RIBEIRO JACOBINA ENTREVISTA ELIANE ELISA DE SOUZA AZEVÊDO

---

*Ronaldo Ribeiro Jacobina*

Entrevistar a prof.<sup>a</sup> Eliane Elisa de Souza Azevêdo<sup>1</sup> é sempre uma honra. Médica, geneticista, professora, pesquisadora renomada. É a segunda professora titular e primeira “Professora Emérita” – erro no título e acerto no gênero – da Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi professora titular de Bioética pela Universidade Estadual de Feira de Santana em 2000-2006. Em 2006, o seu retrato foi fixado na galeria de reitores da UFBA simbolizando uma vitória que a transcende, por ser a da primeira mulher reitora da referida universidade. Foi também a primeira vice-reitora e a primeira mulher eleita para a diretoria da Fameb, em consulta à comunidade, embora não tenha sido empossada pelo conservadorismo da época.

Não por acaso, a prof.<sup>a</sup> Eliane Azevêdo tem o seu trabalho reconhecido em inúmeras moções públicas e de honra ao mérito: Cidadã da cidade de Salvador, em 1985; foi Coordenadora da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, no período da Ditadura

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada em 2 de abril de 2016.

Militar; e recebeu uma placa dos geneticistas brasileiros que a destaca pelos grandes serviços prestados à genética brasileira e pelo pioneirismo na Genética Médica em nosso país. É pesquisadora homenageada pela SBPC, título dado na 53ª Reunião Anual, em 2001. Recebeu também, em 2002, o título de “Mulher do Século” dado pela Assembleia Legislativa da Bahia.

### 1 - Vida, obra e pensamento de Eliane Azevêdo

Ronaldo Jacobina (RJ): *Cara Professora, de modo breve, relate-nos a origem, naturalidade, estudos preparatórios e formação médica. Pós-graduação e a trajetória inicial no campo da Genética.*

Elaine Azevêdo (EA) – *A sua solicitação, professor Ronaldo Jacobina, traz dupla motivação: reafirmar admiração por seu trabalho acadêmico e estreitar mais ainda a amizade que nos une desde quando o conheci como aluno brilhante e questionador sem deixar de ser educado e respeitador. Com muita satisfação respondo sua entrevista, meu caro professor.*

*A ideia de tornar-me médica veio cedo na vida. Aos quatro anos de idade meu pensamento voltou-se para doença, médicos, tratamentos, fisioterapias, etc. Meu imaginário de criança do interior foi invadido por coisas de adultos e de cidade grande. Em Salvador, os médicos disseram que era poliomielite aguda. Que minhas pernas deixaram de me fazer andar, eu já sabia. Agora, depois de ouvir muita conversa de gente grande, aprendi o nome da doença e também que não havia remédio. A vontade de ser médica surgiu aí, graças à pólio.*

*Ainda nos cursos de ginásio e científico (hoje fundamental e médio) a curiosidade se aguçou. A leitura de um livro sobre o átomo fascinou-me. Não só medicina, mas também pesquisa passaram povoar meus pensamentos para o futuro.*

*Fiz o curso primário (como dito à época) em Tanquinho, onde nasci. Meu velocípede, empurrado pelo fiel amigo Benedito Ribeiro, levava-me de casa à escola e vice-versa.*

*Em 1949 minha família mudou-se para Feira de Santana a fim de permitir-me cursar o ginásio. Na época, minha recuperação era excelente. As sequelas da pólio me permitiam andar sem auxílio de terceiros. Em 1953 passei a residir em Salvador a fim de cursar o científico e pre-*

*parar-me para o vestibular de medicina. Fui aprovada em janeiro de 1956 na faculdade que a partir de então se integraria à minha vida: Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA).*

*Graduei-me em 1961. Éramos apenas cinco mulheres entre os 53 formandos. Inquietava-me a desproporção mulher/homem. Acrescento que, anos mais tarde, com a colaboração da dra. Cristina Fortuna, pesquisamos e publicamos trabalhos sobre mulher na ciência e mulher na medicina.*

*Desde o primeiro ano do curso médico andei me aproximando de laboratórios que faziam pesquisa. Ofereci-me como estagiária voluntária em Histologia. No ano seguinte, procurei o laboratório de Fisiologia, ambos no prédio do Terreiro de Jesus. No terceiro ano, já no Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES) passei a frequentar a Anatomia Patológica. Os professores Zilton Andrade e Sérgio Santana orientaram-me no que resultou ser minha primeira publicação em revista científica, em 1961, ano de minha formatura.*

*Todavia, o grande passo na pesquisa ocorreu quando professor Roberto Santos, captando minha paixão pela pesquisa, convidou-me a estagiar em seu laboratório no sexto andar do HUPES. Cursava o 5º ano do curso médico e passei a ser bolsista de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Trabalhei com a geneticista prof.<sup>a</sup> Cora Pedreira por alguns meses. O professor Roberto Santos falava-me sobre genética médica como uma área de fronteira em medicina. Alertou-me também sobre a importância da bioestatística para quem desejava fazer pesquisa. Entregou-me dois livros que recentemente trouxera da Europa: um sobre genética médica e outro sobre bioestatística, ambos em inglês. Passei a fazer curso intensivo desse idioma. Por indicação dele, ainda como estudante, fiz um curso de seis semanas sobre bioestatística na Escola de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). .*

*Também por intermédio do prof. Roberto, quando residente no HUPES, fui apresentada aos drs. Newton Morton da Universidade do Hawaii e Charles Cotterman da Universidade de Wisconsin, EUA. Eles estavam em visita a algumas universidades brasileiras entrevistando jovens interessados em genética a fim de selecioná-los para um amplo projeto de pesquisa a ser desenvolvido no Brasil e nos EUA. Fui um dos três jovens selecionados.*

*Em julho de 1962 deixei a residência médica do HUPES e passei a integrar o grupo de pesquisa do prof. Newton Morton. O contrato incluía um ano de trabalho em São Paulo coletando dados da pesquisa e análise dos mesmos no ano seguinte na Universidade do Hawaii, em Honolulu, EUA. Cheguei a Honolulu em julho de 1963 após fazer um curso de quatro semanas em genética médica no Jackson Laboratory, Bar Harbor, Maine, EUA, e participar do II Congresso Internacional sobre Malformações Congênitas em Nova York.*

*Na Universidade do Hawaii, além de trabalhar na análise dos dados da pesquisa desenvolvida no Brasil, fiz, como ouvinte, vários créditos em cursos de pós-graduação em genética. O prof. Morton foi um dos pioneiros no uso de computador na pesquisa científica. Aprendi a linguagem Fortran e a manejar um computador IBM 1130 que ocupava toda a área de uma sala de aproximadamente 30 metros quadrados.*

*Em julho de 1964 fui aceita como fellow no serviço de genética médica da Universidade de Washington, em Seattle. Durante dois anos especializei-me em genética clínica e aprofundei a pesquisa em genética bioquímica. Retornei à Universidade do Hawaii em Julho de 1966. Completei os créditos exigidos para o doutoramento e escrevi uma tese com dados da pesquisa feita no Brasil. Obtive o Título de PhD em Genética em janeiro de 1969. Retornei ao Brasil e à Bahia por opção. Tinha visto de imigrante, proposta de cidadania americana e indicação para emprego. Achei que para o resto da vida preferiria ser 'cabeça de ratinho' e não 'rabo de leão'.*

*No Brasil tinha convite para Ribeirão Preto. Preferi a Bahia com o apoio do prof. Roberto Santos, reitor da UFBA à época. Queria criar um laboratório de genética médica no HUPES, que incluísse ensino na graduação, pesquisa em laboratório e um ambulatório especializado em genética clínica.*

*(RJ): Comente um pouco mais sobre a criação do laboratório de Genética no HUPES. Sei que este hospital universitário tem um lugar muito especial no seu coração. Por quê?*

*(EA) – A criação do laboratório de genética no HUPES foi a realização de meu maior sonho como pesquisadora. Com permissão do prof. Roberto Santos, então reitor, dei início à criação do Laboratório de Genética Médica nas salas do 6º andar do HUPES. Nessas salas funcionavam as dosagens de Na e de K, tendo como técnicas duas*

*estudantes de biologia, Eutália e Mônica. Elas se tornaram minhas primeiras orientandas em genética. Eutália [Maria Eutália Santana Grisi] foi minha primeira orientanda bolsista de Iniciação Científica e também de mestrado, esse na USP. Mais tarde, após tornar-se professora da Universidade Federal da Paraíba, Eutália fez doutoramento na Inglaterra. Mônica Silva casou-se e mudou-se para Niterói.*

*No Laboratório de Genética Médica (LGM) instalamos as técnicas de eletroforese em gel de amido e nos debruçamos no estudo de polimorfismos genéticos. Rapidamente apareceram estudantes interessados em estagiar no LGM. Não havia curso de mestrado em genética na UFBA e nem de doutorado em genética no Brasil. Meu diploma de ph.D. em genética, obtido nos EUA, aguardou alguns anos para ser reconhecido no Brasil. Felizmente, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul criou o primeiro curso de doutorado em genética e o primeiro processo a ser avaliado por esse curso foi a revalidação de meu título.*

*Tornei-me professora credenciada dos cursos de pós-graduação em genética na Universidade de São Paulo (USP), na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dessa forma, os estudantes do LGM obtiveram títulos de mestre e de doutor desenvolvendo a pesquisa comigo, cumprindo os créditos cursando as disciplinas exigidas nas respectivas universidades. Realização dupla: dos alunos e minha. Os primeiros alunos foram: Maria Eutália Santana Grisi, Mestrado na USP; Henrique Gil Nunesmaia, Mestrado e Doutorado na USP; Maria Mendes Conceição, Mestrado na UFPR; Maria Conception Novoa Santos, Mestrado na UFPR; Maria Rita Passos Bueno, Doutorado na USP; Ana Angélica Leal Barbosa, Mestrado na UFPR; Tânia Freitas Soares Azevedo, Mestrado na UFRGS. Ao ser criada a pós-graduação em Medicina na UFBA, muitos alunos fizeram a pós-graduação comigo dos quais os primeiros foram: José Carlos Bina, Auristela Freire Paes Alves, Maria das Graças Freitas Sousa, Ângela Maria Vita Muniz Dias Lima, Theomário Pinto da Costa. Nunca me afastei da atividade de orientação na pós-graduação, mesmo quando ocupava cargos superiores na administração da UFBA.*

*Com o passar dos anos, jovens estudantes que foram orientandos no LGM passaram a chefiá-lo nos períodos que me afastei para pós-doutoramento em Londres (1972-1973); ocupar cargos na UFBA (vice-reitoria 1985-1989; reitoria 1992-1993) e aposentar-me da UFBA em 1993. Dentre essas lideranças destaco: Maria Christina Bahiana*

*Olympio da Silva, José Tavares Carneiro Neto, Maria das Graças Freitas Souza, Ângela Maria Dias Lima, Maria Cristina Mascarenhas Fortuna e mais recentemente Maria Betânia Pereira Toralles.*

*O LGM contribui na formação científica de muitos jovens quer tenham seguido a especialidade da genética médica ou não. As reuniões científicas das segundas-feiras à tarde eram muito concorridas por estudantes de medicina e de outras áreas da saúde. Nessas reuniões discutiam-se os casos de pacientes atendidos no ambulatório de genética médica na semana anterior e apresentações de artigos científicos recentes. Eram momentos de grande aprendizagem para todos nós.*

*No LGM eram realizadas as pesquisas científicas experimentais, ministradas aulas de genética médica no curso de graduação em medicina e atendidos pacientes com problemas congênitos e hereditários no ambulatório de genética médica. Com a criação da pós-graduação em medicina, o LGM contribuiu oferecendo disciplinas de genética médica, metodologia da pesquisa e história da ciência. Durante alguns anos a chefia do LGM acumulei também a chefia da residência médica do HUPES e a coordenação da pós-graduação em Medicina.*

*Mantendo-se atento aos compromissos de cidadania, o LGM esteve profundamente envolvido com o movimento de democratização das universidades brasileiras ocorrido nas décadas de 70 e 80. Sempre havia tempo e espaço para reuniões organizadoras de consultas à comunidade para direção do HUPES, direção da Faculdade de Medicina, cargos de vice-reitor e de reitor. O professor Ronaldo Jacobina que ora me entrevistava foi um dos grandes líderes desse movimento, inicialmente como aluno, mais tarde como docente. Sua liderança ainda se manifesta com vigor nos dias atuais.*

*(RJ): Professora, por favor, nos diga a trajetória da cientista, inclusive no âmbito nacional e internacional.*

*(EA) – Gostei da pergunta. Permite-me reviver espaços geográficos com boas recordações. Graduei-me em Medicina na UFBA, Salvador, Bahia, em 1961; pesquisa no grupo Morton, em São Paulo, de 1962-1963; Universidade do Hawaii, Honolulu, EUA, de 1963-1964; Universidade de Washington, Seattle, EUA, de 1964-1966; novamente Universidade do Hawaii de 1966-1969; retorno à UFBA, Salvador, 1969-1972; Universidade de Londres, Inglaterra, de 1972-1973; UFBA de 1973-1993.*

*Em 1993, após aposentar-me da UFBA, passei a dedicar-me aos estudos de Bioética. Em genética, principalmente, a importância da bioética é inquestionável. Reconheci a necessidade de introduzir essa nova disciplina do meu âmbito de atuação. Nenhuma nova área de conhecimento havia crescido tão rapidamente nos países de ciência avançada, quanto a Bioética. Nessa época, tive oportunidade de conhecer o prof. Joaquim Clotet, vice-reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Ele já vinha desenvolvendo estudos de Bioética em sua universidade e aceitou, por nossa indicação, o convite do prof. José Tavares Neto, então coordenador do curso de pós-graduação em Medicina da UFBA, para aqui ministrar um curso de Bioética. Com esse curso, a disciplina de Bioética ficou definitivamente criada no citado curso de pós-graduação e, ininterruptamente vem sendo ministrada desde sua criação. Atualmente, a disciplina vem sendo coordenada pelo prof. Eduardo Neto e compõe a grade curricular nos cursos de Mestrado e de Doutorado dos programas de pós-graduação de Medicina e Saúde e de Ciências da Saúde.*

*Uma vez aposentada da UFBA, achei que mesmo mantendo com a Faculdade de Medicina um compromisso de voluntariamente ensinar bioética na pós-graduação, poderia levar conhecimentos de Bioética à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Elaborei um projeto de ensino e pesquisa em bioética e o apresentei ao Departamento de Biologia da UEFS, o qual, à época, tinha a dra. Eneida Cerqueira na direção. Fui contratada professora visitante da UEFS nos anos de 1998 e 1999. Nesse período implantamos o Núcleo de Bioética, desenvolvemos pesquisa com orientandos de graduação e de pós, fizemos o projeto e criamos o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos e nos preparamos para concurso ao cargo de professor titular de Bioética nessa universidade. Em 2000 nos tornamos professora titular de bioética da UEFS, por concurso público. Foi meu segundo concurso público para o cargo de professor titular: o primeiro foi na Faculdade de Medicina da UFBA em outubro de 1975 para a disciplina de Genética Médica, onde atuei até 1993. Confesso que o preparo de um segundo concurso ao cargo de professor titular usufruiu de muita experiência do primeiro.*

*Assim, tornei-me professora da UEFS onde trabalhei até março de 2006, quando completei 70 anos e a legislação em vigor aposentou-me sem me consultar se era esse o meu desejo.*



*Em 2013 decidi que já havia orientado razoável número de alunos e docentes em Genética e em Bioética (Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado), e que poderia dedicar-me com mais tempo a um outro tipo de atividade que sempre esteve em meus planos: Ciência e Religião. Assim, desde 2012 informei aos que conviviam em meu entorno que em 2013 encerraria minhas atividades de orientação de Mestrado e Doutorado, assim como de participação em bancas de concursos, comissões examinadoras, etc. Duas orientandas de doutoramento estavam completando suas teses sob minha orientação: Dayliz Quito Pereira e Dalva Ornelas França, ambas docentes da UEFS. Logo após a competente defesa de sua tese, a já dra. Dalva, a minha última orientanda, como eu vinha dizendo, fui surpreendida com a presença de meus primeiros orientandos lá do tempo da genética, com a presença de meu orientador maior, o prof. Roberto Santos, além de outros amigos bem próximos ao coração, inclusive meu filho José Paulo. Era a armação carinhosa de uma homenagem surpresa. Além do presente da presença dessas pessoas, a arquiteta da ideia, a dra. Dalva França, ofereceu-me um livro intitulado Memorial de Orientações – 1975-2013 no qual ela registra nomes, teses, dissertações e depoimentos valiosos em minha vida acadêmica. Hoje, percebo melhor a sensibilidade de minha orientanda organizando em um livro esse setor de minha vida. Ela foi aluna tão dedicada que inferiu que a sua orientadora jamais faria esse documentário tão bem organizado. Ela o fez por mim. Obrigada.*

*Atualmente, mesmo dedicada aos estudos de Ciência e Religião do qual espero falar ainda nessa entrevista, coordeno o Núcleo de Bioética da Faculdade de Medicina da Bahia. Esse núcleo foi criado na gestão do diretor prof. José Tavares Neto e vem sendo coordenado por mim desde sua criação. Apelidado carinhosamente de “NetBio”, o Núcleo de Bioética da FMB reúne a cada 15 dias professores e alunos para discussão de temas de vanguarda nessa área.*

*(RJ): Agora é hora do arquivo pessoal de Eliane Azevedo (incluindo aí, documentos do arquivo pessoal, honrarias, fotografias, livros, objetos colecionados, recordações, livros autografados por outrem, títulos, etc.).*

*(EA) – Eis meu lado fraco, não tenho arquivo pessoal. Nunca andei fazendo fotos. Tenho álbuns de eventos graças aos fotógrafos profissionais. Às vezes cometo o erro de esquecer-me de colocar coisas no Curriculum Vitae Lattes. Minhas publicações científicas foram*

*encadernadas e a mim oferecidas graças à deliberação e gentileza das doutoras Maria Betânia Pereira Toralles e Angelina Xavier Acosta quando dirigiam o LGM, há poucos anos. Honrarias estão citadas lá no Curriculum Vitae Lattes. Talvez faltem algumas.*

*Objetos colecionados, sim. Tenho dezenas de canetas esferográficas, lápis e lapiseiras. Todas sem valor comercial, mas de estima para mim. O prazer de selecionar uma para escrever seja o que for, faz parte do meu dia a dia.*

*Livros com autógrafos tenho um que ficou na alma, pois é assinado pela Madre Thereza de Calcutá. A vida nos uniu em um mesmo voo e conversamos. Ela escreveu no livro que eu estava lendo: 'Love the others as Jesus loves you. God bless you' e deixou sua assinatura.*

2- Produções bibliográficas para além da Medicina – artes, literatura, filosofia, humanismo, atividades administrativas, ações políticas e sociais, etc.

*(RJ) – Esta entrevista vai fazer parte de um livro que aborda o encontro da Medicina com a Ciência da Informação (Medinfor). Desse modo, Professora Eliane, comente um pouco sobre sua atuação e produção para além da medicina: em antropologia, bioética, filosofia, história das ciências e como memorialista da Fameb.*

*(EA) – Vou concentrar-me na atribuição de memorialista da Fameb. Como parte das comemorações dos 200 anos de nossa Faculdade, a congregação indicou-me memorialista referente ao período 1996-2007. Senti o peso da responsabilidade e o desafio de produzir algo na área de história. Confortava-me saber que a tradição na Faculdade de Medicina é que um professor da casa seja responsável por produzir sua memória. Assim, por força da tradição, podia justificar por que eu e não um historiador(a) com formação na área.*

*Elaborei o projeto do livro Memória Histórica. Comecei pela leitura de documentos no rico arquivo de nossa escola. Na garimpagem desses documentos, a dra. Cristina Maria Mascarenhas Fortuna, profunda conhecedora dos arquivos da Fameb, foi minha grande colaboradora. As atas da congregação do período 1996-2007 foram todas lidas por mim graças a colaboração da Sra. Vilma Lima Nonato de Oliveira, funcionária do arquivo da Fameb. Entrevistei ex-diretores e ocupantes de*

*cargos deliberativos. Li as memórias anteriores. Recebi colaborações de um historiador de verdade, prof. dr. Antônio Carlos Nogueira Britto.*

*Arrumei os dados em dez capítulos. Notei que as memórias anteriores não punham enfoque nos alunos e também não dava destaque às mulheres que haviam ocupado posições no corpo docente da faculdade. Assim introduzimos um capítulo sobre alunos, levantando dados desde o período inicial 1808-1815, antes da reforma de 1815, até o ano de 2007. Busca semelhante alimentou o capítulo sobre “Mulheres na História da Fameb – 200 anos”.*

*Não esquecemos o prédio do Terreiro de Jesus merecedor de capítulo especial. Concluímos com um capítulo intitulado “Desafios e Esperanças”.*

*Confesso ter vivido extraordinária experiência elaborando a referida memória. Se a Fameb já fazia parte de minha vida por ter sido minha formadora em medicina e meu espaço de atuação docente, passei a dever-lhe mais ainda, ao aprofundar-me em sua história. Nenhuma instituição de ensino superior no Brasil tem história tão rica. A Fameb foi a primeira: completava 200 anos. Aos poucos fatos históricos e reflexões confluíam e jogavam luzes em minhas conclusões.*

*Finalmente, decidi que esse volume de memória merecia uma ilustração especial. Encomendei ao artista plástico Henrique Passos um quadro reproduzindo a beleza de um dos corredores da Fameb. Exorbitei, solicitando-lhe que pintasse a figura de Esculápio andando despreocupadamente nesse corredor. A capa da memória reproduz a pintura encomendada. O quadro original convive comigo e a cada dia faz-me lembrar o quanto a Fameb e minha vida se entrelaçam.*

*(RJ): Sabemos que um verdadeiro Mestre não se aposenta, conte-nos um pouco sobre esta experiência no Instituto Feminino e essa discussão aberta entre Ciência e Religião, que a professora é um exemplo eloquente desse encontro.*

*(EA) – O mundo espiritual sempre me atraiu. Durante anos pensei em fazer algo, mas terminava ficando limitada a leituras. Em 1981 o Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela convidou-me para compor a Comissão Arquidiocesana de Justiça e Paz. Nessa época, havia no mundo uma rede de Comissões de Justiça e Paz ligada à do Vaticano. No Brasil, havia a Comissão Brasileira de Justiça e Paz com sede no Rio de Janeiro. Os membros locais elegeram-se coordenadora 1981-1983*

*e novamente 1983-1985. Tive grande aprendizado sobre a realidade social brasileira através da atuação nessa Comissão.*

*Nos anos 2004-2008, já com estudos voltados para Bioética, fui membro da Comissão de Assessoria da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para questões de Bioética.*

*Todavia, somente em 2002 cheguei a produzir algo na área escrevendo por solicitação do prof. Eduardo Cruz da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), o prefácio para a edição brasileira do livro Construindo Pontes entre a Ciência e a Religião. O original havia sido publicado em inglês, nos EUA, tendo Ted Peters e Gaymont Bennett como autores. Foi meu primeiro trabalho sobre ciência e religião publicado em livro. Excluindo artigos de divulgação, escrevi, recentemente, artigo intitulado 'Breve considerações na convergência ciência e religião', publicada no Caderno CRH, Salvador, edição de set/dez de 2013.*

*Em maio de 2013 procurei o bispo Dom Murilo Krieger e revelei-lhe minha vontade de criar um espaço no qual se discutisse ciência e religião. Com seu apoio criamos o Núcleo Ciência Cultura e Fé (NCCF) com sede no Instituto Feminino da Bahia. O NCCF é coordenado por um grupo de cinco pessoas: Célia Braga, socióloga; Consuelo Medauar, advogada; José Luiz Mattos, médico; Sonia Bastos, advogada; e minha pessoa. Temos conferências mensais e ocasionalmente conferências extras. São conferencistas convidados pela organização e conscientes dos fundamentais objetivos do NCCF. Isso é um espaço onde se discute ciência, cultura e fé em relação a qualquer religião. Somos abertos a ouvir outras crenças, ateus e agnósticos. Buscamos o que nos une e não o que nos separa. As palestras são realizadas no salão nobre do Instituto Feminino da Bahia, com entrada franca, estacionamento interno e gratuito, e aberta a quem se interessar por esse tipo de discussão. Para o ano de 2014 já temos a programação mensal de conferências confirmadas até dezembro.*

*(RJ): Por fim, neste momento da entrevista, fica aberto para qualquer observação que a querida Mestra, Doutora, Titular, Emérita, mas, sobretudo, Pessoa, que é a dimensão moral do ser humano, como portador de valores, enfim, que Eliane Elisa encerre com suas palavras o que não tivemos a lucidez de indagar, mas merece registro.*

*(EA) – Há alguns anos, escrevi e guardei um pequeno relato de minha infância em Tanquinho. Dei-lhe o título de: 'Minha terra e seu monte'.*

*Atendo, assim, seu pedido, professor Jacobina, reproduzindo aqui o que há anos estava no papel e no coração: Nasci em Tanquinho, interior do Estado da Bahia. A cidade fica ao pé de monumental obra da natureza: o monte de Tanquinho. Sua gigantesca altura, seu perfil contra o céu, seus recortes, protuberâncias e buracos alimentaram minha imaginação na infância. Tão grande, tão imponente, silencioso, imóvel [...] cheio de mistério... Gostava de pensar nele. Histórias existiam a seu respeito: luzes inexplicáveis, fantasmas, moedas de ouro [...] Tudo fascinava. O desejo de ir ao seu topo era muito grande, não obstante os adultos considerarem um desejo impossível. Impossível para mim, na idade de seis a oito anos reaprendendo a andar com as sequelas da pólio. Sonhava, então, com pássaros gigantes ou anjos vindos do céu que me levariam até lá. Um dia revelei meu desejo a Nêgo Pipa. Um Senhor negro que há anos trabalhava em nossa casa. Chamava-se Crispiniano da Silva, mas, para mim era Nêgo Pipa. Seu sorriso foi tão grande quanto minha alegria ao ouvi-lo dizer: 'Eu levo minha branca lá. Carregada no ombro'. Trato feito. Meus pais, que haviam criado Nêgo Pipa, conheciam a magnitude de sua alma e concordaram com o ousado plano. Marcamos o dia. O dia chegou. Nêgo Pipa carregou-me nos braços e somente fui posta no chão quando tinha o mundo abaixo dos pés e o infinito à frente dos olhos. Lá estava eu e Nêgo Pipa no topo do monte. O deslumbramento arrebatou-me. Fascinou-me o encontro do céu com a terra [...] lá no fim do mundo [...] Conservo esta imagem comigo e também ainda vivo a paixão por deixar os olhos soltarem-se horizonte a fora [...] Percebi o cansaço de Nêgo Pipa [...] sua respiração... seu silêncio. Todavia, sua alegria era maior. Mesmo cansado, ele sorria [...] e eu gritava de alegria [...] ouvindo minha voz perder-se no vento que soprava lá nas alturas. Não voltei a pedi outra subida ao monte. Seria maltratar Nêgo Pipa. Contar a todos aquela aventura fazia-me sentir uma gigante no topo do mundo. Ainda assim o sinto. Poucas crianças em Tanquinho iam ao monte. A subida ao seu topo era feita por adultos durante a Páscoa, em romarias. Ficou comigo a lembrança da pessoa de Nêgo Pipa como a de um anjo que me levou pertinho do céu. Nossa amizade manteve-se firme até o dia que ele foi de verdade para o céu. Neste dia registrei minha gratidão em artigo que escrevi sobre ele e publiquei no jornal A Tarde com o título 'Nêgo Pipa morreu'. Era o dia 6 de agosto de 1992, dia nacional de vacinação para pólio.*

Como foi destacado no preâmbulo desta entrevista, a prof.<sup>a</sup> Eliane Elisa de Sousa e Azevêdo recebeu muitas homenagens e receberá no Medinfor III, no auditório do Instituto Feminino da Bahia, não poderia ter sido num local mais adequado e simbólico. E outras homenagens e honrarias, por certo virão, porque Eliane Azevedo tem um papel destacado na história da Fameb, da UFBA e do protagonismo feminino no país. Estamos cientes que ela está recebendo essas justas homenagens com júbilo, pois, como nos ensina o livro sagrado: “verifiquei que nada há de melhor para o homem que alegrar-se com o fruto de seus trabalhos.” (Ec 3. 22)

## **REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, E. E. de S. Vida, obra e pensamento. Entrevista concedida a Ronaldo Ribeiro Jacobina em 2 abr. 2016.

ECLESIASTES. Português. In. Bíblia Sagrada. Nova versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.



## O REITOR EDGARD SANTOS E A PROJEÇÃO INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

---

*Roberto Figueira Santos*

Edgard Rego Santos, fundador da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e seu primeiro reitor, nasceu na cidade do Salvador, estado da Bahia, Brasil, no dia 8 de janeiro de 1894. Seu pai, João Pedro dos Santos, bacharel em direito, foi secretário do governo estadual durante o mandato de vários governadores da Bahia, na primeira metade do século XX. Foi, também, deputado federal representando o mesmo estado em diferentes legislaturas entre 1906 e 1920, e conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, cargo no qual se aposentou.

Edgard realizou seus estudos aos níveis primário e secundário em colégios da sua cidade natal. Formou-se em Medicina no ano de 1917, pela faculdade que hoje integra a UFBA. Essa mesma faculdade deu continuidade à Escola de Cirurgia do Real Hospital Militar de Salvador, fundada em 1808, mediante autorização do Príncipe Regente D. João de Bragança, de Portugal, a primeira das instituições de nível superior no Brasil.

Em novembro de 1807, quando as forças de Napoleão Bonaparte ameaçavam invadir Portugal, a família real lusitana, acompanhada



de grande número de membros da nobreza e outros funcionários da Corte, resolveu deslocar-se para o Brasil, tomando o rumo do Rio de Janeiro, que era, desde 1763, a sede do governo central da colônia. A grande esquadra usada para esse fim encontrou violenta tempestade em seu trajeto. Daí resultou o desvio de rumo de alguns dos navios que se separaram da esquadra e tomaram o caminho da cidade do Salvador. Entre esses, estava o navio em que viajava o Príncipe Regente D. João, enquanto a maior parte da Corte embarcada continuou o seu percurso original, em direção ao Rio de Janeiro, para onde foi a rainha D. Maria I. Já havia algum tempo que a Rainha era vítima de doença mental, o que explica a regência pelo Príncipe Dom João.

O Príncipe Regente Dom João permaneceu em Salvador durante cerca de três semanas, antes de seguir para o Rio de Janeiro, onde já se encontrava o restante da Corte portuguesa. Enquanto estava em Salvador, Dom João tomou várias providências de governo de extrema importância, entre as quais a abertura dos portos da colônia às nações amigas e a criação da Escola de Cirurgia do Hospital Militar de Salvador, depois transformada em Faculdade de Medicina da UFBA.

Logo após a sua diplomação na Bahia, Edgard Santos se deslocou para a cidade de São Paulo, então já em vigorosa expansão econômica. Ali passou a trabalhar ao lado do seu tio materno, o doutor Antonio Luiz do Rego, também diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia no final da década de 1880. Pouco tempo depois de formado, o dr. Rego se havia deslocado para São Paulo, onde vinha exercendo a clínica cirúrgica com grande sucesso profissional.

Após trabalhar em São Paulo como discípulo e assistente do seu tio Rego durante quatro anos, Edgard voltou para Salvador. Aqui, casou-se com Carmen Kelsch Figueira – depois Carmen Figueira Santos. Pouco tempo após, o casal fez longa viagem a países da Europa, onde Edgard frequentou os serviços de Cirurgia de Hospitais de Paris e de Berlin.

De volta a Salvador, Edgard abriu consultório médico para atender pacientes particulares, começou a lecionar na Faculdade de Medicina da Bahia e decidiu preparar-se para concurso a uma das cátedras de cirurgia da mesma Faculdade, no qual mereceu a primeira colocação. Passados alguns anos, foi nomeado diretor do único serviço de emer-

gências médico-cirúrgicas então existente em Salvador, mantido pelo governo estadual da Bahia, quando a cidade contava, apenas, menos de 300.000 habitantes. Até então, esse serviço de “assistência pública”, como era popularmente conhecido, estivera instalado de forma precária, o que levou Edgard a liderar um movimento para a construção do novo Hospital de Pronto Socorro. Pouco antes da inauguração desse Hospital, por motivos políticos locais, Edgard afastou-se desse cargo, deixando a nova unidade hospitalar construída e já esplendidamente equipada.

Em 1936, graças à condição de professor catedrático da Faculdade de Medicina, Edgard foi eleito por seus pares para a diretoria da mesma Faculdade, posição em cujo exercício se manteve, mediante sucessivas reeleições, até quando liderou a criação da Universidade da Bahia, mais tarde designada Universidade Federal da Bahia. Eleito pelo Conselho Universitário recém-constituído, em 1946 assumiu o seu primeiro mandato como reitor, cargo no qual permaneceu durante 15 anos (até 1961), com a exceção do intervalo entre maio e agosto de 1954, quando exerceu o cargo de Ministro da Educação e Cultura, a convite do Presidente da República, Getúlio Vargas.

As duas mais antigas universidades brasileiras entraram em funcionamento, em 1934 e foram situadas, respectivamente, em São Paulo e no Distrito Federal, que então ocupava parte do território do estado do Rio de Janeiro. Resultaram essas novas instituições da aglutinação de Faculdades isoladas que existiam anteriormente nas mesmas cidades. A Universidade da Bahia foi criada conforme essa mesma tradição. Criada em 1946, sob a liderança do professor Edgard Santos, formou-se pela aglutinação das Faculdades: de Medicina; de Direito; de Filosofia, Ciências e Letras; de Ciências Econômicas e Contábeis; de Belas Artes; e da Escola Politécnica, todas anteriormente existentes e completas em si mesmas, no sentido de que abrangiam as cátedras referentes aos setores básicos do conhecimento (Filosofia, Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras), assim como as cátedras encarregadas do ensino e da pesquisa nas disciplinas destinadas às práticas profissionais.

Ao assumir a reitoria, reconhecendo a vocação artística da população baiana, Edgard logo se dedicou a estimular a renovação do ambiente cultural da Bahia, particularmente no domínio das artes. Começou por promover a inovação no campo da música. Pretendendo evitar o caráter formal dos programas que, no Brasil, eram e são exigidos para a outorga de diplomas de nível superior, Edgard convidou músicos de renome internacional que para aqui vieram a fim de organizar cursos internacionais de férias, logo seguidos dos Seminários Livres de Música que atraíram grande número de professores e de alunos da Bahia e de fora do nosso Estado. À frente desses seminários, esteve o professor Joachim Kollreuter, de nacionalidade alemã. Com ele vieram, em anos sucessivos, vários outros músicos, a exemplo de Sebastian e Lolla Benda, Pierre Close, Winifried Wolfe, Gabrielle Dumaine, Kurt Thomas, Ernst Widmer, Hilde Sinnek, Karl Ulrich Schnabel, Lili Kraus, Artur Hartman, Piero Bastianelli, Horst Schwebel, Walter Smetak e outros que, no devido tempo, asseguraram a implantação e o funcionamento continuado da Escola de Música da UFBA. Nessa Escola, se formaram instrumentistas de excelente qualidade, organizou-se uma orquestra de bom nível, que permitiu os exercícios práticos para a formação de futuros regentes. Também na Escola foram constituídos o Coral dos Seminários Livres de Música, o Madrigal e o Collegium Musicum, este último concentrado na interpretação de músicas da era medieval. Com grande sucesso, foram preparados jovens compositores de música erudita contemporânea. O ambiente cultural baiano foi enriquecido pelo grande número de eventos musicais de elevada qualidade. Nesse ambiente, foi possível a conjugação da música erudita com a música popular para a qual alguns baianos já haviam demonstrado considerável talento. A baiana Rosita Salgado Góes teve papel importante desde os primeiros tempos da modernização das artes da música e da dança entre nós. O pianista baiano Manoel Veiga foi aperfeiçoar-se em Nova York, na Julliard School of Music, e regressou à Bahia casado com a (também) pianista Ryoko, de nacionalidade japonesa. De volta à sua terra natal, Veiga passou a dedicar-se a estudos de antropologia musical.

Mas, não foi apenas em relação à música que o reitorado de Edgard Santos promoveu a renovação do panorama artístico baiano. Em relação ao teatro, Edgard convidou o professor Eros Martim Gonçalves, médico psiquiatra que havia dedicado a maior parte da sua vida ao aprendizado e ao ensino das artes teatrais. Além de instalar cursos para talentosos jovens baianos, Martim Gonçalves montou espetáculos de excelente nível aos quais associou a participação de artistas de renome nacional com alunos da nova Escola de Teatro, o que para esses últimos, representou excepcional experiência de aprendizado. Por várias formas, Martim Gonçalves orientou a preparação de escritores de peças teatrais, coreógrafos, diretores de cenas, iluminadores e outros conhecedores das várias componentes das artes teatrais.

A dança moderna teve como precursora, na Universidade da Bahia, a professora Yanka Rudska. Também os cursos de dança contemporânea atraíram jovens baianos que, tendo manifestado a sua vocação, se destacaram pelo talento e tiveram oportunidades continuadas de aperfeiçoamento graças à atuação do professor Rolf Gelewski.

Entre as consequências da transformação do ambiente cultural baiano se incluiu a notável ampliação do público frequentador de espetáculos artísticos em meio aos habitantes de Salvador e vizinhança, associada à frequente visita de artistas e de espectadores oriundos de outros Estados, atraídos pelo elevado padrão dos espetáculos locais. Tudo isso foi proporcionado pela visão do reitor Edgard Santos, que assim gerou verdadeira inovação quanto ao papel desempenhado pelas Universidades do nosso país.

Não se limitou, contudo, ao ambiente das artes a inovadora atuação do reitor Edgard Santos. Já desde a sua gestão na diretoria da Faculdade de Medicina, e, em sequência, ao exercer a reitoria da Universidade, Edgard dedicou boa parte do seu tempo à concepção do projeto arquitetônico, à escolha do moderníssimo equipamento da melhor qualidade e à elaboração das normas de funcionamento do Hospital Universitário que revolucionou os serviços de saúde no norte/nordeste do Brasil.

Reproduzindo à praxe frequente em países europeus, as Faculdades de Medicina brasileiras, durante muitas décadas ofereceram o ensino

das disciplinas clínicas e realizaram pesquisas em hospitais filantrópicos. No Brasil, devido à nossa tradição portuguesa, os Hospitais das Santas Casas da Misericórdia foram frequentemente associados às Faculdades de Medicina para a prática dos alunos nas disciplinas clínicas. Foi, assim, também, na Bahia onde, até à inauguração do Hospital das Clínicas, hoje designado Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES), o ensino das disciplinas clínicas era realizado no Hospital Santa Isabel, gerido pela Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

Contudo, ao longo da primeira metade do século XX, vários professores da nossa e de outras Faculdades brasileiras sonharam com a conveniência da implantação de Hospitais de referência geridos pelo corpo docente da própria instituição universitária. Na Faculdade da Bahia, vários professores manifestaram essa aspiração, até que Edgard Santos, ao assumir a diretoria da Faculdade e, depois, a reitoria da Universidade, mobilizou o seu talento como empreendedor e a sua extraordinária capacidade de trabalho para, junto ao governo federal (Congresso Nacional e Ministério da Educação e Cultura), obter os recursos financeiros essenciais à concretização dessa justa reivindicação. A pedra fundamental para a construção do futuro Hospital foi colocada no mês de outubro de 1937, quando Edgard era diretor da Faculdade de Medicina. Depois de mais de dez anos de dedicação de Edgard ao audacioso projeto, foi a da Bahia a primeira das Faculdades mantidas pelo governo federal a alcançar essa vitória, uma vez que, antes dela, somente a Faculdade de São Paulo, mantida pelo vultoso orçamento daquele estado, havia alcançado idêntico objetivo. O Hospital designado, atualmente, devido a uma lei federal, com o nome de Hospital Universitário Professor Edgard Santos, foi inaugurado em novembro de 1948, com a presença do Presidente da República Eurico Gaspar Dutra e do Ministro da Educação e Saúde, Doutor Clemente Mariani.

Na transição do Hospital Santa Isabel para o Hospital da Universidade, durante um curto período de tempo, muitos estudantes frequentaram, simultaneamente, os serviços do Hospital da Santa Casa e os do novo Hospital da Universidade. O Hospital da Santa Casa foi, subsequentemente, muito melhorado sob os mais variados aspectos. Naquela época, entretanto, decorridos mais de 60 anos, eram flagran-

tes as diferenças na qualidade da assistência aos pacientes entre uma e outra das duas entidades. Dessas várias diferenças, a mais evidente estava na qualidade dos serviços de Enfermagem, uma das mais constantes preocupações do reitor Edgard Santos. Como professor de Clínica Cirúrgica, já ele vinha se dedicando à valorização da Enfermagem em nosso meio, o que o levou a criar a Escola de Enfermagem de nível superior, na nossa Universidade. O novo Hospital Universitário baiano atendia aos padrões mais modernos e de mais alta qualidade na comparação com unidades congêneres no Brasil e em outros países.

Durante a sua atuação como reitor, Edgard instalou mais uma inovação na vida universitária baiana e brasileira, ao criar o serviço de assistência à saúde para os membros do corpo docente, para os funcionários administrativos e, sobretudo, para os estudantes da UFBA. O restaurante a custos subvencionados para o corpo discente foi, também, implantado durante o seu reitorado. Criou residências gratuitas para universitários, tanto do sexo masculino como do sexo feminino. Tudo isso assegurou condições de permanência nos estudos de grande número de brasileiros oriundos de famílias de baixa renda que puderam, assim, preparar-se para melhor servir ao país.

Edgard dedicou especial atenção à internacionalização da cultura na nossa Universidade. Assim, estimulou, particularmente, o ensino das línguas e das literaturas francesa, inglesa e espanhola, promoveu intenso intercâmbio com instituições culturais de Portugal e criou o Centro de Estudos Afro-orientais (CEAO), no que foi apoiado pelo intelectual português Agostinho da Silva.

O momento mais propício para a visita dos intelectuais portugueses a Salvador ocorreu durante a realização, pela Universidade Federal da Bahia, no reitorado de Edgard Santos, do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em 1959. Encontraram-se os intelectuais portugueses, no Brasil e especialmente na Bahia, na década de 1950 do século XX: Hernani Cidade, Álvaro da Costa Pimpão, Vitorino Nemésio, Orlando Ribeiro, Manuel Rodrigues Lapa, Eduardo Lourenço, George Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Vitor Ramos de Almeida, Joaquim Barradas de Carvalho, entre outros.

O IV Colóquio Luso-Brasileiro teve grande sucesso e importante repercussão, graças à apresentação de valiosos trabalhos de investigação nos campos da literatura, da história, de geografia e de outros ramos das artes e das ciências. Cumpre registrar a reciprocidade das instituições culturais portuguesas, diante do carinho com que a UFBA foi mobilizada para acolher os intelectuais portugueses. Em belíssimas cerimônias, a Universidade de Coimbra e a Universidade de Lisboa atribuíram ao reitor Edgard Santos o título de doutor “Honoris Causa”. Por sua vez, a Academia de Ciências de Lisboa o recebeu como sócio correspondente.

Ainda durante o reitorado de Edgard Santos, foram criados vários cursos destinados a preparar profissionais de nível superior, que estavam sendo exigidos pelo desenvolvimento econômico e cultural da nação brasileira. Além dos já citados cursos nas áreas das artes tais como o de Música, Teatro e Dança), e o de Enfermagem em nível superior, merecem ser também mencionados os de: administração pública e de empresas privadas, o de Geociências, o de Nutrição, os de Biblioteconomia e Arquivologia, o de Jornalismo. Ao final dos seus sucessivos mandatos como reitor, Edgard criou, ainda, os Institutos de Matemática e Física, assim como o de Química, dando início à maior ênfase no ensino e na pesquisa dos setores básicos do conhecimento, tendência inovadora que veio a ampliar-se consideravelmente nos anos subsequentes.

Reeleito pelo Conselho Universitário no primeiro escrutínio para a elaboração da lista tríplice encaminhada à Presidência da República para a nomeação do próximo reitor, em 1961, Edgard deixou de ser nomeado para o que seria o seu sexto mandato. Alguns meses depois, o Presidente da República nomeou Edgard para o recém-criado Conselho Federal de Educação. Na sessão inaugural do novo Conselho, os demais Conselheiros o escolheram para a Presidência do órgão. Ocupava ele essa nova função, quando veio a falecer, súbita e inesperadamente, em 3 de junho de 1962, aos 68 anos de idade.

Logo após o falecimento, o corpo de Edgard foi enterrado no Cemitério do Campo Santo, na Cidade do Salvador. Mais tarde, os seus restos mortais foram transferidos para a Capela de Santa Tereza, onde

repousa ao lado da sua esposa, Carmen Figueira Santos. Essa Capela integra o antigo Convento dos Carmelitas Descalços, construído entre os séculos XVII e XVIII. O Convento e a Capela foram restaurados e adaptados, na década de 1950, pelo reitor Edgard Santos, a fim de abrigarem o Museu de Arte Sacra da UFBA. É esse Museu, com a sua Capela, um dos mais belos monumentos de inspiração portuguesa, existente na cidade do Salvador.

## REFERÊNCIAS

- SANTOS, R. F. *A universidade e os novos propósitos da sociedade brasileira*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1973.
- SANTOS, R. F. *Ensino médico e assistência à saúde*. Salvador: UFBA: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1974.
- SANTOS, R. F. *Reflexões sobre temas da atualidade*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- SANTOS, R. F. *Na Bahia das últimas décadas do século XX: um depoimento crítico*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SANTOS, R. F. *Vidas paralelas: 1894-1962*. 2. ed .rev. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SANTOS, R. F. *Desigualdades sociais, educação e ação política: além de outros textos*. Salvador: EDUFBA, 2012.





## ROBERTO FIGUEIRA SANTOS

### médico e educador

---

*Edivaldo Machado Boaventura*

Nascido em uma família de tradição médica, filho do professor Edgar Santos, catedrático, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia e fundador da Universidade Federal da Bahia, Roberto Figueira Santos diplomou-se em medicina e seguiu logo depois para os mais acreditados centros de formação em saúde, nos Estados Unidos da América, preparando-se para o exercício da docência e da investigação científica.

De professor de clínica médica, passou a reitor e reformador da Universidade Federal da Bahia, prosseguindo membro titular e depois presidente do Conselho Federal de Educação. A manifestação da sua liderança o conduziu ao governo do Estado da Bahia, à presidência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao Ministério da Saúde e a representante da Bahia na Câmara dos Deputados. Em todos esses postos políticos e administrativos, manifestou-se sempre um renovador eficiente não somente da saúde e educação como de toda a estrutura social. Tanto a sua marcante obra de homem público como a significativa obra escrita demonstram os resultados do reformador social. (SANTOS, 1997)

Depois de ocupar altos cargos da República, o professor Roberto Figueira Santos vive uma intensa fase associativa pela participação nas entidades acadêmicas e científicas da Bahia, com destaque para a fundação e implantação da Academia de Ciências da Bahia, criada e impulsionada por sua iniciativa.

## FORMAÇÃO E EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

É deveras interessante a sua excelente formação científica. Diplomado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1949, seguiu logo depois para centros de avançada pesquisa médica, nas Universidades de Cornell, Michigan e Harvard. Regressando à Bahia, trouxe importantes descobertas ligadas ao exercício da profissão, à formação de médicos e à realização de investigações científicas, que lhe permitiram a obtenção do doutorado em Ciências Médico-Cirúrgicas, Livre Docência em Clínica Propedêutica Médica e Cátedra de Clínica Médica. Com essas qualificações, concentrou-se na renovação do ensino médico, uma das primeiras missões como professor catedrático. (SANTOS, 1974)

Na socialização dos seus saberes, procura sensibilizar os futuros médicos para as práticas sociais da medicina em famílias localizadas em bairros de populações de baixa renda. Até então, ressalve-se, o exercício da medicina efetivava-se no consultório e no hospital. Concretizando aquela ideia, o Hospital das Clínicas da UFBA, que depois se chamaria com justiça Hospital Professor Edgard Santos, adota um posto de saúde em um dos bairros mais carentes de Salvador, o popular Nordeste de Amaralina. É justamente naquele nosocômio que o jovem médico monta a sua tenda de trabalho e exercita os seus experimentos, integrando cátedras isoladas, promovendo o primeiro programa de residência médica da Bahia. É a fase solar do Hospital, destacando-se nacional e conjuntamente, com o Hospital das Clínicas de São Paulo e o Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. O professor propõe e coordena a I Conferência sobre Ensino da Clínica

Médica. A experiência baiana despertou a atenção e terminou por ser convidado como professor visitante da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para montar um programa de Medicina Social para estudantes tendo por base a favela de Ramos.

Por essa época, integra a Comissão de Especialistas em Ensino Médico, instituída por Durmeval Trigueiros, diretor do Ensino Superior do Ministério da Educação, para o aprimoramento desse segmento da educação superior, sendo o seu primeiro coordenador. O movimento de renovação do ensino médico cresce fazendo surgir, em 1964, a Associação Brasileira de Escolas de Medicina (ABEM), a qual depois presidiu. Naquele ano, tem reconhecido o seu desempenho docente e o trabalho pela renovação do ensino médico com a nomeação para compor o Conselho Federal da Educação (CFE), hoje, Conselho Nacional de Educação (CNE). A sua participação na renovação do ensino médico é o tema do discurso de posse na Academia de Medicina da Bahia (SANTOS, 2005, p. 185).

No Conselho, a sua inclinação para a educação se manifesta plenamente. A discussão, os pareceres emitidos e a convivência com expoentes da educação brasileira o ajudarão na missão imediata: reitor e reformador da Universidade Federal da Bahia.

## **REESTRUTURAÇÃO E REFORMA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

No CFE, convive e dialoga com educadores do porte de um Anísio Teixeira, Newton Sucupira, Walnyr Chagas, Darcy Ribeiro e Ester de Figueiredo Ferraz. Inicia Roberto Santos uma nova fase de sua vida direcionada para a educação intensificada com o reitorado da UFBA.

Desde o final dos anos 1950, os estudantes e a própria sociedade brasileira passaram a exigir novos padrões para a Universidade. Era gritante a duplicação de meios para fins idênticos, com a multiplicidade de cátedras do mesmo ramo de conhecimento em várias faculdades

na mesma Universidade. Por outro tanto, o desenvolvimento científico e tecnológico impunha a prática da pesquisa.

O Instituto, como unidade acadêmica mais apropriada para o exercício da investigação científica, surgiu com a inovadora Universidade de Brasília, em 1961, é implantado em outras corporações de educação superior. Ainda no reitorado Edgard Santos foi criado o Instituto de Física e Matemática, na UFBA. O Conselho era bem o lugar para discussão desses e de outros problemas e Roberto Santos com as qualidades de sua formação obtida em centros avançados estava apto para colaborar no estabelecimento de novas diretrizes que reestruturassem mais racionalmente as nossas universidades federais, surgidas, em vias de regra, da reunião de faculdades isoladas. São editados os primeiros decretos-leis: o de n.º 53, de 18 de novembro de 1966, complementado pelo n.º 252, de 28 de fevereiro de 1967.

Ainda em 1965, o Conselho, interpretando dispositivo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a primeira LDB –, instituiu a pós-graduação. No começo de 1967, o governador da Bahia, Luiz Viana Filho, o escolhe para Secretário da Saúde Pública. Dessa maneira, prepara-se Roberto Santos para exercer o cargo de reitor da UFBA. O movimento de reestruturação das universidades federais encontrará no novo reitor uma liderança firme e decidida. A UFBA renasceu da sua gestão realizadora plena de significados e de compromissos profissionais e, porque não dizer, inusitados.

O preparo para exercer o reitorado vinha de muito longe. Principalmente da casa paterna, pois crescera bem dentro da universidade que seu pai implantou com cultura, habilidade, decisão e não pouca incompreensão dos setores conservadores. Se Edgard Santos fora o reitor da fundação e implantação da nossa corporação de educação superior, Roberto Santos, desafiadoramente, seria como foi o reitor da modernização que culminaria com a reestruturação e reforma com ênfase na eliminação de duplicações e no conhecimento básico científico.

Com os recursos disponibilizados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), construiu e equipou os novos institutos no campus da Federação. Da nossa UFBA, ele é, portanto, não somente

testemunha privilegiada da sua implantação, mas também, líder da sua modernização, como reitor de 1967 a 1971. Realmente aqueles anos foram “tempos de muita animação” e também de muita agitação, em 1968! É por tudo isso que os depoimentos encerrados no volume *Reflexões sobre temas da atualidade* (SANTOS, 2005) têm valor incontestável. Assim, conta como surgiram a Faculdade de Medicina, Escola de Enfermagem, Administração, Biblioteconomia e Geociências, ligada a exploração do petróleo no Recôncavo.

Roberto Santos reestruturou a Universidade formada por ordem de faculdades profissionais, fechadas com cátedras duplicadas e a reorganizou com coordenação acadêmica, institutos básicos e programas de pós-graduação. Tudo isso realizou, muito democraticamente, discutindo com grupos de professores, especialmente, com aqueles que tinham experiências de ensino e de pesquisa no país e no exterior. Destaque-se a criação dos primeiros mestrados em Matemática, Química, Ciências Sociais e Educação. A nova estrutura acadêmica possibilitou segmentos próprios para a investigação científica, segundo o princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa, de Humboldt, princípio prussiano expresso quando da criação da Universidade de Berlim, em 1810, introduzido tão tardiamente quando da reestruturação das universidades federais brasileiras. Tudo realizou com concentrada liderança acadêmica, planejando com responsabilidade as atividades para o alcance dos objetivos. Assim, lia, relia, consertava e emendava os novos atos constitutivos da Universidade e de suas novas unidades, antes da apreciação pelos colegiados superiores. O discurso de posse na Academia Baiana de Educação documenta como aconteceu a reestruturação da UFBA. A mudança estrutural foi tão profunda que divide a história da UFBA em dois períodos marcantes: o primeiro, da fundação em 1946 até 1968, e o segundo desta data até nossos dias atuais.

Posso testemunhar porque acompanhei de perto o seu reitorado quando implantei, a seu pedido, a Assessoria de Planejamento, encarregando-me da departamentalização e da consequente distribuição do pessoal docente. E mais, na agitação de 1968, com as inúmeras passeatas, protestos e prisões de estudantes, coordenando a assistên-

cia estudantil e, por ordens expressas do reitor Roberto Santos, íamos aos hospitais dar apoio aos alunos e interceder por eles nas delegacias de segurança pública. Muito aprendi com a objetividade do seu conhecimento sobre educação superior e a funcionalidade do seu raciocínio médico. Como conhecedor abalizado da problemática da reforma universitária, por exemplo, ensinava com extrema paciência como redigir os novos atos administrativos. Outro exemplo que recordei foi a primeira matrícula centralizada, resultado do vestibular unificado, fomos com ele à frente com um grupo de assessores testar os cartões perfurados no enorme computador de então. Como educador soube aproveitar as lideranças emergentes e, assim, a reforma da UFBA foi um sucesso irreversível.

O êxito da liderança em reformar a Universidade, que caracteriza o seu reitorado de resultados, confirmou-o como uma expressão política. Do reitorado foi presidir o Conselho Federal de Educação. O seu reitorado de 1947-1961 efetivou a reestruturação e reforma da UFBA, como pode ser visto nos seus relatórios anuais e pronunciamentos enfiados em A universidade e os propósitos da sociedade brasileira. (SANTOS, 1973) Aliás, o reitor Roberto Santos também inovou quando sistematizou as informações relatadas anualmente à Assembleia Universitária.

No seu reitorado, a Universidade foi demandada por grandes contingentes de alunos. E uma de suas maiores realizações foram as novas bases científicas com os institutos, integrando as ciências que possibilitaram o avanço científico da Bahia. São as duas observações de Luiz Viana Filho no prefácio dessa obra.

## **O GOVERNO ESTADUAL E FEDERAL**

O seu trabalho dedicado e responsável deixou marcas que o colocaram como uma alternativa política para governar o estado da Bahia de 1975-1979. Dentre muitas realizações, empenhou-se no desenvolvimento da cafeicultura, na construção de hospitais, escolas, construção e instalação de escolas técnicas de segundo grau com ênfase na

prática e estradas, definição de áreas verdes e outras tantas realizações. (SANTOS, 2008) Conseguiu, graças ao seu prestígio pessoal, a desafiante autorização de funcionamento da Universidade Estadual de Feira de Santana em 1976, autorização que deu início à educação superior estadual.

Definiu-se partidariamente com Tancredo Neves. Alcançando a esfera federal, presidiu o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dirigiu o Ministério da Saúde, retomando problemas que são do seu conhecimento em âmbito nacional e internacional.

Com o mandato de deputado federal, no quadriênio 1995-1999, concentrou-se nos desafios da área da saúde e educação, da ciência e tecnologia e do desenvolvimento. Foi Um mandato parlamentar a serviço das causas sociais. (SANTOS, 1998) Ocupou-se largamente da ciência, tecnologia e desenvolvimento conforme a sua formação voltada para investigação científica. (SANTOS, 2012a)

## **A CRIAÇÃO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA**

No presente, encontra-se em plena fase associativa, participando da Academia de Letras da Bahia, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do qual é presidente de honra, e quando presidente da Academia Baiana de Educação empreendeu um programa de atualização de professores. Para muitas outras entidades, tem sido constantemente convidado para encontros com antigos alunos e colegas, mantendo a convivência com o carisma de sua marcante presença. Todas essas agremiações o acolhem com admiração e respeito.

A partir de 2010, abriu uma nova frente, congregou alunos, antigos companheiros de trabalho da Universidade, pesquisadores de outras instituições, criou e implantou a Academia de Ciências da Bahia (SANTOS, 2012b), visualizando o apoio ao ensino das ciências, a percepção científica, o debate de problemas como o da água, o incentivo à pesquisa e à inovação.



## REFERÊNCIAS

- SANTOS, R. F. *Na Bahia das últimas décadas do século XX: um depoimento crítico*. Salvador: Edufba, 2008.
- SANTOS, R. F. *Desigualdades sociais, educação e ação política além de outros textos*. Salvador: Edufba, 2012a.
- SANTOS, R. F. Em favor da criação da Academia de Ciências da Bahia. In: SANTOS R. F. (Ed.). *Academia de Ciências da Bahia: memória 2010-2011*. Salvador: Academia de Ciências da Bahia, 2012b. p. 21-28.
- SANTOS, R. F. *Ensino médico e assistência à saúde*. Salvador: UFBA, 1974.
- SANTOS, R. F. *Um mandato parlamentar a serviço das causas sociais*. Brasília: Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1998.
- SANTOS, R. F. *Reflexões sobre temas da atualidade*. Salvador: Edufba, 2005.
- SANTOS, R. F. *A universidade e os novos propósitos da sociedade brasileira*. Salvador: UFBA, 1973.
- SANTOS, R. F. *Vidas paralelas*. Salvador: Edufba, 1997.

## **JULIANO MOREIRA** **uma luminosidade baiana no céu** **intelectual do Brasil**

---

*Ronaldo Ribeiro Jacobina*

Juliano Moreira nasceu na Freguesia da Sé, no Centro Histórico de Salvador, Bahia, em 6 de janeiro de 1872. Filho de Galdina Joaquina do Amaral e Manuel do Carmo Moreira Junior. A mãe foi empregada doméstica na casa do prof. Adriano Gordilho, o Barão de Itapoã, lente da cadeira de Partos. O pai, funcionário público municipal, tinha o cargo de inspetor dos acendedores de lampiões. No batismo de Juliano Moreira, realizado em 16 de outubro de 1872, consta o nome do Barão de Itapuã como padrinho e Nossa Senhora como madrinha, como era costume na época. (ALBUQUERQUE, 1933; PASSOS, 1975; BATISTÉRIO..., 2007)

Ao terminar o ensino fundamental, Juliano foi matriculado no colégio particular D. Pedro II e fez seus estudos preparatórios no Liceu Provincial. (ALBUQUERQUE, 1933; PEIXOTO, 1933). Em 11 de março de 1886, com extraordinária precocidade, o adolescente de apenas 14 anos se matriculou na Faculdade de Medicina da Bahia (ALBUQUERQUE, 1933) e, no dossiê referente à sua vida acadêmica, organizado pelo Arquivo Histórico da Faculdade de Medicina

(conhecido por Memorial de Medicina), encontramos documentos de sua matrícula no 2º ano do curso médico. Ainda como acadêmico do 5º ano, em 1890, Juliano foi aprovado em concurso para interno da Clínica Dermatológica e Sifilográfica. Em 1891, Juliano se formou aos 19 anos e teve sua tese inaugural Etiologia da Syphilis Maligna Precoce aprovada, recebendo o título de doutor em Medicina. (MOREIRA, 1891) Esse trabalho de conclusão de curso que, com base em uma extensa pesquisa de revisão bibliográfica, estudando mais de uma centena de autores, fazendo citações em sete línguas, o latim e mais seis línguas vivas (português, espanhol, francês, italiano, inglês e alemão), o autor refutava a tese pretensamente científica e na verdade eivada de preconceitos, segundo a qual a sífilis era mais maligna e mais precoce em afrodescendentes. (JACOBINA, 2011)

Recebeu destaque do prof. Alexandre Cerqueira, catedrático da cadeira de “Moléstias de Pele e Sifilíticas”, no relatório que enviou ao memorialista de 1891 (FONSECA, 1893) e, segundo Peixoto (1933), mereceu referências elogiosas de estudiosos nacionais e estrangeiros, como as do sifilógrafo Buret (*Journal des Maladies Cutanées et Siphylitiques*), e do prof. Raymond (*Annales de Dermatologie et Syphiligraphie*), passando a ser citada em quase todas as monografias produzidas sobre o tema naquela época.

Ainda como dermatologista, o jovem médico apresentou a primeira descrição no Brasil de casos clínicos de leishmaniose tegumentar americana, em 1894 (MOREIRA, 1895a), na revista *Gazeta Médica da Bahia* (GMB), prestigiosa publicação científica, que mais tarde ele seria, além de contumaz colaborador, o redator chefe, substituindo seu mestre tropicalista Silva Lima. (JACOBINA; GELMAN, 2008) Essa experiência ele levaria para o Rio de Janeiro, onde criaria e seria redator chefe de inúmeras revistas na área de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal.

Outras ações pioneiras na dermatologia de Moreira, quando estava na Bahia foram: primeira descrição entre nós de casos da *hydroa vacciniforme*, uma dermatose rara; os primeiros exames microscópicos em nosso estado de casos de micetoma (*aspergiloma pulmonar*); e o estudo anatomopatológico mais completo até hoje existente do

ainhum – uma patologia de caráter étnico chamada de “Doença de Silva Lima” – , pesquisa que efetuou no laboratório do prof. Unna, grande dermatologista alemão. (PEIXOTO, 1933)

Com evidente vocação para o ensino, tornou-se Assistente da Clínica Psiquiátrica, em 1893, com dois anos de formado. Em 1896, aos 23 anos, foi aprovado em concurso de grande repercussão, quando derrotou o preconceito que quase o impede de entrar na Fameb pela sua origem afro-descendente. Tornou-se professor da carreira docente como lente substituto da cadeira de psiquiatria e doenças nervosas, com a tese: *Discinesias Arsenicaes*. Nova contribuição, estado atual da questão . (MOREIRA, 1896)

Essa tese tem uma abordagem moderna do tema, a intoxicação por arsênio e seus efeitos nervosos e psíquicos. O autor destacava o uso não só criminoso, mas o envenenamento acidental, inclusive ocupacional da substância: “passado o tempo em que a raça dos Borgia consumara seus crimes, iniciou-se a fabricação e o uso industrial do arsênico” [...] “A sua manipulação estava sujeita a acidentes em função de tratar-se de uma substância que pode ser elemento despercebido de morte”. (MOREIRA, 1896)

Juliano Moreira sempre conciliou a docência com sua prática assistencial tanto no Hospital Santa Isabel, quanto no Hospital São João de Deus. Este último receberia seu nome, Hospital Juliano Moreira, na década de 1930 do século XX. (JACOBINA, 2001) Foi ele que introduziu a punção lombar com fins de diagnóstico na Bahia e, sob sua orientação, criou-se o Instituto de Clínicas, conjunto de laboratórios para apoio as disciplinas acadêmicas que funcionavam no Hospital Santa Isabel. (JACOBINA, 2008) Em 1903, foi levado pelo também baiano J.J. Seabra, ministro de Rodrigues Alves, ao Rio de Janeiro, então capital da República, para dirigir o Hospital Nacional de Alienados e coordenar a Assistência Psiquiátrica do país.

Liderou a psiquiatria brasileira de 1903 a 1930, tornando-se um dos mais respeitados médicos e cientistas brasileiros, com reconhecimento internacional. No campo da psiquiatria e da saúde mental, Juliano Moreira foi duplamente precursor. Por um lado, ele foi um dos primeiros a introduzir a nosografia das doenças mentais de Emil

Kraepelin no Brasil, modernizando a psiquiatria no país. Por outro, foi um dos pioneiros no estudo da psicanálise no Brasil e na América Latina, discutindo Freud no final do século XIX. (PEIXOTO, 1933) Segundo Roudinesco (1998, p. 525) , “Foi o primeiro no seu país a dar às idéias freudianas um lugar importante”.

Não há um só Juliano Moreira, são muitas as faces intelectuais desse baiano afrodescendente, que tem uma consciência étnica refletida em sua obra. Eis algumas das faces desse médico, professor, cientista e historiador das ciências:

1. O “médico tropicalista”, infectologista e parasitologista, na luta contra a malária no interior da Bahia e, mais tarde, na revisão crítica do papel dos mosquitos na transmissão dessa patologia; estudos sobre o beribéri e a doença do sono; e, como já destacado acima, os seus trabalhos originais sobre o botão endêmico, quando descreveu pela primeira vez a leishmaniose cutâneo-mucosa no Brasil;
2. O “dermatologista” e “sifilógrafo”, que estudou a farcionose, uma zoonose com manifestações cutâneas, o micetoma, a hidróa vaciniforme e, sobretudo, a sífilis sob os mais diversos aspectos, inclusive sua relação com a senilidade e o saturnismo;
3. O médico social, “higienista”, não só como sanitarista no combate a uma epidemia de malária no interior da Bahia, mas também como formulador em planejamento e gestão de saúde, com propostas de reforma nos hospitais psiquiátricos na Bahia e São Paulo, além da precursora defesa de criação de laboratórios clínicos em hospitais (MOREIRA, 1902);
4. O “historiador da medicina” e das ciências em geral, analisando as contribuições dos precursores e, até então, esquecidos cientistas holandeses no Brasil, nas quais sustenta a tese de que Guilherme Piso (no holandês Willem Pies) e Jorge Marcgrave (Georg Marcgrave) são os fundadores da História Natural no Brasil (GELMAN, 2006); mas também escrevendo na imprensa médica registros históricos sobre cientistas brasileiros, como Francisco de Castro, Oscar Bulhões e Alfredo Kanthack, e ou-

tros estrangeiros, como Pasteur (MOREIRA, 1895b), Virchow (MOREIRA, 1901), Kaposi, Vogt e o português Bento de Souza (JACOBINA; GELMAN, 2008);

5. O “neurologista” e “psiquiatra”, com o estudo da epilepsia, das mioclonias em pessoas histéricas; o uso precursor da clinoterapia no tratamento psiquiátrico; o psiquiatra aparece também num outro campo de estudo: o da assistência aos alienados, na participação da comissão que criticou a assistência no Asilo São João de Deus; na análise da proposta de asilo-colônia do Juqueri em São Paulo; e, sobretudo, na formulação da lei de 1903, que deu ao país uma legislação moderna para a assistência psiquiátrica brasileira, além, é claro, de sua destacada atuação tanto na direção do Hospital Nacional dos Alienados, o mais importante manicômio brasileiro, quanto na condução da política de assistência psiquiátrica no país, nas três primeiras décadas do século XX. (PEIXOTO, 1933)

Enfim, seu prestígio não era só local, nacional, pois foi Presidente de Honra de mais de uma dezena de Congressos internacionais; recebeu o título de professor *Honoris Causa* em várias universidades japonesas e européias, sobretudo, alemãs; recebeu a maior honraria científica do Japão, “A Ordem do Tesouro Sagrado”, em 1928, das mãos do próprio Imperador (ALBUQUERQUE, 1933) e, quando, vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências, em 1925, recepcionou o físico Albert Einstein, que impressionado por sua bondade (“uma pessoa especialmente virtuosa”) e vendo com satisfação o fato dele ser negro, como refere em seu diário (TOLMASQUIM, 1995, p. 155), quebrou o protocolo da viagem e foi almoçar comida baiana (“vatapá”) com Juliano e a esposa, que era alemã (QUERINO, 2006, p. 67), e visitou o Hospital Nacional de Alienados, dirigido por Moreira. (TOLMASQUIM, 1995) Enfim, o médico baiano Juliano Moreira foi uma luz negra que brilhou não só no céu estelar da Bahia, mas do Brasil e do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. P. de. Notas biographicas. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 63, n. 10-12, p. 817-820, abr./maio/jun. 1933.
- BATISTÉRIO do Prof. Juliano Moreira. Memorial Professor Juliano Moreira. Salvador, 2007. Disponível em: <www.memorialjulianomoreira.ba.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2008.
- FONSECA, L. A. Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao ano de 1891. Salvador: Diário da Bahia, 1893.
- GELMAN, E. A. *Ecoss de um nome: Juliano Moreira: o Processo de recepção e divulgação de conhecimentos em Psiquiatria, Psicanálise e História das Ciências na passagem para o século XX*. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- JACOBINA, R. R. A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947). 2011. 241 f. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 2001.
- JACOBINA, R. R. Da Dermatologia à Psiquiatria: vida e obra de Juliano Moreira na Bahia. In: JORNADA NORDESTINA DE PSIQUIATRIA, 12., Saúde Mental: a tensão na atenção, 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: Associação Psiquiátrica da Bahia, 2008. p. 126-136.
- JACOBINA, R. R. *Nem clima nem raça: a visão médico-social de Juliano Moreira sobre a “Sífilis maligna precoce” em sua tese inaugural na FAMEB*. Salvador, 2011 (mimeo).
- JACOBINA, R. R.; GELMAN, E. A. Juliano Moreira e a *Gazeta Médica da Bahia*. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, RJ, v. 15, n. 4, p. 1077-1097, out./dez. 2008.
- MOREIRA, J. *Etiologia da sífilis maligna precoce*. Tese (Bacharelado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1891.
- MOREIRA, J. Existe na Bahia o Botão de Biskra? Estudo clínico. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 26, p. 254-258, 1895a. *Anais da Sociedade de Medicina da Bahia*, sessão 30 dez. 1894.
- MOREIRA, J. Pasteur. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 27, n. 4, p. 159-174, out. 1895b. *Anais da Sociedade de Medicina da Bahia*, sessão 6 out. 1895.

MOREIRA, J. *Diskinesias Arsenicais (nova contribuição e estado atual da questão)*. Tese (Professor substituto) – Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, Salvador, 1896.

MOREIRA, J. Rudolf Virchow: traços geraes de sua vida. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 33, n. 4, p. 149-167, out. 1901.

MOREIRA, J. Da necessidade da fundação de laboratórios nos hospitais. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 33, p. 439-450, 1902.

PASSOS, A. *Juliano Moreira: vida e obra*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.

PEIXOTO, A. Discurso: À Memória de Juliano Moreira, fundador e presidente da Academia. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 81-91, 1933.

QUERINO, M. *A arte culinária na Bahia*. Salvador: P555 Edições, 2006.

ROUDINESCO, E. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 86-89.

TOLMASQUIM, A. Einstein no Rio de Janeiro: impressões de viagem. In: MOREIRA, I. de; VIDEIRA, A. A. P. *Einstein no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. p. 137-160.





## O JORNALISTA, ESCRITOR E “MÉDICO PRÁTICO” SÉRGIO CARDOZO 1858-1933

---

*Ronaldo Ribeiro Jacobina*

O estudante de medicina, jornalista e juiz federal e “médico prático” Sérgio Cardozo foi um dos mais destacados abolicionistas da Bahia, além de republicano autêntico, cuja atuação ultrapassou as fronteiras do estado. Em seu livro *Baianos Ilustres*, o articulista do jornal *A Tarde*, Antônio Loureiro de Souza, disse: “Hoje, esquecido e ignorado, vale ressaltar, agora o seu nome, como um dos mais ilustres da Bahia, senão do Brasil”. (SOUZA, 1979)

Sérgio Cardozo Afonso de Carvalho nasceu em 7 de outubro de 1858 na Fazenda Salgado, em Berimbau, na época município de Santo Amaro da Purificação, hoje Conceição do Jacuípe. Sérgio Cardozo foi estudante da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) de 1876 a 1883, não terminando o curso pela sua militância abolicionista. Em 1883, resgatou o pequeno escravo Lino Caboto da comitiva de João Maurício Wanderley (1815-1889), o Barão de Cotegipe – naquele momento, Presidente do Senado, e, logo depois, chefe de governo e ministro da Justiça de Pedro II. O Barão pretendia levar o menino escravo à Corte para dar de presente a um amigo. (JACOBINA, 2008)

Este ato de coragem, ocorrido em meados de abril de 1883 (CHIACHHIO, 1936), tem um grande significado político e ético, pois desmascara um dos sinais de barbárie que era a escravidão, ao reduzir o ser humano a uma coisa, a uma mercadoria, e, no caso, ganha um sentido exponencial. O episódio envolveu uma criança, tratada como um souvenir ou um animal de estimação, que seria tirada dos cuidados dos pais e levada para um lugar distante deles. (JACOBINA, 2008)

A polícia cercou o jornal *Gazeta da Tarde*, onde Sérgio escondeu o menino. Sem saída, o estudante reconduziu Lino às mãos do próprio Chefe da Polícia. Houve manifestações de ruas naquele abril de 1883. O Barão, temendo a repercussão do acontecimento na Corte, desistiu de levar o escravo. Tal ousadia, no entanto, rendeu ao acadêmico um processo que quase levou à falência seu pai, José Joaquim Cardozo, rico comerciante de pedras preciosas, filho de um português com uma escrava. Outra consequência foi o abandono de Sérgio do curso médico no 5º ano, passando a se dedicar, como jornalista, ao abolicionismo.

Desde estudante Sérgio Cardozo já praticava o jornalismo, tendo criado o semanário *O Mefisto*, no início de 1883. Nele, tinha como lema a frase subversiva do baiano Luís Gama: “Todo escravo tem o direito de matar o seu senhor e aquele que não o faz é miserável”. Nesse mesmo ano passou a escrever para o jornal *Gazeta da Tarde*, onde ele escondera o garoto e que tinha esse nome em homenagem ao diário carioca de José do Patrocínio. A *Gazeta* era de Panfilo da Santa Cruz, abolicionista também, que chegou a ser presidente da Sociedade Libertadora Baiana. O jovem Cardozo foi redator do jornal até 1888, quando deixou a função, por ser contrário à posição monarquista do jornal.

Em 1890 foi para a capital federal, onde trabalhou nos jornais cariocas: *Diário do Comércio*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Notícias*. Em 1897, passou a trabalhar na Cidade do Rio, novo jornal de José do Patrocínio. Lá, ele foi secretário de redação e tinha seu nome no cabeçalho do jornal, ao lado de Olavo Bilac. (JACOBINA, 2008)

Na Guerra de Canudos, houve no país uma polarização, fomentada pelos seguidores do já falecido Floriano Peixoto. Nesse clima patriótico, Sérgio Cardozo não se omitiu. Escreveu ao governador Luís Viana, da Bahia, se oferecendo para participar do “Corpo de Saúde”, como

fizeram também vários professores e estudantes de medicina. Por intermédio de Arlindo Fragoso, que era primo de Cardozo, o governador agradeceu os serviços, mas recusou, salientando que ele prestaria melhores serviços à Bahia com sua atuação na imprensa do Rio.

Ao retornar da capital federal para a Bahia, em 1900, Cardozo trabalhou em O Propulsor de Feira de Santana, tendo sido chefe de redação. Depois criou o jornal O Prélío em Santo Amaro, em 1904. (CARDOSO, 1908) Colaborou também no pasquim A Sineta, que mexia com os figurões da época e usava uma linguagem satírica.

Ao voltar à Bahia, ele não foi desamparado pelos aliados republicanos. Encontra-se no acervo da bisneta Elisa Cardozo Brandão, uma resolução do Presidente Rodrigues Alves, datada em 22 maio de 1905, que, através de seu ministro do Interior e Justiça, o baiano José Joaquim Seabra, nomeava Sérgio Cardozo terceiro suplente para juiz federal do município de Santo Amaro.

Em sua terra natal, Berimbau, ele retomou outra vocação: a de profissional de saúde, ao abrir uma botica. Em sua farmácia, ele medicava os humildes, atendendo-os gratuitamente pela manhã, pois, pela tarde, ele passava no fórum, na sua função de juiz. Há um relato de sua dedicação no combate local da epidemia de cólera, que grassou no estado em 1912 (SANTANA, 2002), no entanto, em sua Memória Histórica de Santo Amaro, Cardozo (1920) destacou a atuação de seu genro, dr. Alípio Maia Gomes, marido de sua filha Elizete, no combate a essa epidemia, principalmente nos distritos de Bom Jardim, Lustosa e Oliveiros dos Campinhos.

Esse exercício da Medicina prática era, na época, tolerada socialmente, sobretudo em áreas como aquela, carente de médicos, pois os Conselhos de Medicina só se formalizaram e baniram a prática sem diploma a partir de meados do século XX.

Jornalista, juiz e médico prático, esse Dom Quixote de Berimbau foi também escritor de romances, tais como, O Pacto Infernal de 1883, em folhetim na Gazeta da Tarde baiana; Os deserdados sociais de 1896, e Lélia de 1898 no jornal Cidade do Rio, registram-se alguns contos como “A Tapera Maldita” e “Contos Indígenas” em 1891, e o livro já referido para sua terra natal: Santo Amaro: Memória histórica e descritiva do Município. (CARDOSO, 1920)

Homem multidimensional, Cardozo tinha outra paixão: a arqueologia. Ao participar da Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, que comemorava, como neste ano, a chegada de D. João ao Brasil, segundo Chiachhio (1936), ele teria conseguido a medalha de ouro. Em um manuscrito existente no acervo da bisneta, ele se referia como “um colecionador apaixonado” que teria apresentado “na Exposição nacional de 1908, no Pavilhão da Bahia, sua Colleção Archeologica, constando de grande numero de peças, algumas das quais de grande valor para os homens de ciência.”

Com 75 anos, Sérgio Cardozo faleceu em 4 de julho de 1933. Seus ossos foram colocados na capela que ele construiu em Berimbau. No osuário tinha a seguinte inscrição: “Lembremos tuas glórias e seguiremos tuas virtudes”

## HOMENAGENS A SÉRGIO CARDOZO

Seu nome foi dado a uma escola e ao Fórum do município de Conceição do Jacuípe, nome atual de Berimbau, que tinha se emancipado de Santo Amaro em 1961 e se efetivado como município em 1963. Com obscurantismo histórico e contra a vontade popular, como aconteceu no aeroporto de Salvador, retiraram o seu nome do fórum.

Entre as homenagens que recebeu, uma tem grande valor simbólico. Foi o seu nome dado a uma pequena rua no bairro da Liberdade, de Salvador, por iniciativa da Associação Baiana de Imprensa, em 9 de setembro de 1934. Não poderia ter um local melhor para homenagear este abolicionista de raiz e republicano convicto.

Outra iniciativa foi a do médico e santamarense José Silveira, professor da FMB, através do Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro (Nicsa). O professor Silveira criou para homenagear o conterrâneo ilustre o troféu Sérgio Cardozo. É um prêmio a um profissional, principalmente do jornalismo, que se destaque na área cultural. A entrega é feita no dia 7 de outubro, data de aniversário do patrono do troféu.

Em 2008, ano que se comemorou o sesquicentenário de nascimento de Sérgio Cardozo (07/10/1858-2008), os estudantes de Medicina, através de seu Diretório Acadêmico, decidiram batizar o espaço aberto no Pavilhão de Aula da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB/UFBA) no Canela de Espaço Cultural Acadêmico Sérgio Cardozo.

Este capítulo aqui se inscreve entre as iniciativas que visam preservar a memória de quem foi esquecido e merece ser lembrado, no caso específico, o estudante de medicina e também jornalista, escritor, juiz, farmacêutico e “médico prático” Sérgio Cardozo. Esse objetivo maior é para lembrar a todos as glórias e o exemplo deste baiano ilustre e também encantado, como seu seguidor e conterrâneo santamarense José Silveira. Encantado aqui no sentido de Guimarães Rosa que, ainda acadêmico de medicina, no enterro de um colega, disse: “as pessoas não morrem, elas ficam encantadas”.

## REFERÊNCIAS

CARDOZO, S. Editorial. *O Prélio*, Santo Amaro, Ba, 23 set. 1908. v. 5, n.1.

CARDOZO, S. *Santo Amaro*: memória histórica e descritiva do município. Salvador: Oficinas do Diário da Bahia, 1920.

CHIACHHIO, C. Sergio Cardozo – 1858-1933. *A Tarde*, Salvador, 13 maio 1936. Homens e obras, p. 3.

JACOBINA, R. R. Sérgio Cardozo: um academico de medicina abolicionista e republicano (1858-1933). *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 78, n. 2, p. 94-103, jul./dez. 2008.

SANTANA, A. Dom Quixote do Recôncavo: jornalista, juiz e médico, Sérgio Cardozo dava fuga a escravos e defendia publicamente a abolição. *Correio da Bahia*, Salvador, 27 out. 2002. Memória.

SOUZA, A. L. de. *Baianos ilustres* (1567-1925). 3. ed. rev. São Paulo: Ibrasa; Brasília: INL, 1979. (1. ed. Salvador: Editora Beneditina, 1949).



## DOM JOSÉ SILVEIRA

### com seu santo e seu fôlego contra o maior flagelo dos baianos de seu tempo

---

*Ronaldo Ribeiro Jacobina*

O médico e empreendedor José Silveira nasceu em 5 de novembro de 1904, no município de Santo Amaro da Purificação, no recôncavo baiano.<sup>1</sup> Depois da infância em Santo Amaro, continuou os estudos em Feira de Santana e Salvador. Formou-se em 1927 pela Faculdade de Medicina da Bahia e, no ano seguinte, defendeu a tese inaugural *Radiologia da Descendente* (MEIRELLES et al., 2004), aprovada com distinção, sendo ele premiado com medalha de ouro por ser considerada a melhor monografia do ano.

Como Juliano Moreira, outro baiano, foi grande admirador da cultura germânica. O também tisiologista Aloysio de Paula ressaltou na solenidade de entrega da medalha “Cardoso Fontes” à Silveira que ele “sonhou em fazer uma Nuremberg na Bahia”. (apud FERNANDES, 1990) Não por acaso, este homem alto e louro, assíduo, disciplinado, respeitador de horários e cumpridor de compromissos, ganhou

---

<sup>1</sup> Este capítulo toma como referência principal o artigo publicado na *Gazeta Médica da Bahia*, com a provavelmente última entrevista dada pelo prof. José Silveira, aos 94 anos de idade. (JACOBINA, 2010)



o apelido de “alemão do Canela”, nome de um de seus livros de memórias. Mas ele era “visceralmente baiano”, como gostava de dizer, razão que o levou a recusar convites para trabalhar no Rio de Janeiro e até mesmo na Alemanha.

A radiologia foi o campo de inspiração de sua tese doutoral em 1927. Em sua primeira viagem à Alemanha, aprofundou seus conhecimentos tanto em radiologia quanto na disciplina fisiologia, que estudava a um dos maiores flagelo da humanidade na época. Esta última se transformou em sua opção profissional. Em 1928, iniciou sua atuação prática como assistente dos professores Prado Valladares e Armando Sampaio e no Ambulatório Augusto Viana da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), que funcionava onde é hoje a Reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Em 21 de fevereiro de 1937, criou em Salvador o Instituto Brasileiro de Investigação para a Tuberculose (IBIT). Nele, desenvolveu a maior parte de suas atividades em fisiologia. Essa instituição simbolizou sua concepção de que não se podia progredir sem que fosse criada uma base científica, seguindo as ideias do professor Ludolf Brauer, médico alemão, que muito o influenciou. Essa base científica, segundo ele, concretizava-se em institutos de pesquisa, em vez de sanatórios, para a institucionalização do controle da tuberculose. Pelo IBIT circulavam vários pesquisadores estrangeiros, organizando cursos e implantando setores de pesquisa e serviços no próprio Instituto, favorecendo o intercâmbio científico-cultural de outros países com a Bahia e outros estados brasileiros. Essa relação institucional permitiu ao IBIT a constituição de uma das mais completas bibliotecas do Brasil, especializada, principalmente, em fisiologia e pneumologia.

Em abril de 1947, iniciou um curto período, de menos de um ano, como diretor do Departamento de Saúde Pública da Secretária de Educação e Saúde do governo do estado da Bahia. Octávio Mangabeira, governador, e Anísio Teixeira, secretário de Educação e Saúde, impressionado com os trabalhos do IBIT, convenceram Silveira a assumir aquele cargo. Em sua curta gestão na saúde pública, começou a estruturar o programa estatal de controle da tuberculose, tendo sido depois superintendente regional da Campanha Nacional contra

a Tuberculose no estado, e autorizou a intervenção do dr. Oswaldo Camargo e equipe no Hospital Juliano Moreira. (JACOBINA, 2010)

Quando, em 1990, aos 86 anos, foi indagado se criaria novamente uma instituição como o IBIT, de modo enfático e visivelmente orgulhoso, respondeu que não, por considerá-la “o desafio de um louco”. Explicou que, na ocasião era uma pessoa pobre, que não tinha prestígio social e ainda não pertencia ao quadro acadêmico da universidade, requisitos importantes, segundo ele, para a realização de tal empreendimento em nosso país. (FERNANDES, 1990)

Além do IBIT, manteve a sua carreira docente. A partir de 1950 passou, por concurso de provas e títulos, a professor catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia. Ensinou também na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, onde foi também professor catedrático de tisiopneumologia. Ensinou na Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia.

Além das atividades no IBIT e da atuação acadêmica, José Silveira dedicou-se também ao atendimento em seu consultório particular, onde atuou durante toda a sua vida profissional. Foi dirigente médico, tendo sido um dos fundadores e presidente da Associação Bahiana de Medicina (ABM). Organizou e participou de inúmeros congressos e seminários nacionais e internacionais, apresentando trabalhos em tisiologia. Seus contatos com as instituições médicas internacionais consolidaram-se, principalmente, por meio de assinatura de periódicos e filiação a essas instituições. (JACOBINA, 2013)

Adepto da *Bacillus Calmette-Guérin* (BCG), Silveira desenvolveu no IBIT pesquisas sobre o uso da vacina juntamente com Arlindo de Assis, grande difusor e pesquisador dessa vacina no Brasil. Defendeu o uso da abreugrafia para a busca ativa de casos de tuberculose, dado o grave quadro epidemiológico da doença no país. Com certo saudosismo, questionou até o fim de sua vida o desaparecimento da figura do tisiólogo, como profissional especialista no controle da tuberculose, que desapareceu após a introdução da quimioterapia antibiótica e a simplificação do tratamento da doença.

Na década de 1980, foi criado o Hospital do Tórax, anexo ao prédio do IBIT. Esse hospital foi, posteriormente, transformado no

Hospital Santo Amaro, dedicado ao atendimento materno-infantil. Ainda nos anos 80, o IBIT foi incorporado a então recém-criada Fundação José Silveira, financiada pela iniciativa privada. Esta fundação é hoje composta pelo Hospital Santo Amaro, pelo Laboratório Ludolf Brauer, pelo Núcleo de Toxicologia e Ambientes e pelo Centro de Saúde Ocupacional, cabendo ao IBIT a atuação de cunho filantrópico. A literatura constitui-se também uma de suas atividades e como escritor dedicou-se a retratar em suas publicações, geralmente autobiográficas, seus sonhos, realizações e sua compreensão de vida. Dois exemplos: *Vela acesa* (SILVEIRA, 1980) e *No caminho da redenção*. (SILVEIRA, 1988)

Como já tinha registrado na breve biografia deste professor catedrático de fisiologia,

presente na Memória Histórica do bicentenário da Faculdade de medicina da Bahia em 2008 (JACOBINA, 2013), *Vela acesa* transcendeu os limites de um livro de memória para ser um testemunho de uma época. Jorge Amado, no prefácio do livro, afirmou: “O livro de Mestre Silveira narra memórias, não reinventa uma realidade, não é ficção, é testemunho, documento a marcar uma época vivida em constante luta por um dos homens que a construíram no que ela tem de mais permanente”. (AMADO, 1980, p. 12) No outro livro referido, *No caminho da redenção*, José Silveira descreveu vários acontecimentos ocorridos no prédio da escola *mater* do país, no Terreiro de Jesus. (SILVEIRA, 1988) Em 1994, Silveira publicou seu último livro: *Uma doença esquecida: a história da tuberculose na Bahia*. Foi com méritos que ele se tornou membro titular da Academia de Letras da Bahia. (JACOBINA, 2013)

Sua esposa, de origem grega, esteve sempre ao seu lado no IBIT, trabalhando junto às famílias dos tuberculosos pobres. Ela criou a Escola do Menino Jesus, inicialmente voltada para o atendimento aos filhos de tuberculosos e que hoje atende a crianças pobres da redondeza. Em Santo Amaro cristalizou sua trajetória de menino pobre a médico renomado com a criação de um centro cultural, o Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro (Nicsa), instalado no sobrado onde passou sua infância, voltado para o desenvolvimento cultural das

crianças. Para lá levou as medalhas e os símbolos que significam para ele a possibilidade de ascensão social do indivíduo que nasceu pobre.

José Silveira, que viveu 96 anos e cinco meses, tornou-se encantado, como nos ensinou Guimarães Rosa, em 04 de abril de 2001 na cidade de Salvador, que, depois de Santo Amaro da Purificação, ele tanto amou. O eufemismo de Rosa é não só belo, mas verdadeiro, pois se a morte – a morte definitiva – é o esquecimento, José Silveira está vivo em suas obras, seja aqui em Salvador, com destaque para o Complexo do Hospital Santo Amaro, seja o Nicsa em Santo Amaro, com seu museu, sua biblioteca e sua escola e uma série de ações sociais no município. Ele é uma “vela acesa”, como disse em uma crônica o romancista baiano Wilson Lins. (SILVEIRA, 1980, p.7) O artigo na *Revista Baiana de Saúde Pública* (JACOBINA, 2010) e este capítulo, embora singelos, servem também como testemunhos de que o nosso Dom José Silveira, essa chama ardente de Santo Amaro da Bahia, vive e ilumina.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, J. Prefácio. In: SILVEIRA, J. *Vela acesa: memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- FERNANDES, T. M. D. José Silveira. Resenha Biográfica. *Memória da Tuberculose*. COC/FIOCRUZ, 1990. Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br/tuberculose/josesilveira.htm#resenha>>. Acesso em: 30 abr. 2009.
- JACOBINA, R. R. A Intervenção no Hospital Juliano Moreira em 1947: entrevista com o Prof. José Silveira. *Revista Baiana de Saúde Pública*. Salvador, v. 34, n. 1, p. 173-184, jan./mar. 2010.
- JACOBINA, R. R. A Intervenção no Hospital Juliano Moreira em 1947: entrevista com o Prof. José Silveira. *Revista Baiana de Saúde Pública*. Salvador, v. 34, n. 1, p. 173-184, jan./mar. 2010.
- JACOBINA, R. R. *Memória histórica do bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia (2008)*. Salvador: FAMEB-UFBA, 2013. 3. v.

MEIRELLES, N. S. et al. Teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 74, n. 1, p. 9-101, jan./jun. 2004.

SILVEIRA, J. *Vela acesa*: memórias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SILVEIRA, J. *No Caminho da redenção*: retrato de uma época. Salvador: Edição do Autor, 1988.

## ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES o médico que diagnosticou a política

---

*Fernando Vita*

Pedem-me que escreva sobre o médico Antonio Carlos Peixoto de Magalhães, para ser mais preciso, Antonio Carlos Magalhães, ou, de forma ainda mais concisa, o ACM, três letras que o fizeram famoso, respeitado, conhecido e – asseguro – temido, em todo o Brasil, não pelos dotes de hábil discípulo de Hipócrates, que jamais os teve e nem nunca os quis ter, mas como um dos mais combativos, apaixonados, transformadores e singulares políticos brasileiros da era pós-Getúlio Vargas, restrito grupo onde, se quisermos ficar noutros que de tão célebres também viraram siglas nacionais, se incluem Juscelino Kubitschek e Fernando Henrique Cardoso .

Nascido em 04 de setembro de 1927, na cidade de Salvador da Bahia, em família de classe média – o pai, Francisco Peixoto de Magalhães era, este sim, médico conceituadíssimo e professor respeitabilíssimo da mais antiga escola de medicina do Brasil, a vetusta Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA); a mãe, dona Helena Celestino de Magalhães, uma senhora de prendas do lar, como se usava dizer à época – ACM até que tentou seguir os passos do pai: ingressou na mesma faculdade, de onde emergiram

tantos e tantos luminares das ciências médicas nacionais, mas, sem antídotos ao vírus da política que já trazia no sangue desde os tempos do curso científico no velho Colégio Estadual da Bahia, atual Colégio Central, onde também alisaram os bancos com os fundilhos o cineasta Glauber Rocha, o escritor João Ubaldo Ribeiro e tantos outros baianos que ganharam fama no Brasil e no mundo, trocou Antonio Carlos o bisturi das aulas práticas de dissecação de cadáveres, as provetas e os estetoscópios que os colegas, pimpões, adoravam ostentar pelas ruas do Centro Histórico da velha Salvador, pela política estudantil, tendo sido eleito, em todos os seis anos do curso, o representante da sua turma junto ao Diretório Acadêmico. Tanto se afastou ACM, convictamente, das bulas médicas e aproximou-se das receitas políticas que a política se inoculou em seu organismo e se mesclou ao seu temperamento irrequieto e contestador como que de maneira definitiva, irreversível. E, como tantos sabem e a prática atesta, a política estudantil é a porta de entrada na política maior, a partidária, esta sem porta de saída para muitos que por ela adentram como foi o caso de Antonio Carlos Magalhães.

Diploma de médico na mão, recebido, em 1952, com pompa e circunstância em solenidade de formatura que ele sempre relembra com muito bom gosto e sonoras risadas, ACM foi o orador oficial da turma e pontuou seu discurso escrito com apimentados *insights* de improviso, hora fustigando as monumentais vaidades acadêmicas – elas, à época, como ainda hoje, a floravam por todos os poros de todas as peles e sob todas as togas – hora criticando os que mandavam no estado e no país, de forma que seu discurso, por si só, deu novas mostras do que o futuro reservava àquele Antonio, diferente no falar de tantos outros oradores oficiais de então, hábeis em gastar o vernáculo mais empolado em loar e louvações aos mestres ou em recordações pueris dos anos de aprendizado. Doutor, anel no dedo, Antonio Carlos fez um discurso incendiário, no dizer de alguns, talvez vitaminado pela prática, adquirida nas assembleias do Diretório Acadêmico e nas passeatas, no passado como hoje instrumentos tão caros ao exercício da democracia, aqui ou onde quer que democracia haja.

Vida que se segue, já em 1953 ACM é nomeado professor assistente, e depois adjunto, da Faculdade de Medicina, lá pouco tempo ficando, vez que prontamente foi requisitado pelo então reitor da Universidade Federal da Bahia, o também inovador e transformador Edgar Santos, que já acompanhava a sua desenvoltura política dos tempos de estudante, para com ele trabalhar no gabinete da Reitoria. Aí, talvez, ACM tenha tido do velho Edgar as primeiras e melhores lições que haveriam de pontear toda a sua vida pública, em uma convivência diária deveras rica, marcada pela admiração mútua e a lealdade, e que os anos transformaram em uma relação mais que de chefe e subordinado, mas de mestre e aluno, de pai e filho. E ACM haveria de buscar, em toda sua vida, para esquadrinhar a sua própria carreira política, exemplos na trajetória do revolucionário dr. Edgar, reitor que transformou, a partir dos anos sessenta, não só a Universidade Federal, mas toda a vida cultural da Bahia.

Quando conheci ACM, ele já era o jovem prefeito de Salvador nos anos 1960, e eu era um imberbe repórter iniciante no *Jornal da Bahia*, um matutino que marcou época na imprensa brasileira pelas inovações que trouxe novos modos e maneiras de fazer jornal impresso na província. Antonio Carlos, apenas com os primeiros sinais dos cabelos alvos que lhe virariam marca registrada no futuro, e que lhe dariam, na boca do povo, outra forma de ser chamado, amado, aplaudido, citado, dicionarizado como “Cabeça Branca”. Eu, pobre de Deus a gastar sola de sapato pelas ruas da Bahia em busca de notícias, fofocas, furos, matérias exclusivas, essas tais coisas que povoam a cabeça dos que se iniciam na profissão. E dele as tive sempre, fresquinhas, não sei se porque ele foi com a minha cara, não sei se porque eu buscava reproduzir e interpretar os fatos com a possível precisão, e ignoro até se não por certa compaixão, ao ver o molecote que eu era trabalhar em jornal e em outros bicos o dia todo para ter condição de, à noite, estudar o curso clássico nas mesmas salas do Colégio Estadual da Bahia em que ele estudara quando tinha a minha idade de então. Passados os anos, agora já os amigos fraternais que nos tornamos, a custo de uma longa convivência profissional que começou quando ACM era ministro das comunicações do governo que seria de Tancredo Neves



e que veio a cair, pela morte do político mineiro, nos braços do maranhense Sarney, e foi adiante como governando a Bahia, mais uma vez ou sendo senador da República outras tantas. Antonio Carlos confidenciou-me um dia que tinha convivido, na política estudantil, com um tio meu, também jornalista, que ele prezara Alberto Vita de nome, que no seu lembrar muito lhe merecia respeito porque, embora militando ambos em lados contrários, era um homem de palavra e firme em suas convicções políticas.

Alberto foi um dos poucos comunistas sérios que eu conheci na vida, e segredou-me um dia, que levou “porrada” da polícia de Juracy Magalhães, justo por ser “comuna”, sem nunca entregar o nome de um só companheiro. ACM sempre se valeu do seu extremo bom humor e habilidade de excepcional contador de casos toda vez que se referia a sua vida genérica e curta de médico bissexto: “Ao que me lembro – recordava – na medicina uma única vez pus em teste os meus reais conhecimentos: tentei aplicar uma injeção em minha sogra, a mãe de Arlette, e não o fiz com a competência que ambas esperavam. [...]”. Daí em diante deu-se que Antonio Carlos Magalhães, mesmo concursado como médico do serviço público estadual, por pouco tempo, ou quase nunca, esteve a auscultar batidas cardíacas, a prescrever dietas ou a escrever receitas com a caligrafia típica dos chamados facultativos. Foi jornalista de esportes e de política em *O Estado da Bahia*, jornal da cadeia *Diários e Emissoras Associados*, de Assis Chateaubriand, atuou como redator de debates na Assembleia Legislativa, onde, com alguma frequência, saía dos seus misteres profissionais para atuar como se deputado fosse, pedindo apartes, emitindo opiniões, apoiando cor-religionários, desancando adversários, de sorte que, daí a eleger-se, mesmo que com votação pífia, deputado estadual de verdade, pela velha UDN, em 1954 – dois anos depois de formado, portanto – e logo tornar-se líder do partido na Assembleia foi um pulo. E o então, adeus medicina, e até nunca mais. Tão pouco médico, mas muito se valeu dessa profissão, sempre que possível ainda trocava uns poucos conselhos para curar uma gripe, ou, também, em momentos mais delicados da sua saúde, quando teve que se submeter a uma arriscada cirurgia cardíaca, situação a qual contava de forma prazerosa e faceira.

Escapou com vida graças aos prodígios do cirurgião Adib Jatene e às preces e promessas de todos os baianos, de todas as crenças e raças, não importa se ajoelhados, tais baianos encontravam-se nos chãos seculares das velhas igrejas, que são tantas entre nós, invocando os seus santos, ou se lambuzados de dendê e cobertos de pipoca à batucar em terreiros de candomblé.

Pois bem, falemos do médico que não foi médico, mas que, sem necessidade de transplantes ou de implantes, de incisões ou de suturas virou deputado estadual e federal, prefeito, governador da Bahia por três vezes, presidente da Eletrobrás, senador da República até a sua morte – o estadista Antonio Carlos Magalhães – criticado por uns, elogiado por outros, odiado por alguns, endeusado por outros tantos, mas, sobretudo, um homem profundamente marcado por suas convicções, pelo zelo à vida pública, pela ousadia e destemor no enfrentar desafios e a quem o Brasil e a Bahia muito devem. Um gênio transformador, tanto que o historiador judeu-americano Marshall Berman pintou com tinta vivaz a memorável e insubstituível declaração: “Tudo que é sólido desmancha no ar”, uma verdadeira aventura da modernidade nos séculos XIX e XX, transitando desde *O Fausto*, de Goethe, ao Manifesto de Marx, dos faraós das grandes pirâmides do Egito e Dostoiévsky a Juscelino Kubitschek, Brasília e Niemayer inclusos.

Como prefeito, ACM modificou Salvador de “ponta a cabeça”, como nenhum gestor jamais fizera antes. A velha cidade, cujos limites urbanos começavam no Farol da Barra e se encerravam na Península da Ribeira, passando pelo Centro Histórico e indo, encostas à frente, até os fins da Liberdade, assistiu a um camarada ousado e determinado, com uma equipe de notáveis desconhecidos, tão jovens quanto ele, desencavar dos sótãos dos anos, um ousado projeto concebido pelo engenheiro Mário Leal Ferreira que, implantado à risca em todos os seus detalhes, em tempo recorde, deu a régua e os compassos urbanos que a Salvador de hoje ostenta. Vem também do seu tempo de prefeito, o gosto por ousar acreditar em jovens talentos da gestão de finanças, urbanismo, planejamento e administração, recém-saídos das faculdades, hábito que conservou por toda a sua longa vida pública, como também o amor pelos elementos considerados sagrados da

nossa chamada baianidade, seja nagô ou não. Cultivava a simbologia das formas de representação do povo baiano deixados pelo legado de Jorge Amado a Mãe Menininha, de Caymmi a Camafeu de Oxóssi, de Carybé a Glauber Rocha, de Riachão a João Gilberto, quando Gil, Caetano, Gal, Tom Zé, Bethânia e tantos outros ainda ensaiavam os primeiros passos e compassos no rumo da consagração popular. Aqueles que viveram em Salvador antes e de depois de ACM, consideraram-lhe, em unanimidade, o “prefeito do século”. E tal a Salvador de hoje se mostra, após uma sucessão, raríssimas exceções feitas, de prefeitos medíocres, alguns séculos mais podem advir, até que os feitos de Antônio Carlos sejam suplantados. Agora, quando rememoramos os seus feitos, observamos a continuidade do seu trabalho pelo o outro ACM, o Neto, esse último nos mostra que traz no sangue o gene transformador do avô e dá os primeiros passos para tirar Salvador do atraso e da mesmice e lhe devolver, até, pasmem, o orgulho e a autoestima do seu povo, amantíssimo, sempre, da sua *urbe*. Que Deus lhe ajude, inspire e ilumine, amém.

O êxito como prefeito catapultou à ACM a sua chegada ao governo da Bahia, ainda em eleição indireta, como acontecia na época da Ditadura. Voltou ao governo do Estado mais duas vezes, na segunda, ainda em eleição indireta, e na terceira com consagradora vitória nas urnas, em primeiro turno, e aí já estamos em 1990.

Em seus três mandatos de governador da Bahia – e aqui não pretendemos enumerar, de forma detalhada e *relatorial*, obras e feitos transformadores, por desnecessário fazer – mas, tão somente, como comporta a hora e o lugar, destacar que, se como prefeito ACM revolucionou Salvador, como governador o fez com todo o estado da Bahia, em todos os setores da administração pública, ousando em acreditar em jovens e desconhecidos gestores, apostando nas potencialidades que adormeciam em berço esplêndido, em uma letargia perversa que se fincava, conformista e conformada, na visão de que, na terra onde o Brasil começou, o cacau, o petróleo e a energia de Paulo Afonso seriam, *ad aeternum*, as únicas forças motrizes do nosso desenvolvimento. Sem deixar de lado as artes e a cultura, que nele tiveram sempre um convicto incentivador, um entusiasmado empreendedor, saiu das mãos de

Antônio Carlos a efetiva mudança da matriz econômica da Bahia, com a implantação do Pólo Petroquímico da Camaçari, a extensão da atividade turística a regiões antes esquecidas, como a de Porto Seguro e do extremo sul e, de forma definitiva, a transformação do centro oeste baiano no que é hoje, um dos maiores polos do agronegócio no Brasil, sem falar na implantação do Centro Administrativo do Estado, outro toque mágico seu na arte de expandir as fronteiras da capital.

Frise-se que no intervalo do seu primeiro para o segundo governo, ACM foi presidente da Eletrobrás, quando, em gesto de extrema habilidade política e coragem, impediu que negociata escabrosa, até hoje lembrada pelos que viveram aqueles anos, sangrasse a pátria amada, mãe gentil, em episódio que envolvia a sempre assaz lembrada pretensa venda da Light, na bacia das almas, a grupos privados. E no interregno da segunda para a sua terceira passagem pelo governo da Bahia, Antonio Carlos foi ministro das comunicações do governo que seria de Tancredo e foi de Sarney, onde, sempre prestigiando a meritocracia, assentou jovens técnicos, alguns muitos que ele jamais conhecera, em cargos vitais para o êxito de sua passagem pela pasta. Foi do seu período, entre tantos feitos, o lançamento do Brasilsat 1, o primeiro satélite brasileiro de telecomunicações; o avanço da pesquisa e desenvolvimento tecnológicos, com um apoio incontestado do ministro ao Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Telebrás (CPQd), em Campinas, São Paulo; a interiorização e a internacionalização das comunicações telefônicas, e a sua incansável luta pela derrocada de uma lei, a da informática, herança da Ditadura Militar, que fechando as portas do país à entrada das novas tecnologias no setor, atravancou, por décadas, o acesso do Brasil aos avanços digitais que todo o resto do mundo já experimentava. Fato marcante que sempre gostava de alardear, ACM como ministro foi a primeira autoridade brasileira a por os pés em Havana depois que o Brasil, mal saído da Ditadura Militar, no governo José Sarney, veio a reatar as relações diplomáticas com Cuba, em evento que marcou a inauguração do sistema da Discagem Direta Internacional (DDI) entre as duas nações. Da sua passagem por Cuba nasce uma camaradagem tão profunda e duradoura com Fidel Castro que, sempre que vinha ao Brasil, dava o líder da revolução cubana um jeito de aparecer

na Bahia, nem que fosse para um frugal e descontraído convescote no sempre aconchegante apartamento residencial do baiano, no edifício Stela Maris, no bairro da Graça, de onde não saía sem antes, comer do arroz d'aussá, caruru, vatapá, moquecas de peixe e os indispensáveis doces e sorvetes caseiros de sobremesa, fazia questão de ir à cozinha da casa com dona Arlette Magalhães, amantíssima e dedicada esposa do líder baiano, cumprimentar as cozinheiras e seus auxiliares. Não foram poucas às vezes em que, de Cuba, chegavam para ACM potes abissais dos famosos sorvetes da conhecida sorveteria Copélia, de Havana, ou caixas de charutos que ele, que jamais fumou, vez por outra compartia, metodicamente, com os amigos mais próximos.

Duas vezes senador, ACM presidiu o Senado Federal, foi o autor da revolucionária Lei do Combate à Pobreza, brigou com aliados e adversários, peitou presidentes da República, contrariou poderosos, fez a casa respeitada e ouvida, sempre, nas grandes decisões nacionais. Ao morrer senador, em seu segundo mandato, já tinha presidido o Senado por dois períodos, preservando a sua marca de gestor inovador, ousado, destemido e respeitado.

Por tudo que vimos, ACM, como médico, foi um grande político! Diagnósticos, sempre os fez, de forma concisa e precisa, ao seu estilo, prevendo crises, provocando-as ou evitando-as. Em todos os mais graves momentos da vida nacional, lá estava Antonio Carlos, cinzelando suas opiniões com a agudez de afiado bisturi. Aviou receitas que evitaram – ou provocaram – golpes, suturou costuras políticas que fez e desfez presidentes. Com a força que tinha ao assomar à tribuna – estivesse ele na Assembleia Legislativa da Bahia, na Câmara ou no Senado Federal – fez assepsias definitivas em tumores e gangrenas que aqui e ali minavam o organismo da nação. Dissecou cadáveres da velha e da nova guarda do poder, exumou esquecidos esqueletos do conforto dos seus armários com a acuidade de um legista.

ACM foi um médico político, ou um político médico, como queiram. Em qualquer das definições que abracemos, que seja de conhecimento de todos, para sempre, que ninguém mais que ele amou a Bahia. E que ninguém mais que ele, até o último dos seus tempos, lutou por ela. Poucos dias após a sua morte, em 20 de julho de 2007, em

São Paulo, pediram-me que sintetizasse Antonio Carlos Magalhães em poucas linhas de escrita. O fiz de forma sucinta, telegráfica, quase que com a economia das três letras maiúsculas, apenas elas, que exprimem de forma mágica, para o sempre da eternidade, a sua figura – repito – extremamente singular: ACM!

– Se ele não existisse, teria que ser inventado!



PARTE III

# A TÍTULO DE CONCLUSÃO





## PONTO DE CHEGADA

---

*Zeny Duarte & Armando Malheiro*

Todo o leitor que se sentiu motivado a “agarrar” a dupla prosa deste livro – a mais “fria” e acadêmica usada para a apresentação indispensável do projeto que nasceu entre não-médicos, mas fascinados há muito pela evidência empírica de existir um número significativo de médicos consagrados a algo, aparentemente, muito díspar da profissão clínica, consagrados à cultura em geral, à literatura e às artes em particular, fenômeno interessante e merecedor de indagações e de análises que sejam possíveis; e a mais empolgante, tecida por estudiosos e pelos protagonistas, eles mesmos, na primeira pessoa, explicando ou simplesmente expressando essa alegada disparidade – e conseguiu chegar até aqui, espera-se que tenha percebido e sabido desfazer o equívoco. Edgar Morin, filósofo e sociólogo francês, com uma longa vida e uma obra sólida e incontornável, alertou-nos para a presença, na nossa vida, na natureza, no mundo e no cosmos que nos envolve da complexidade e por ser assim há que evitar oposições redutoras. Será que a Medicina pertence à esfera das Ciências Naturais oposto à cultura e ao regime das Ciências Sociais e Humanas?

Os testemunhos recolhidos, que não têm, nem precisam ter, relevância estatística, mas retratam circunstâncias especiais da vida, deci-

sões, sentimentos, preocupações e formas de sublimação de situações e horas dramáticas e “de limite”, configuram uma resposta à questão suscitada. E só por isso o esforço feito com o projeto “Os Médicos e a Cultura e o SiS Médicos e a Cultura”, valem a pena, porque se percebe a função terapêutica da escrita e das artes como moldaram e ajustaram a sensibilidade “artística” do médico no confronto diário com a morte de tantos e tantos impotentes – crianças, adolescentes, adultos e idosos. Todos sempre à mercê de um fim inevitável que cabe ao discípulo de Hipócrates adiar para novas e distantes calendas.

Com este trabalho pretendeu-se congregar os elementos iniciais e, pode dizer-se, “original” de um projeto com desdobramentos importantes. Ao princípio, a ideia era e ainda é mostrar a versatilidade “artística e cultural” dos médicos, enraizando-a, possivelmente, na especificidade ontológica da sua profissão de “salvadores” de corpos, não podendo ser indiferentes às emanções, *in extremis*, do “espírito”. Depois se alargou com uma deriva importante para a realização do Colóquio Internacional A Medicina na Era da Informação (Medinfor), cuja IV edição está prevista para 2017, no Porto, e em que a gestão da informação nos sistemas nacionais de saúde converteu-se em um eixo relevante, e outra não menos decisivo – o “SiS Médicos e a Cultura”, plataforma digital destinada a recensar todos os médicos portugueses e baianos com legados deixados à cultura e muito além da medicina.

A concretização em curso deste espinhoso, mas fundamental desdobramento, retirou qualquer preocupação de exaustividade à recolha que aqui apresentamos. Mas também é verdade que ela é insubstituível, acrescentamos ainda mais: ela pode ser – esperamos que seja! – geradora de uma adesão consciente e sólida ao uso e disseminação de um banco de dados, o qual por vez pode multiplicar para muitos e variados trabalhos futuros semelhantes a este e diferentes dele, porém todos valiosos e necessários ao dar corpo e longevidade a uma iniciativa ancorada na Ciência da Informação, pretendendo deixar marcas e consequências nos dois lados do Atlântico, irmanados por uma história e língua comuns.

## **SOBRE OS AUTORES E COLABORADORES**

### **ADEMIR SILVA**

Mestre em políticas públicas, gestão do conhecimento e desenvolvimento regional. Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e técnico em assuntos educacionais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Palestrante e Pesquisador. Áreas de atuação: Políticas públicas em educação superior; Processos formais e não formais em educação; Educação de adultos; Legislação educacional; Educação ambiental e geociências; História da educação e estudos étnico e afro-brasileiro.

### **ARMANDO MALHEIRO DA SILVA**

Diplomado em história pela Universidade do Porto, Portugal e em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa. Pós-graduado em Biblioteconomia e Arquivologia pela Universidade de Coimbra. Doutor em história contemporânea de Portugal pela Universidade do Minho. Professor associado com agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Destaca-se como professor convidado, pesquisador colaborador, orientador e consultor *Ad hoc* da maioria das universidades do Brasil. Possui uma rica produção bibliográfica em Portugal e em outros países.

## CARMEN MATOS ABREU

Licenciada em línguas e literaturas modernas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Mestrado em literatura inglesa e francesa com a dissertação *Saint-Évremond. Entre França e Inglaterra: uma visão comparatista da comédia Sir Politick Would-Be*. Doutorado em literatura portuguesa com a tese intitulada e *Júlio Dinis – Representações romanescas do corpo psicológico e social: influência e interferência da literatura inglesa*. Autora de inúmeros ensaios, entre eles: “As utopias (ou não) do conselheiro e do Sr. Vicente: propostas de Júlio Dinis e Eça de Queirós”; “A medicina e a tradição médica em Júlio Dinis: um estilete sentimental na ‘ciência do coração’”; “The nostalgic memory from The Vicar of Wakefield”. Autora do livro *Júlio Dinis: o romance português de raiz inglesa* publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba).

## CATARINA FERNANDES BARREIRA

Membro integrado do Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Doutora em ciências da arte pela Universidade de Lisboa, Portugal. Encontra-se a concluir um projeto de pós-doutorado com apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia sobre Os manuscritos iluminados do Mosteiro de Alcobaça dos séculos XIV e XV. Tem participado de congressos internacionais, orienta duas teses de doutorado e é coordenadora de um grupo de investigação no IEM.

## DANIEL SERRÃO

Médico pela Universidade do Porto, Portugal. Catedrático jubilado de anatomia patológica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Fundador e professor do curso de doutorado em Bioética da Universidade Católica Portuguesa. Foi membro da Academia para a Vida, fundada pelo Papa João Paulo II.

## **EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA**

Mestre e Ph.D em Educação, doutor e docente livre em Direito, professor emérito da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É Doutor Honoris Causa e autor de inúmeros livros, ensaios e artigos. Foi presidente Academia de Letras da Bahia, atualmente é membro da referida Instituição. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Educação, da Academia Portuguesa da História. Foi por duas vezes secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia. Atualmente é professor titular da Universidade Salvador (Unifacs).

## **FERNANDA MARIA MELO ALVES**

Docente, investigadora e coordenadora de projetos de cooperação internacional em Ciências da Informação na Universidad Carlos II de Madrid (UC3M), Espanha. Atualmente realiza Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

## **FERNANDO VITA**

Jornalista e escritor, autor dos romances: *Tirem a doidinha da sala que vai começar a novela* pela Editora Casa de Palavra, da Fundação Casa de Jorge Amado (2006); *Cartas Anônimas, uma hilariante história de intrigas, paixão e morte* publicado pela Geração Editorial (2011); *O avião de Noé, uma hilariante história de inventores, impostores, escritores e outros malucos de modo geral* publicado Geração Editorial (2014).

## **JOSÉ LUÍS DORIA**

Médico oftalmologista, aposentado. Foi chefe de serviço de Oftalmologia no Hospital Egas Moniz – Lisboa. Atuou como docente de oftalmologia e de história da medicina na Faculdade de Ciências Médicas – Lisboa e docente de oftalmologia da Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Lisboa. Atuou como presidente do Colégio da

Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos e foi representante português na União Europeia dos Médicos Especialistas em Oftalmologia. Atuou, também, como presidente da seção de história da medicina da SGL. Atualmente é médico classificador internacional do IPC e IBSA para desportistas com deficiência visual; coordenador da Comissão de Cultura dos Organismos Consultivos da CPLP; coordenador do Museu e Arquivo Histórico do Instituto de Higiene e Medicina Tropical – Lisboa; vice-presidente da Sociedade Portuguesa de História dos Hospitais.

### **JORGE RESENDE PEREIRA**

Médico pela Universidade do Porto, Portugal. Especialista em Neuroradiologia. Foi assistente de Neuroanatomia no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Tem como *hobby* a pintura, tendo realizado diversas exposições, designadamente na Ordem dos Médicos Portuguesa.

### **MARIA DA ASSUNÇÃO MONTEIRO**

Professora Catedrática de Literatura Portuguesa da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. Autora das publicações: *Camões de Simeone Sografi*, 1990; *Romantismo e Realismo no Amor de Perdição*, 1990; *Dialogismo e Narrativa em Vinte Horas de Liteira*, 1998; *O Conto no Diário de Miguel Torga*, 1998; *Da heteronímia em Eça de Queirós e Fernando Pessoa à alteronímia em Miguel Torga*, 2003; *Acerca de Miguel Torga... (Com depoimentos de Padre Avelino e cartas)*, 2003.

### **ROBERTO FIGUEIRA SANTOS**

Médico, pesquisador e professor emérito. Foi reitor e reformador da Universidade Federal da Bahia (1967-1971). Presidente do Conselho Federal da Educação e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foi Governador da Bahia (1975-1979), ministro da saúde e deputado federal. É o autor das publicações: “A universidade e os novos propósitos da sociedade brasileira”;

“Ensino médico e assistência à saúde”; “Reflexões sobre temas da atualidade”; “Desigualdades sociais, educação e ação política”; “Um mandato parlamentar a serviço das causas sociais”, “Vidas paralelas”, “Na Bahia das últimas décadas do século XX”. É presidente de honra do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e titular das Academias Nacional de Medicina, Letras da Bahia e Baiana de Educação, idealizador e preside a Academia de Ciências da Bahia.

### **RONALDO RIBEIRO JACOBINA**

Médico pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), possui mestrado em saúde comunitária pela UFBA e doutorado em saúde pública pela Fundação Oswaldo Cruz. É, atualmente, professor titular da UFBA, professor da Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho pela Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb). Tem experiência na área de saúde pública com ênfase em saúde mental. Áreas de atuação: Saúde mental; Psiquiatria social; História da psiquiatria; História da medicina baiana e do ensino médico na Bahia; Cidadania, saúde e educação em saúde.

### **ROBERT VERHINE**

Professor titular aposentado da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi Pró-reitor de Pós-Graduação (2010-2014) e também Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (1995-1998) pela referida Instituição, além de diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb) e membro-fundador da Academia de Ciências da Bahia.

### **TERESA MARIA COELHO DA SILVA**

Bibliotecária da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia e especialista em Arquivologia. Pesquisadora, principalmente sobre arquivos históricos, com projeto realizado no Arquivo Histórico da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (Fameb/UFBA). Palestrante de temas relacionados à Arquivologia no contexto



da Ciência da Informação. É coautora de artigos e comunicações com publicações em anais de evento técnico-científico nacional e internacional, em capítulo de livros e em periódicos.

## ZENY DUARTE

Professora titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Pós-doutorado em Ciência da Informação em Plataformas Digitais pela Universidade do Porto e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal. Doutora em Letras pela UFBA com pesquisa em doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Pós-graduada em Arquivologia pela UFBA e em documentação científica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em Conservation et de Restauration des Photographies pelo Musée Carnavalet e em Archivistique International pelos Archives Nationales de France. Escritora. Professora, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UFBA).



## COLOFÃO

FORMATO	16 x 23 cm
TIPOLOGIA	<i>Chaparral Pro</i> <i>Scala Sans Pro</i>
PAPEL	<i>Alcalino 75 g/m<sup>2</sup> (miolo)</i> <i>Cartão Supremo 300 g/m<sup>2</sup> (capa)</i>
IMPRESSÃO	EDUFBA
CAPA E ACABAMENTO	<i>Cian</i>
TIRAGEM	300

Este livro, produzido por Zeny Duarte e Armando Silva, a partir de estudos pós-doutorais, retrata a prática médica aliada à expressão artística, cultural e social de médicos que produziram para além da medicina. Sua leitura instiga conhecer a pluralidade vivenciada por esculápios, possuidores da devoção de cuidar da saúde do homem com maestria e transcendência. A nobre arte, que tangencia estágios distintos (nascer e morrer) demanda de seus artífices, a busca de outras avenidas de exteriorização, como forma de suportar a realidade da existência. Neste exemplar, a sensibilidade do médico-cultural é, portanto, o mote interposto pela pragmática da ciência com o sentimento (corpo e alma).

**Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira**

*Professora do Instituto de Ciência da Informação / UFBA  
Doutora em Educação / UFBA*

